

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM LETRAS**

**STEFANIE MARTIN**

**A AQUISIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO NO INGLÊS COMO L2**

**São Paulo  
2018**

**STEFANIE MARTIN**

**A AQUISIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO NO INGLÊS COMO L2**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Estudos: Linguagem e Cognição.

Orientador: Prof. Dr. Marcello Marcelino.

**São Paulo**

**2018**

**STEFANIE MARTIN**

**A AQUISIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO NO INGLÊS COMO L2**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Marcello Marcelino (Orientador)  
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

---

Profa. Dra. Mary Aizawa Kato (Titular Externo)  
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

---

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi (Titular Interno)  
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

---

Profa. Dra. Ana Elisa Machado Cysne (Suplente)  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

*“Come, it ’s pleased so far” thought Alice, and she went on, “Would you tell me, please, which way I ought to walk from here?” “That depends a good deal on where you want to get to”, said the Cat. “I don’t much care where”, said Alice. “Then it doesn’t matter which way you walk”, said the Cat.*

Lewis Carroll, Alice in Wonderland.

*The more languages differ, the more we discover they are the same*

Mark Baker

Para Marcello Marcelino,  
aquele que me guiou e me inspirou.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, Marcello Marcelino, pela coragem de acreditar em mim e de me desafiar desde o início. Marcello não só me ensinou linguística, como também me contagiou com a sua paixão por ela, me guiou, me questionou, me motivou e me inspirou a cada aula, a cada texto, a cada encontro. Graças a ele, esse árduo processo foi belo o tempo todo. Minha eterna gratidão a você, Marcello, que, em meio à linguística dura, consegue ser tão leve, humano e profissional. Nada disso teria sido possível sem você, Marcello. Nada.

Agradeço aos membros desta banca examinadora e aos da banca de qualificação pelas preciosas observações e contribuição: Rafael Minussi e Mary Kato.

Agradeço à Unifesp por me acolher tão bem como aluna. Em especial ao Rafael Minussi, Indaiá Bassani e Janderson Luiz Lemos de Souza pela inspiração, aulas e discussões riquíssimas. Ao Rafael, agradeço também pelas conversas, desabafos e músicas.

Agradeço à amiga e colega de trabalho Poliana Ferreira dos Santos que, em nossa primeira semana de trabalho juntas, me questionou sobre o porquê eu não me inscrevia no processo seletivo da Unifesp do mestrado em Letras. O exemplo dela me fez acreditar que seria possível viajar 600 quilômetros por semana para estudar o que eu gosto. Valeu cada quilômetro!

Agradeço aos meus professores de graduação Márcia Tomsic, José Marinho do Nascimento, Juarez Donizete Ambires e Irene Scótollo de Oliveira, pelo exemplo de pesquisadores que são e por toda a motivação.

Agradeço à Letícia Amaral, por toda a disponibilidade, ajuda e suporte. Foram tardes inteiras entendendo a teoria e desbravando árvores sintáticas. Letícia, pessoinha singular, o meu muito obrigada a você!

À Sarah Leite Vargas e à Patrícia Veloso, pela acolhida, amizade, confissões, discussões e convivência.

À Lisandra Lopes e ao Felipe Azevedo pela parceria, discussões, amizade, momentos de desespero e muito crescimento.

À Suhellen Lee, pela convivência e motivação diárias. Além, claro, da amizade, confissões e risadas. Guardo no coração.

Aos amigos Carlos Eduardo Toffoli, Ligia Corrêa e Mônica Vasconcelos, pelo companheirismo, incentivo e quartas-feiras de brincadeiras, comilanças e muito lazer. A amizade de vocês me confortou durante todo este processo.

Ao João Evangelista Netto, pela amizade, risadas, sensibilidade, companheirismo, inspiração, horas a fio de discussões e crescimento e pela paciência e abraços em meus momentos de desespero. A sua presença me fortaleceu. Você é laço.

Ao Alessandro Tavares da Silva, por toda motivação, alegria, risadas, exemplo, suporte e incentivo nos momentos finais da pesquisa e de transição pessoal, quando as forças para continuar quase não existiam. Você foi o anjo que eu precisava para este momento.

Ao meu pai, pelo exemplo de ser humano, que tão bem me ensinou a conquistar os meus sonhos.

À minha mãe, que me ensinou a ser forte e a não desistir daquilo que eu acredito.

Ao meu irmão, pela irmandade, em seu sentido mais sublime.

Aos meus segundos pais e irmão: Cida, Tato e Werner, por sempre acreditarem em meu potencial e por toda intercessão.

À minha família e amigos, que entenderam e respeitaram as minhas ausências, permanecendo comigo na distância e na oração.

Aos colegas de trabalho, pela torcida, pelo suporte e compreensão em todas as vezes em que eu precisei trocar o meu horário de atendimento.

Ao lazer: pilates, academia e dança, que garantiram a minha saúde e o meu equilíbrio psicológico.

Ao poder da oração que me sustentou durante toda esta jornada.

## RESUMO

Esta pesquisa se baseia nos pressupostos da Linguística Teórica da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1965, 1986) e investiga os fatores influenciadores da aquisição tardia do artigo definido *the*, em um contexto de segunda língua (L2), por falantes nativos do português brasileiro (PB). A partir de estudos (IONIN, 2003 e Ionin et al. 2004, 2008, 2009, 2011; KATO, 1974; ENÇ, 1991; LEECH e SVARTVIK, 2002; ALEXIADOU, 2004; LOPES, 2006; MARIÑAS, 2011; BALDÉ, 2011; SLABAKOVA, 2016; WHITE, 2017; dentre outros), procurou-se responder às seguintes indagações (i) Quais os erros mais comuns envolvendo a aquisição do artigo definido *the* por falantes nativos adultos do PB? Como se caracterizam esses erros? (ii) Quais são as diferenças gramaticais entre o artigo definido no inglês e no português? e (iii) Como esses falantes nativos do PB lidam gramaticalmente com os traços de definitude e especificidade em relação ao artigo definido quando estão adquirindo o inglês como L2? A análise da forma de apresentação do artigo definido em gramáticas de PB e inglês, em livros didáticos, em livros utilizados em cursos de idiomas e em cursos de Licenciatura em Letras Português/Inglês brasileiros, assim como o conceito de artigo apresentado em dicionários, também corroboraram a hipótese desta pesquisa. Dados de produção apontam para dois cenários de dificuldade na aquisição do artigo definido *the* por falantes nativos adultos do PB: o emprego de *bare nouns* (BN) – os brasileiros tendem a marcar fonologicamente os BN do inglês; e a substituição do possessivo pelo definido, como em *\*Alice was playing with her cat and the friends*. A minha hipótese para os dois tipos de erros reside no feixe de traços do artigo definido dessas duas línguas. Tanto o PB quanto o inglês apresentam um sistema de artigos marcados pela definitude e não pela especificidade. Contudo, o feixe de traços ‘artigo definido’ em PB não é o mesmo que o do inglês. Aquela traz consigo os valores de [ $\pm$  definido], [ $\pm$  genérico], [ $\pm$ feminino], [ $\pm$ plural] e [ $\pm$ possessivo]; ao passo que esta marca apenas o traço de [ $\pm$  definido]. Além disso, por serem duas línguas com artigo marcado pela definitude, o falante de PB primeira língua (L1), adquirindo o inglês L2, pensa erroneamente que basta substituir um pelo outro. Porém, conforme os dados indicam, os artigos do PB não parecem se equivaler ao do inglês. Essa simples substituição, entretanto, não é contraposta, de forma alguma, pelas gramáticas e livros didáticos voltados ao ensino de inglês para estrangeiros, oferecendo dados insuficientes para a construção da representação mental do artigo definido do inglês e sua aquisição como L2.

**Palavras-chave:** Linguística Teórica. Aquisição tardia de segunda língua. Artigo definido *the*. Traços.



## ABSTRACT

This research is based on the Generative literature (CHOMSKY, 1965, 1986) and it seeks factors influencing the late acquisition of the definite article *the*, in the second language context by Brazilian Portuguese native speakers. It is also based on second language acquisition studies ((IONIN, 2003, 2004, 2008, 2009, 2011; KATO, 1974; ENÇ, 1991; LEECH e SVARTVIK, 2002; ALEXIADOU, 2004; LOPES, 2006; MARINHAS, 2011; BALDÉ, 2011; SLABAKOVA, 2016; WHITE, 2017; among others) to answer the following questions: (i) What are the most common mistakes regarding the definite article *the* made by adult Brazilian native speakers acquiring English as an L2? (ii) What are the grammatical differences between the definite article in Portuguese and English? (iii) How do these learners deal with the grammatical features of definiteness and specificity in relation to the definite article when acquiring English as an L2? I also analyze how the definite article is presented in dictionaries, grammar books of Portuguese and English, textbooks, materials used in language courses and in Brazilian university language courses. The production data single out two mistakes made by the Brazilian L2 learners: Brazilians tend to phonologically mark the English bare nouns with the definite article; and they also use the definite article in place of the possessive adjectives in clauses such as *\*Alice was playing with her cat and **the** friends*. My hypothesis is based on the different sets of features contained in the definite articles present in both languages. The Portuguese definite article presents the features [ $\pm$  definiteness], [ $\pm$  genericity], [ $\pm$ female], [ $\pm$ plural] and [ $\pm$ possessiveness], while the English definite article only encodes [ $\pm$  definiteness]. Brazilian learners of English appear to realize the presence of definiteness in both languages and automatically transfer other BP features ([ $\pm$  genericity], and [ $\pm$ possessiveness]), resulting in the wrong use of the English definite article. This misinterpretation does not seem to be cleared out by the input in reference grammars, textbooks, and coursebooks designed for foreign students, thus making the definite article one of the most difficult aspects of the English language to be mastered by the Brazilian learners of English as an L2.

**Keywords:** Theoretical Linguistics. Late second language acquisition. Definite article *the*. Features.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Interlíngua: transferência e acesso na L2 .....	16
Tabela 2: Pré-determinantes, determinantes centrais e pós-determinantes .....	20
Tabela 3: Conceito de artigo definido .....	25
Tabela 4: Ordem de dificuldade de aquisição dos morfemas em L1 e L2 .....	31
Tabela 5: Parâmetro da Escolha do Artigo em PB e em inglês .....	33
Tabela 6: Emprego do the por russos em contexto de L2 .....	35
Tabela 7: Emprego do the por espanhóis em contexto de L2.....	36
Tabela 8: Definitude e especificidade em inglês .....	37
Tabela 9: Definitude e especificidade em PB.....	38
Tabela 10: As diferenças de uso do artigo entre PB e inglês .....	40
Tabela 11: Traços do artigo definido valorados em PB e inglês .....	49
Tabela 12: Marca morfológica de gênero e número em PB e em inglês.....	62
Tabela 13: Marca morfológica de definitude e especificidade no artigo definido .....	62
Tabela 14: Variação de traços em alemão, halkomelem e blackfoot .....	73
Tabela 15: Variação sintática em alemão, halkomelem e blackfoot .....	73
Tabela 16: Os artigos em PB e em inglês .....	81
Tabela 17: Diferenças na distribuição complementar do artigo definido em PB e em inglês.....	81
Tabela 18: Emprego do artigo no lugar do possessivo.....	83
Tabela 19: Uso do artigo definido em PB e em inglês .....	87
Tabela 20: Referência específica.....	94
Tabela 21: Feixe de traços do artigo definido em PB e em inglês .....	96
Tabela 22: Genericidade, definitude e especificidade em PB e em inglês .....	96
Tabela 23: Comparativo de marcação da definitude em PB e em inglês .....	102
Tabela 24: Uso do artigo em inglês – doenças 1 .....	102
Tabela 25: Uso do artigo em inglês – doenças 2 .....	102
Tabela 26: Dados de produção em inglês L2 por falantes do PB L1 .....	104
Tabela 27: <i>Bare nouns</i> em inglês – definitude e genericidade.....	107
Tabela 28: Definitude e genericidade em PB e em inglês .....	107
Tabela 29: Erros de produção – substituição do possessivo pelo artigo definido .....	108

Tabela 30: Erros de produção – construções genéricas em contextos anafóricos .....	109
Tabela 31: Erros de produção – construções definidas em contextos genéricos.....	109
Tabela 32: Dados de produção – substituição do possessivo pelo artigo: construções proibidas em inglês .....	113
Tabela 33: Possessividade no artigo definido do PB.....	115

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Língua-I, monolíngue .....	9
Figura 2: Língua-I, bilíngue sequencial.....	10
Figura 3: Problema Lógico da Aquisição .....	11
Figura 4: Aquisição de L1 .....	13
Figura 5: Parâmetro da Direcionalidade .....	17
Figura 6: Marcação de traços .....	50
Figura 7: Relação do NP com os referentes do discurso .....	59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABS – abstrato
- ACC – acusativo
- AL1 – aquisição de primeira língua
- AL2 – aquisição de segunda língua
- ANIM – animado
- BN – do inglês, *bare nouns*
- D – determinantes
- DAT – dativo
- DIST – distância
- DP – do inglês, *determiner phrase*
- EPP – Princípio da Projeção Estendida
- F – do inglês, *features* (traços)
- FA – do inglês, *full access* (acesso pleno)
- FEM – feminino
- FN – frase nominal
- FT – do inglês, *full transfer* (transferência plena)
- GT – Gramática Transformacional
- GU – Gramática Universal
- INAM – inanimado
- INV – invisível
- L1 – primeira língua
- L2 – segunda língua
- LG – do inglês, *logical form*
- LOC – localização
- MASC – masculino
- MSIH – The Missing Surface Inflection Hypothesis
- NumP – do inglês, *number phrase*

NOM – nominativo

NT – do inglês, *null transfer* (sem transferência)

NP – do inglês, *noun phrase* (frase nominal)

PA – do inglês, *partial access* (acesso parcial)

PB – português brasileiro

PEA – Parâmetro da Escolha do Artigo

PL – plural

PossP – do inglês, *possessive phrase* (frase possessiva)

PP – do inglês, *prepositional phrase* (frase preposicional)

PROX – proximidade

PT – do inglês, *partial transfer* (transferência parcial)

Q – quantificadores

SG – singular

SOV – sujeito, objeto, verbo

SVO – sujeito, verbo, objeto

VIS – visível

VP – do inglês, *verbal phrase* (frase verbal)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
1.1 QUESTÕES DE AQUISIÇÃO .....	10
1.2 O PROBLEMA LÓGICO DA AQUISIÇÃO .....	13
1.3 AQUISIÇÃO DE L2.....	15
1.4 METODOLOGIA .....	18
1.4.1 O <i>CORPUS</i> E OS SUJEITOS .....	18
1.4.2 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA .....	19
1.4.3 ANÁLISE DO CORPUS .....	19
2. OS DETERMINANTES .....	19
2.1 O ARTIGO DEFINIDO.....	21
2.2 ABORDAGEM AQUISICONAL (IONIN E BALDÉ).....	26
2.4 PRINCIPAIS DIFERENÇAS DE USO DO ARTIGO DEFINIDO EM PB E EM INGLÊS .....	39
3. TRAÇOS .....	44
3.1 A DEFINITUDE.....	51
3.2 A ESPECIFICIDADE.....	55
3.3 DEFINITUDE E ESPECIFICIDADE .....	59
4. ARTIGOS DEFINIDOS TRANSLINGUISTICAMENTE .....	71
4.1 A REALIZAÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS .....	81
4.2 A AQUISIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO NO INGLÊS COMO L2 .....	98
4.3 ANÁLISE DE DADOS .....	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	121

## 1. INTRODUÇÃO

Com base na Linguística Gerativa, este trabalho investiga a aquisição linguística em um contexto de segunda língua<sup>1</sup>, na tentativa de compreender o porquê falantes nativos adultos do português brasileiro (PB), em aquisição tardia, enfrentam dificuldade na aquisição do artigo definido *the* do inglês. Estudos anteriores (IONIN, 2003, 2004, 2009; BALDÉ, 2011) apontam para os traços de definitude e especificidade como fatores influenciadores de confusão na valoração dos traços do artigo, pois as línguas com sistema de artigos ou os codificam a partir da definitude ou a partir da especificidade. O falante de L2 precisa então valorá-los a partir dos dados do *input* que, em se tratando de artigos, dificilmente são suficientes, dificultando sua aquisição. Note que o artigo definido é um feixe de traços que vai além da definitude e especificidade. Línguas com artigo podem marcar outros traços nesse feixe, como por exemplo número e gênero, dentre outros. Contudo, os traços aqui explorados são os de definitude e especificidade a fim de descobrir se os falantes brasileiros em aquisição tardia de inglês L2 apresentam as mesmas dificuldades exploradas por Ionin (2003) para falantes de língua sem artigo com inglês L2. Para tanto, parto da Hipótese da Flutuação e do Parâmetro da Escolha do Artigo propostos por Ionin (2003) para responder ao meu questionamento. Apresento também um panorama sobre questões de aquisição de L2, disponibilizo o que a teoria entende por determinantes e artigos e faço uma análise diagnóstica de dados de produção para entender quais fatores envolvem a dificuldade na aquisição do artigo definido pelo público-alvo desta pesquisa.

Ante o exposto, lido com o conceito de aquisição de determinada L2. A aquisição de qualquer língua, seja L1, L2, Ln, requer o uso de nossa Faculdade da Linguagem, o aparato biológico disponível que capacita os seres humanos para tal. Segundo Chomsky (2012), aceita-se universalmente que o nosso crescimento, seja ele físico, cognitivo ou qualquer outro, está relacionado com dotação genética e pobreza de estímulos. A aquisição linguística funciona de forma análoga ao crescimento de nossos braços e pernas, por exemplo. Segundo o autor: o fato de termos braços e pernas não é determinado pela nossa nutrição, mas pela nossa pré-disposição genética. Em outras palavras, sem a Faculdade da Linguagem, não adiantaria a nossa exposição a dados

---

<sup>1</sup> São muitos os termos para se tratar de segunda língua: língua estrangeira, língua internacional, língua franca, língua adicional etc. Neste trabalho, será utilizado o termo L2, apenas, haja vista que várias das definições carregam em si elementos ideológicos ou baseados em contextos datados. Aqui, o termo L2 é mais abrangente e sua caracterização ficará clara ao longo do texto.



linguísticos. Seria como se propor a fazer atividade física desprovido dos membros. É isso o que nos diferencia dos outros animais linguisticamente falando, a nossa capacidade genética de adquirir língua.

Por gramática nuclear, por exemplo, entende-se o que resulta da fixação dos parâmetros da Gramática Universal (GU), ao passo que periferia marcada (ou gramática periférica) equivale à gramática resultante da aprendizagem consciente por instrução formal e evidência negativa<sup>2</sup>. Já o termo interlíngua foi introduzido por Larry Selinker em 1972 e se refere ao sistema linguístico da L2 em desenvolvimento no processo de aquisição de uma L2. Nas palavras de Selinker (1972, p. 214), para conceituar interlíngua, temos o seguinte:

*the existence of a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner's attempted production of a TL norm. This linguistic system we will call 'interlanguage'.*

De acordo com Selinker (1972), as estruturas superficiais de sentenças de interlíngua são compostas por a) enunciados na língua nativa do falante produzidos por ele mesmo; b) enunciados tipicamente de interlíngua produzidos pelo falante que está adquirindo a L2 e c) contato do aprendiz de L2 com os enunciados da língua-alvo produzidos por falantes nativos dessa L2. Para Correa (2007, p. 17-18),

a interlíngua pode ser caracterizada como um sistema linguístico desenvolvido por aprendizes de uma segunda língua e se caracteriza por ser a gramática mental de que os aprendizes de dada língua estrangeira dispõem para interpretar os dados dessa nova língua.

Ou seja, a interlíngua pode ser entendida como uma gramática diferente, tanto da gramática da L1 quanto da L2. E, é através dessa gramática, a interlíngua, que a aquisição da língua-alvo acontece. Kato (2005), por exemplo, compara a aquisição da escrita pela criança como sendo um processo de aquisição de segunda língua (AL2). Para a autora, o estado de língua que a criança atinge ao adquirir a escrita é semelhante ao processo de aquisição de L2, pois esse processo caracteriza uma interlíngua. Isso porque a aquisição da escrita é, sobretudo, a aquisição de uma segunda gramática, resultante de instrução formal e, por conseguinte, exposta à evidência negativa, diferentemente do que acontece em aquisição de L1 (AL1), em que a evidência negativa não exerce nenhum papel. Segundo Marcelino (2017), essa segunda gramática:

---

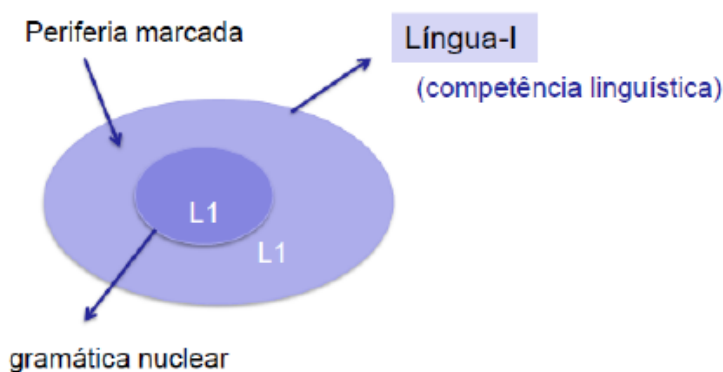
<sup>2</sup> Apresentação pontual do que é e do que não é permitido na língua.

Tem uma característica própria, resultante de todo o processo e também da interação das formas resultantes de marcação paramétrica e das formas aprendidas, durante o processo de escolarização, de forma ordenada e exposição formal à gramática normativa, seja através de correção, evidência negativa ou leitura de textos formais.

Em outras palavras, a aquisição da escrita em L1 pode ser equiparada a um estado de interlíngua similar ao que ocorre em AL2, pois o estado de língua- I atingido por falantes letrados passa a ser o resultado da interação entre a sua gramática nuclear, a sua periferia marcada e a sua segunda gramática: a escrita.

Mediante o exposto, assumo a ideia de que a aquisição de L2 equivalha a um estado estável de interlíngua. Atingir um estado estável de L2 é dizer que o aprendiz consegue ter gramáticas independentes entre si em sua mente, a da L1 e a da L2. Contudo, há estudos (WHITE, 2000; SLABAKOVA, 2016) comprovando que o que se realiza na mente do falante é um estado de interlíngua.

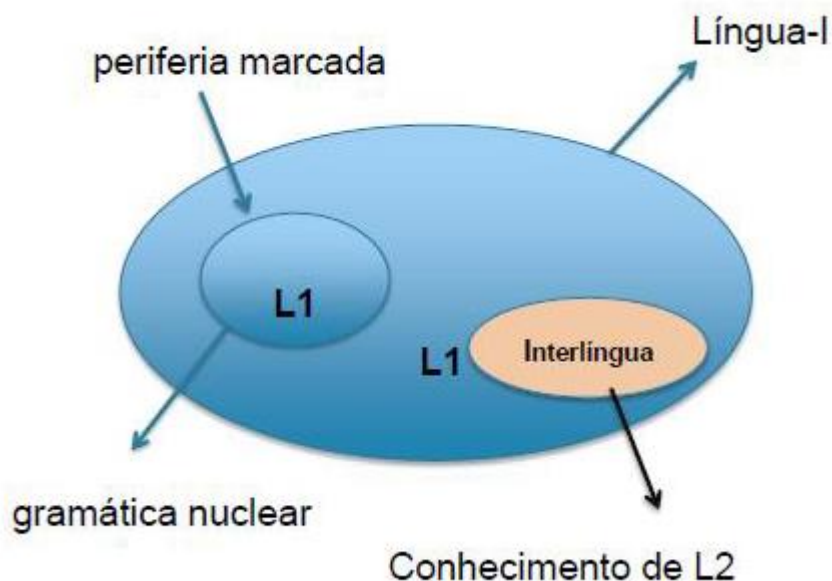
Segundo Slabakova (2016), a mente de um falante bilíngue<sup>3</sup> se comporta de forma diferente da de um monolíngue. A língua-I do monolíngue é o resultado da interação entre a sua gramática nuclear e a sua periferia marcada. Essa interação ocorre a partir das instruções recebidas pela L1, conforme ilustração de Marcelino (2017) baseado em Kato (2005):



**Figura 1: Língua-I, monolíngue**  
Marcelino (2017); Kato (2005)

A mente de falantes bilíngues não apresenta uma gramática para a L1 e outra para a L2 de forma independente. A gramática da L2 do bilíngue (ao menos o tardio/sequencial) é a interlíngua, uma gramática de L2 construída na periferia, conforme ilustra Marcelino (2017), com base em Kato (2005) e Gallego (2011):

<sup>3</sup> Ver Marcelino (2017) para aprofundar os diferentes usos deste termo.



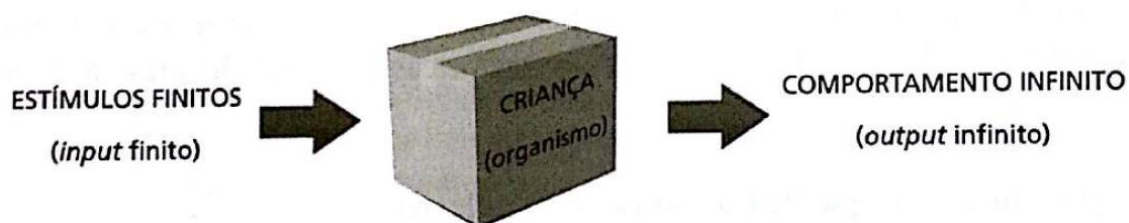
**Figura 2: Língua-I, bilíngue sequencial**  
Marcelino (2017)

Este trabalho, portanto, insere-se na perspectiva de estudo da interlíngua com base gerativista e pretende investigar, através de revisão relevante da literatura, a natureza, a forma de representação e o *locus* do artigo definido no PB e no inglês para entender os possíveis fatores que influenciam a aquisição do artigo definido *the* por falantes brasileiros adultos de PB. O entendimento desse processo irá corroborar a aquisição do artigo definido por tais falantes. Esta pesquisa busca responder o porquê esses falantes apresentam dificuldades na aquisição do artigo definido *the*. A seguir, serão abordadas brevemente questões mais gerais de aquisição, que oferecem questionamentos relevantes para a aquisição de L2.

### 1.1 Questões de Aquisição

Quando o assunto é aquisição de L1, a literatura a respeito é vasta e de certa forma é assumido o acesso à Gramática Universal (GU) na sua aquisição. O objeto de pesquisa de aquisição de L1 é o desenvolvimento, a natureza e a representação da língua-I, bem como o fascínio que a nossa competência linguística causa aos gerativistas diante do Problema de Platão, ou Pobreza de Estímulo, relativo ao nosso conhecimento linguístico. Isto é, a competência linguística, perfeita e precoce do ser humano mesmo diante de dados desorganizados, ou *input* caótico. É a nossa incrível capacidade de

produzir, desempenhar, dados infinitos a partir de dados finitos. Em suma, o Problema de Platão reside na recursividade da língua mesmo mediante a Pobreza de Estímulos. Chomsky (1986) fala sobre o problema lógico da aquisição, que é a questão de como seria possível a aquisição, em idade precoce, de dada língua para a criança sem que ela tenha sido exposta à instrução formal e tenha recebido apenas *input* caótico, mas suficiente para a aquisição da L1. Em suma, o problema de Platão questiona como a criança consegue adquirir a L1 a partir de dados finitos, conseguindo usar a recursividade da língua para gerar dados infinitos.



**Figura 3: Problema Lógico da Aquisição**

Fonte: Kenedy, 2013, p. 65.

Chomsky (1981) não só defende o inatismo linguístico, uma hipótese da Teoria Gerativa em resposta ao Problema de Platão, como também diferencia a língua sob dois aspectos, língua-E e língua-I. Cabe entendermos as nuances entre essas duas lentes para identificarmos o objeto estudado pela Gramática Gerativa. Enquanto aquela é externa, extensional, relacionada ao mundo social, à interação, à sua função política, histórica e cultural, voltada ao coletivo; esta, objeto de estudos chomskianos, é interna, individual e intencional. A língua-I é individual, pois se remete ao caráter único e particular de cada falante, não ao seu papel social – como a língua – E. Ela é interna e intencional por não se referir ao mundo exterior. Segundo o autor, a língua - I é a língua interna à mente do falante, sendo, portanto, aquilo que permite a realização da língua- E, a língua em sua função comunicativa. Em suma, podemos entender a língua-I como sendo o processo mental e a língua-E como o produto desse processo, em que o lugar de manifestação daquela é na própria mente humana e desta, na sociedade. Em outras palavras, temos competência e performance: aquela representando a capacidade linguística inata do ser humano e esta, o resultado da aquisição da língua via tal competência. Esta pesquisa, portanto, tem por objeto de estudo a caracterização da competência do falante bilíngue na aquisição tardia do artigo definido *the* por falantes nativos do PB. Estudos (IONIN, 2003 e IONIN et al., 2004, 2009) apontam favoravelmente para questões de acesso à

GU no que se refere aos valores de definitude e especificidade na aquisição desse feixe de traços em L2.

Naturalmente, as pesquisas em AL2 procuram identificar, entre outras coisas, a existência de conhecimento mediante a Pobreza de Estímulo (SCHWARTZ e SPROUSE, 2013; WHITE, 1985; MARCELINO, 2007, 2017) nos falantes de L2, constituindo assim, também, uma instância do Problema de Platão. Por outro lado, o cenário da aquisição do artigo definido parece ser o mesmo na L1 e na L2, pois existe acesso aos feixes de traços de definitude e especificidade em ambos os contextos (IONIN, 2003), assim como a Pobreza de Estímulo. O que parece dificultar essa aquisição em L2 é o fato de os *triggers* para a aquisição do artigo definido não serem facilmente identificáveis pelo falante e o *input* em L2 nem sempre é suficiente para a aquisição. Baldé (2011, p. 9) levanta essa questão ao dizer que *quanto a estímulos na aquisição de artigos, parece que os triggers não são facilmente observáveis no input ou têm caráter ambíguo*".

Lightfoot (1991) destaca que a teoria de aquisição de língua é seletiva: um organismo experiencia o ambiente ao seu redor e seleciona estímulos relevantes, de acordo com critérios que já estavam disponíveis internamente. Segundo Changeux (1980, 1983) apud Lightfoot (1991), aprender dada língua implica ampliar certas conexões e eliminar outras. Ao passo que essas outras conexões não são selecionadas, elas podem inclusive atrofiar-se, de acordo com os autores aqui mencionados. Conforme Lightfoot (1991), o ambiente seleciona valores particulares para os parâmetros da GU, que tem a capacidade de adquirir qualquer gramática humana, a partir de uma experiência apropriada de gatilho, de estímulo<sup>4</sup>. O autor define *trigger* como sendo um conjunto de sentenças aleatórias de um tipo que a criança ouve com frequência, feitas em contextos apropriados. Os *triggers*, para Lightfoot (1991), são dados robustos que incluem dados negativos sobre expressões que não ocorrem em dada língua. Além disso, a criança normalmente não está diretamente exposta a tais dados, mas indiretamente. Segundo o autor, o gatilho está contido nos dados de toda a experiência linguística do falante, mas ele não equivale a toda essa experiência<sup>5</sup>. Os gatilhos linguísticos são um subconjunto de toda a experiência linguística da criança.

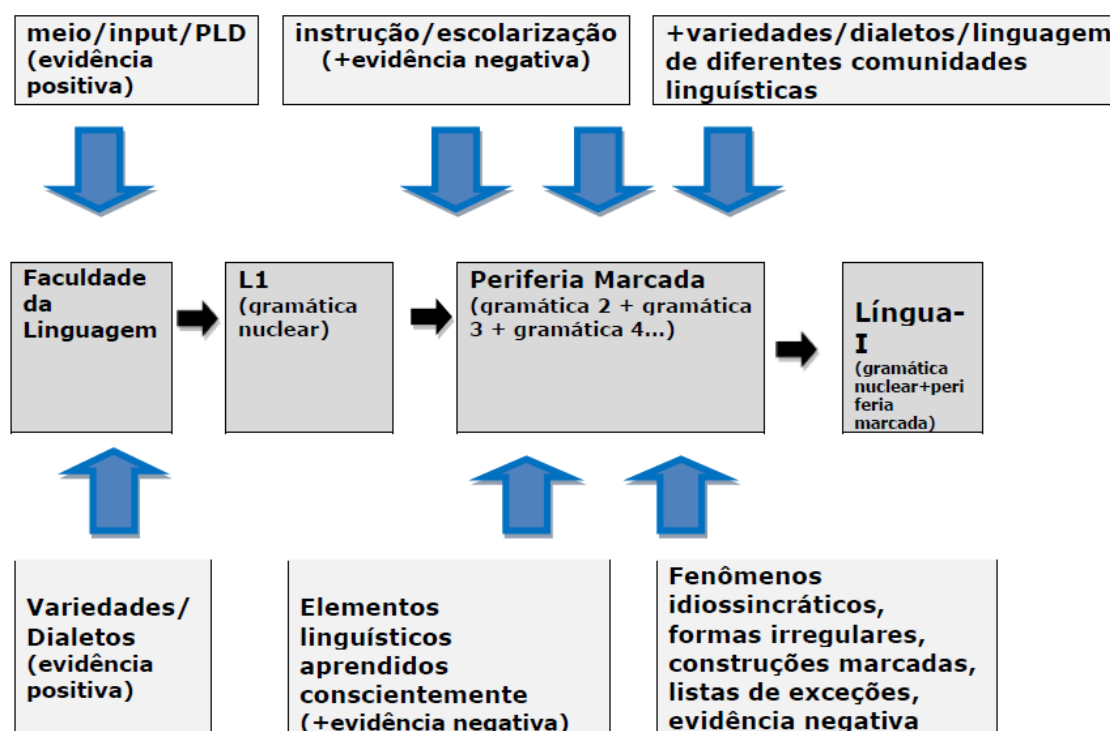
---

<sup>4</sup> No original: So the environment may be said to "select" particular values for the parameters of Universal Grammar. Universal Grammar must be able to support the acquisition of any human grammar, given an appropriate triggering experience. (Lightfoot, 1991, p. 2).

<sup>5</sup> No original: The trigger is something less than the total linguistic experience. Lightfoot (1991, p. 14).

## 1.2 O Problema Lógico da Aquisição

Como vimos acima, somos dotados biologicamente de uma faculdade da linguagem que nos capacita a adquirir língua. À luz da perspectiva gerativa, portanto, Marcelino (2017) ilustra, conforme imagem a seguir, como se dá o estado estável de aquisição da gramática de L1. Note que a periferia marcada é composta por várias gramáticas, dentre elas, a própria escrita. Essa ideia de a mente do falante comportar várias gramáticas de L1 é conhecida na literatura como bilinguismo universal (ROEPER, 1999).



**Figura 4: Aquisição de L1**  
Marcelino (2017)

Uma pergunta que se segue naturalmente é quais desses mecanismos estão presentes na AL2. Se aceitarmos que em AL1 o aprendiz é exposto a uma gramática desprovido, até então, de dados linguísticos anteriores e que mesmo assim desenvolve uma gramática completa, a pergunta lógica seria se o aprendiz de L2 é capaz de desenvolver conhecimentos que não lhe foram apresentados. A literatura em L2 (SCHWARTZ e SPROUSE, 2013; WHITE, 1985; MARCELINO, 2007, 2017) aponta nessa direção. Marcelino (2007, 2017), por exemplo, constata que falantes do PB

atingem aspectos da gramática de L2 do inglês no que tange à aquisição do Parâmetro da Composição<sup>6</sup> sem qualquer instrução formal a esse respeito. Isso corrobora o argumento da Pobreza de Estímulo e o acesso à GU em AL2. No entanto, a literatura voltada para a aquisição de L2 ainda carece de investigação e discussão. Em AL2, há várias posições sobre a questão do acesso e da transferência linguísticas, em que o acesso se refere à disponibilidade parcial, plena ou nula dos dados da GU e a transferência, à influência ou não da L1 na L2 e, se sim, em quais proporções. Não existe um consenso a esse respeito, o que justifica ainda mais a necessidade de pesquisas envolvendo contextos de AL2.

É dentro deste cenário que se insere esta pesquisa, que busca enriquecer os estudos de aquisição de segunda língua, analisando a aquisição do artigo definido *the* por falantes adultos nativos do PB a fim de responder às seguintes perguntas:

- a. Quais os erros mais comuns envolvendo a aquisição do artigo definido *the* por falantes nativos adultos do PB? Como se caracterizam esses erros?
- b. Quais são as diferenças gramaticais entre o artigo definido no inglês e no português?
- c. Como esses falantes nativos do PB lidam gramaticalmente com os traços de definitude e especificidade em relação ao artigo definido quando estão adquirindo o inglês como L2?

Responder a essas perguntas, ou criar hipóteses para elas, direciona as pesquisas e, até mesmo, os materiais didáticos de aquisição de L2. Uma vez que se entende o porquê a aquisição do artigo definido normalmente não acontece, consegue-se apresentar o que não funciona a esse respeito. Isto é, ainda que mais pesquisas sejam necessárias para direcionar a aquisição do definido *the* por falantes nativos do PB, saber o que não funciona, nesse processo, já é um ganho de tempo e de intelecto, e traz luz sobre o que talvez deva estar presente no material apresentado, oferecendo os melhores *triggers* possíveis de se disponibilizar via instrução formal. Como mencionado anteriormente, os materiais voltados ao ensino de língua inglesa para brasileiros são carentes de embasamento teórico-científico, o que pode empobrecer o *input* e dificultar o processo de aquisição, prejudicando o *input*, não resultando ao que se propõem: a aquisição da L2. Em especial, neste trabalho, os dados oferecidos ao aprendiz brasileiro

---

<sup>6</sup> Para aprofundamento, ver Snyder (1995) e Marcelino (2007, 2017).

de inglês como L2 não encontra informação suficiente para a reordenação dos traços, como será discutido ao longo deste trabalho.

Assim, o objetivo principal é investigar e caracterizar elementos influenciadores do processo de aquisição do artigo definido *the* por falantes brasileiros de inglês a fim de entender esse processo e corroborar as pesquisas de aquisição de L2. Os dados de produção apresentados no capítulo 4 indicam que essa dificuldade reside na diferença de marcação da definitude pela matriz fonética entre PB e inglês e, também, na substituição do possessivo pelo definido *the*. O PB necessita marcar a definitude pela matriz fonética em mais casos que o inglês. Ainda assim, o PB admite o emprego facultativo do artigo definido em diversas situações; ao passo que o inglês não. No inglês, ou se admite o artigo definido para marcar a definitude ou não se admite. Essa oscilação permitida pelo PB valora o traço de genericidade em alguns casos de forma errada, quando não se objetiva valorar tal traço.

### **1.3 Aquisição de L2**

Os estudos sobre aquisição de L2 assumem a existência de um estado inicial de gramática, estágios de interlíngua e um estável da língua-alvo. Contudo, as divergências começam com a visão de que cada abordagem tem sobre quais seriam esses estados inicial e final/ estável, bem como quais seriam os estágios da interlíngua, conforme podemos ver na ilustração a seguir.



	FT/PA	NT/FA	FT/FA	PT/FA	PT/PA
Initial State	L1	UG	L1	UG + parts of L1	Parts of UG + parts of L1
Grammar Development	UG principles (via L1)  L1 parameter settings + local adjustments  possibility of "wild" grammars	UG principles  L2 parameters settings  no wild grammars	UG principles  parameter resetting from L1 – L2/Ln  no wild grammars	UG principles  parameter resetting from L1 – L2  no wild grammars	Parts of UG + parts of L1 (some UG principles)  parameters associated with functional features remain unspecified  locally wild grammars
Final State	L1 (+local adjustments) L2 not attainable	L2	Ln (L2 possible but not inevitable)	L2 (Ln)	L2 not attainable
Linguists	Schwartz, Sprouse	Epstein, Flynn, Martohardjono, Platzack	Schwartz, Sprouse	Vainikka, Young-Scholten	Eubank, Beck, Aboutaj

**Tabela 1: Interlíngua: transferência e acesso na L2**

FT: full transfer; FA: full access; PT: partial transfer; PA: partial access; NT: no-transfer.

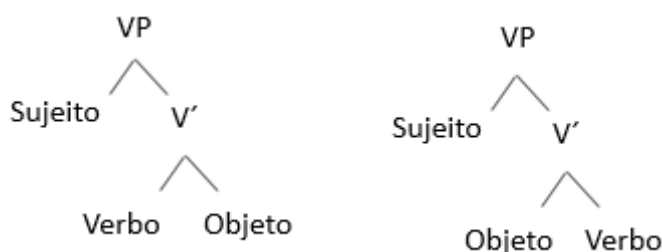
Fonte: adaptado. WHITE, Lidia (2000, p. 148).

No quadro acima, temos uma diferença entre transferência e acesso em AL2. O acesso se refere à disponibilidade parcial, plena ou nula dos dados da GU em AL2; enquanto a transferência está relacionada com a influência da L1 na L2 e, se sim, em quais proporções. Conforme apresentado no quadro acima, não existe um consenso sobre isso. Contudo, White (2000) sequer levanta a questão do não acesso, pois isso já está bem claro em sua visão: existe acesso. Além do mais, estudos já mencionados aqui (SCHWARTZ e SPROUSE, 2013; WHITE, 1985; MARCELINO, 2007, 2017) comprovam a existência de acesso, assim como a hipótese da Pobreza de Estímulo também em AL2. Outros estudos (WHITE, 2000; IONIN, 2003; MARIÑAS, 2011) também enriquecem a hipótese da transferência.

Uma vez que a Gramática Gerativa assume a existência de uma mente modular, não faria sentido sermos dotados geneticamente de um módulo linguístico que fosse simplesmente inutilizado, após nos prover de competência suficiente para adquirirmos a

nossa língua nativa. Sendo assim, esta pesquisa se insere na vertente de acesso e transferência linguística.

Segundo Grédis (2016), há, entretanto, autores e pesquisadores que não assumem a hipótese de acesso à GU, pois acreditam que ela não estaria mais disponível para o falante após o Período Crítico. A autora cita Johnson e Newport, 1991; Meisel, 1997 e Bley-Vroman, 1989 como exemplos de linguistas contra o acesso. Há também quem discorde da possibilidade de transferência por defenderem que a L1 não exerce nenhuma influência na aquisição de dada L2. White (2000) cita Epstein, Flyin e Martohardjono (1996) como exemplos. Segundo Slabakova (2016), o debate sobre esses dois processos eclodiu no meio dos anos 90 com o Parâmetro da Direcionalidade<sup>7</sup>, conforme estrutura a seguir do inglês (SVO) e do japonês (SOV).



**Figura 5: Parâmetro da Direcionalidade**  
SLABAKOVA (2016, p. 216)

Contudo, pesquisas como as de Ionin (2003) e Baldé (2011) apresentam dados que corroboram tanto o argumento de acesso, quanto o de transferência linguística. Note que Vainikka e Young Scholten (1994, 1996) apontam para a transferência parcial de uma língua para outra, pois, para as autoras, a transferência pode ocorrer entre categorias lexicais, mas não entre categorias funcionais, que por sua vez, é o caso do artigo definido.

Observando os modelos expostos e os estudos apresentados, eu entendo que a nossa questão nas pesquisas sobre AL2 não é mais sobre a existência ou não de acesso e transferência. Existe acesso e existe transferência. Afinal, somos dotados de uma faculdade da linguagem, lugar onde residem os princípios universais das línguas, que nos capacita a adquirir a L1 a partir de *input* rico e desordenado com evidência positiva. Esse cenário somado às condições de evidência positiva e Pobreza de Estímulo resulta em nossa língua-I e nos caracteriza como bilíngues universais, segundo Roeper (1999).

---

<sup>7</sup> Relativo à ordem dos morfemas nas línguas, se sujeito-verbo-objeto (SVO) ou sujeito-objeto-verbo (SOV).

Nosso estado de bilíngues universais é caracterizado pelo fato de sermos constituídos por várias gramáticas de L1. Nossa faculdade da linguagem nos capacita a adquirir outros sistemas linguísticos como a L2, exigindo a remarcação de alguns parâmetros e a reordenação de alguns traços. E, assim como a AL1, a AL2 também está sujeita ao argumento da Pobreza de Estímulos, porém com a presença de *input* organizado e de evidência negativa.

Entende-se por parâmetros o que a teoria (Chomsky, 1981) avalia como a parte variável entre as línguas, como por exemplo, o Parâmetro do Sujeito Nulo: toda sentença possui sujeito, mas nem toda língua exige a sua matriz fonética<sup>8</sup>. O inglês é um exemplo de língua negativamente marcada para sujeito nulo, pois ele exige a marca morfofonológica de sujeito; ao passo que o PB tem sido considerada uma língua que admite tanto a sua marcação como a sua não marcação.

## **1.4 Metodologia**

O levantamento bibliográfico de livros didáticos, gramáticas tradicionais e históricas, livros de cursos de idiomas, bem como pesquisas anteriores sobre aquisição de L1 e L2, sobre o artigo definido e os dados de produção corroboraram o direcionamento do problema de pesquisa. A análise dos dados de produção escrita (espontânea) indicou uma das principais dificuldades de aquisição do artigo definido *the* por falantes de PB L1: os aprendizes julgam os artigos do PB e do inglês como equivalentes. Eu faço uma descrição do artigo definido e guio meu trabalho com o intuito de dar conta de dados específicos de produção com erro de definidos por aprendizes de alta proficiência. Minha pesquisa contempla um erro específico e recorrente em dados de produção: a transferência equivocada do traço possessivo do artigo do PB para o *the*. Embora este estudo não seja exaustivo, ele pode servir como orientação para estudos futuros e mais abrangentes, que tentem dar conta do definido também em outros contextos.

### **1.4.1 O CORPUS E OS SUJEITOS**

---

<sup>8</sup> Existe ampla discussão sobre o PB ser ou não ser língua de sujeito nulo. Para aprofundamento na discussão, ver Figueiredo (1996); Camacho (2016); Saab (2016); Kato (2000, 2017); Duarte (1993, 2000, 2017).

O *corpus* adotado é composto somente por dados de produção de falantes de PB L1 e se subdivide em dois: dezesseis *reports* sobre o desenvolvimento das crianças, com média de duas mil palavras cada, produzidos por dez professores entre 23 e 43 anos de uma escola bilíngue de alto padrão, localizada na região central de São Paulo; e quatrocentas e quatorze (414) redações do *International Corpus of Learner English* (CLE)<sup>9</sup>. Eu analisei 414 textos argumentativos do BR-ICLE, com média de 500 palavras cada, redigidas por estudantes universitários com PB L1 e inglês L2 sobre as seguintes temáticas: o crime não compensa, sistema prisional, qual o preparo que as universidades oferecem aos estudantes para exercer suas profissões na vida real, o papel da censura na sociedade do Oeste, Marxismo e religião, serviço militar, feminismo, A Revolução dos Bichos de George Orwell, dinheiro é a raiz do mal, citação de Victor Hugo *How sad it is to think that nature is calling out but humanity refuses to pay heed*, impacto da tecnologia na sociedade.

#### **1.4.2 Identificação do Problema**

A partir da análise bibliográfica e do meu *corpora*, identifiquei que tanto os professores de inglês quanto os alunos universitários entendem que o artigo definido em PB e em inglês são equivalentes, embora os artigos não valorem os mesmos traços. Além disso, esses falantes, aprendizes brasileiros de inglês como L2 empregam o definido *the* no lugar dos possessivos, seguindo uma construção tipicamente do português. Tal constatação sustenta ainda mais a Hipótese da Flutuação e de Ionin (2003), conforme explico na seção 2.2.

#### **1.4.3 Análise do corpus**

Eu analisei os dados de produção com o auxílio do *software* AntConc, que me trouxe mais de onze mil ocorrências do artigo definido dentro do *corpus* selecionado, chamando maior atenção para as ocorrências de substituição do possessivo pelo definido. Todos os dados aqui apresentados têm caráter diagnóstico e qualitativo e não esgotam as dificuldades de aquisição do artigo definido no inglês como L2.

## **2. OS DETERMINANTES**

---

<sup>9</sup> PINTO, Veirano Marcia. *O uso de things, thing, anything, something e everything em corpora de aprendiz*. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: PUC, 2008. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/6106147/O\\_uso\\_de\\_thing\\_things\\_anything\\_something\\_and\\_everything\\_em\\_corpora\\_de\\_aprendiz](https://www.academia.edu/6106147/O_uso_de_thing_things_anything_something_and_everything_em_corpora_de_aprendiz)>. Acesso em: 14 maio 2018.

Neste capítulo, apresento o objeto de investigação deste trabalho e, na sequência, a sua abordagem aquisicional.

O artigo definido é uma subclasse dos determinantes. Apresento, portanto, a estrutura dos determinantes a fim de que melhor localizemos onde o artigo definido se insere.

Os determinantes são elementos utilizados para especificar o alcance de referência de um nome, marcando a sua definitude, indefinitude ou indicando a sua quantidade, de acordo com Leech e Svartvik (2002, p. 206):

(1)

a. The boys

Os garotos

b. A boy

Um garoto

c. Many boys

Muitos garotos

Eles se subdividem em pré-determinantes, determinantes e pós-determinantes, conforme Leech e Svartvik (2002, p. 206):

**Tabela 2: Pré-determinantes, determinantes centrais e pós-determinantes**

<b>Pré-determinantes</b>	<b>Determinantes centrais</b>	<b>Pós-determinantes</b>
All, both, half Double, twice, etc One-third, etc What, such, etc	Artigos: the, a(n) Demonstrativos: this, these, that, those Possessivos: my, your, etc e genitivos Quantificadores: some, any, no, every, each, either, neither, enough, much	Números cardinais: one, two, etc Números ordinais: first, second, etc Ordinais gerais: next, last, other, etc Quantificadores: many, few, little, several, more, less, etc

	Determinantes WH: what (ever), which (ever), whoever, whose	
--	---	--

Fonte: Leech e Svartvik (2002, p. 206)

A escolha dos determinantes está relacionada com a *noun phrase* (NP) que o segue. Há três tipos de nomes com os quais os determinantes podem ocorrer<sup>10</sup>: NP contável, singular (*bottle/ garrafa*); NP contável, plural (*bottles/ garrafas*); nomes massivos<sup>11</sup> (*music/ música*). Os determinantes pré, nucleares e pós sempre precedem o NP ao qual eles se referem, mas licenciam diferentes posições na estrutura quando comparados entre si. Os determinantes nucleares, como o artigo definido, admitem a ocorrência de pré e pós-determinantes em relação a sua posição na sentença, conforme exemplos.

(2)

- a. **Toda** a comida queimou (pré-determinante)
- b. A outra **metade** da goiaba caiu no chão (pré-determinante)
- c. A Antonella é a **primeira** da fila (pós-determinante)
- d. Você descera na **próxima** estação (pós-determinante)

## 2.1 O Artigo Definido

O impasse inicial sobre o determinante artigo definido reside justamente em seu conceito. Para tanto, iniciemos com as definições tradicionais encontradas em PB e em inglês:

O dicionário Aurélio define artigo como sendo o

Termo que, normalmente, antecede um substantivo, nome, determinando-o ou indeterminando-o; concorda com o mesmo em gênero e número; classificam-se, por isso, em: artigos definidos ou artigos indefinidos.

E caracteriza o artigo definido como sendo o termo

<sup>10</sup> Os exemplos são de Leech e Svartvik (2002, p. 206).

<sup>11</sup> A massividade do NP varia de língua para língua. O NP *música*, por exemplo, é usado como contável e como abstrato em PB; ao passo que o inglês o usa como massivo e disponibiliza o NP *song* para atingir a sua função contável.

Que possui a função ou capacidade de identificar algo ou alguém e, para tal, pressupõe-se conhecimento sobre o que se fala, sobre o assunto em questão; são artigos definidos - o, a, os, as: preciso que você me devolva o livro.

Já segundo Ionin (2003), os artigos codificam a definitude ou a especificidade. Então, o conceito de artigo apresentado pelo Aurélio é limitado, pois ele não contempla o sistema de artigos de línguas que os marcam pela sua especificidade. Entende-se por especificidade a referência a um indivíduo único e portador de uma propriedade notória dentro de um conjunto denotado pelo NP, segundo IONIN et al (2009).

Por sua vez, gramáticas de ensino de língua inglesa e de língua portuguesa amplamente utilizadas em ensino de idiomas e cursos de Letras no Brasil, como por exemplo as de Murphy (2004), Azar (1985), Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2007) apresentam o conceito de artigos sem aprofundamento. A gramática de Murphy (2004), uma das mais bem quistas em cursos de idiomas e licenciatura em Letras sequer apresenta um conceito para os artigos. O material se limita a apresentar uma lista imensa de usos e não usos do artigo definido em inglês. O único conceito mencionado, mas que não se aplica a tudo, é o de ideia geral e específica sem, contudo, conceituar essas duas ideias. O autor segue o mesmo padrão ao abordar o artigo indefinido e a ausência do definido.

A gramática de Leech e Svartvik (2002), de cunho mais linguístico, caracteriza os determinantes como sendo palavras que especificam a variedade de referências dos nomes de diversas formas, pela definitude, pela indefinitude ou pela quantidade; apresenta o artigo como uma subclasse dos determinantes e delimita o seu emprego do para quando nós presumimos que tanto o falante quanto o ouvinte sabem sobre o que se está sendo falado<sup>12</sup>. Ou seja, Leech e Svartvik (2002) partem do mesmo conceito de definitude de Ionin (2009) para conceituar o artigo definido, mas também apresentam o seu uso em contexto [-definido, +específico], como se vê em c. Além de elencarem quatro situações em que usamos o definido.

- a. Quando há uma identidade estabelecida anteriormente, normalmente referenciada por um indefinido. Ex.: *John bought a TV and a radio, but he returned the radio (anáfora)*;  
(O João comprou uma TV e um rádio, mas ele devolveu o rádio)
- b. Quando há uma identidade estabelecida por pós-modificação. Ex.: *John returned the radio he bought yesterday (forward-pointing)*;

---

<sup>12</sup> No original: *when we use the definite article 'the' we presume that both we and the hearer know what is being talked about* (SVARTVIK, 2002, p. 35).

(O João devolveu o rádio que ele comprou ontem)

- c. Quando o objeto – ou seu conjunto – é único. Ex.: *the stars, the Earth, the human race* (uso único); (As estrelas, a Terra, a raça humana)
- d. Quando a referência é feita por uma instituição compartilhada pela comunidade. Ex.: *the radio, the television* (uso institucional). (O rádio, a televisão)

Leech e Svartvik (2002) também apresentam as ideias de uso genérico e específico, bem como de nomes concretos e abstratos-massivos.

As gramáticas de língua portuguesa (BECHARA, 2006; CUNHA e CINTRA, 2007) e livros de exercícios (SWAN e WALTER, 1997; DIXSON, 2007;) também conceituam o artigo definido superficialmente:

Dá-se o nome de *artigos* às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar: a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência [...] (CINTRA e CUNHA, 2007, p. 219).

Chama-se *artigo definido* ou simplesmente artigo *o, a, os, as* que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos (BECHARA, 2006, p. 122).

Bechara (2006, p. 122) acrescenta a função de valor atualizador do artigo, ao dizer:

Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor atualizador do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente conhecido do ouvinte).

A gramática de língua inglesa de Leech e Svartvik (2002, p. 35) define o artigo definido a partir do traço de definitude adotado por Ionin (2003). Para os autores, nós usamos o artigo definido *the* quando nós presumimos que tanto o falante quanto o ouvinte conhecem sobre o que se está falando<sup>13</sup>.

Em se tratando de livros de ensino e exercícios de inglês, Swan e Walter, (1997); Dixon, (2007) conceituam o artigo definido de forma solta e vazia mesmo com o intervalo de 10 anos entre um material e outro.

---

<sup>13</sup> No original: *When we use the definite article 'the' we presume that both we and the hearer know what is being talked about* (LEECH e SVARTVIK, 2002, p. 35).



*The* is the definite article. It refers to a particular object: *the book that I am reading is on the table* (DIXTON, 2007, p. 54).

*The* means you know which one/ ones I mean (SWAN e WALTER, 1997, p. 21).

Segundo Kato (1974), a problemática do artigo definido começa na complexidade de se delimitar as suas regras de uso, dificultando a sua aquisição em um contexto de AL2. A autora, portanto, justifica o uso do artigo definido a partir do seguinte, a saber:

*A frase nominal-sujeito conterá o artigo definido:*

- a) *Se, e somente se o conjunto por ela denotado pertencer ao universo do discurso;*
- b) *Se a asserção contida na frase verbal é válida para todos os elementos do conjunto;*
- c) *Somente para o Inglês: se o conjunto é um conjunto quantificável, enumerável ou não*  
(KATO, 1974, p. 14).

Diante do exposto, podemos entender que a representação semântica do artigo definido é tarefa complexa e vinculada a elementos outrora não considerados pela Teoria – Padrão, como foco e pressuposição nas regras transformacionais. Esse cenário provocou reformulações na teoria por duas alternativas. Uma delas, GT-3B, assumiu a geração (hoje inserção) do artigo na estrutura profunda; a outra (GT-3A), proposta por Chomsky (1971) apud Kato (1974), defende a sua geração na estrutura superficial. Contudo, uma vez que – no estado atual da teoria – as estruturas profunda e superficial foram eliminadas, ainda nos resta entender e explicar como e onde o artigo definido é gerado. Abney (1989), por sua vez, afirma que os elementos funcionais, tais como os determinantes:

- a. Permitem apenas um complemento;
- b. Esse complemento normalmente não é um argumento, contrariando a fala de (HIGGINBOTHAM, 1935; STOWELL, 1989, entre outros, apud GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO, 2009), de que a função central do determinante é transformar o predador em argumento;
- c. Normalmente os elementos funcionais são inseparáveis de seus complementos, como ocorre com o definido em relação ao NP;
- d. Sua contribuição semântica é de segundo plano;
- e. Selecionam predadores como argumentos;
- f. A seleção de D obedece às restrições impostas por N;
- g. Os determinantes lexicais estão em distribuição complementar com os pronomes possessivos, ocupando a mesma posição na estrutura. O que

inviabiliza a co-ocorrência desses elementos. Por sua vez, diferentemente do inglês, o PB permite essa co-ocorrência;

- h. O artigo definido faz parte dos determinantes que não se realizam sozinhos. Eles exigem complemento: NP.

Por mais complexo que seja tratar sobre o artigo definido, ele existe e precisa ser adquirido pelos falantes e, por isso, precisamos entender os fatores influenciadores de sua aquisição. Em se tratando especificamente dos casos de AL2, enfrentamos uma teoria truncada que, por vezes, consegue dificultar ainda mais esse processo de aquisição. Kato (1974) expõe a necessidade de se explicar como e quando o artigo definido é empregado, não se limitando à interpretação de seu significado e o próprio Chomsky (1962) apud Kato (1974) se atentou ao problema de aquisição do artigo definido, conforme citação abaixo:

It is necessary to put in a transformation that tells you when you get *a* and you get *the*. Unfortunately the transformation is complicated, and I do not know how to state it exactly (CHOMSKY, 1962, p. 165).<sup>14</sup>

Em linhas gerais o que a literatura sobre o conceito de artigo definido apresenta a professores e alunos pode ser resumido no quadro abaixo.

**Tabela 3: Conceito de artigo definido**

Conceito de artigo definido	Fonte
<p>Termo que possui a função ou capacidade de identificar algo ou alguém e, para tal, pressupõe-se conhecimento sobre o que se fala, sobre o assunto em questão; são artigos definidos - o, a, os, as: preciso que você me devolva o livro.</p> <p>O nome gramatical para a palavra “the” em inglês ou para as palavras que têm uso similar em outras línguas.<sup>15</sup></p> <p>Um artigo, como o “the”, que classifica como identificável ou definido o nome que ele modifica.<sup>16</sup></p>	<p>Dicionários:</p> <p>Aurélio</p> <p>Cambridge</p> <p>Thesaurus</p>
Os artigos são conceituados pelo conhecimento do referente compartilhado entre os interlocutores, ou seja, pela definitude.	Gramáticas de PB e inglês

<sup>14</sup> CHOMSKY. *Third Texas Conference on Problems of Linguistic Analysis in English*. May – 9/12/58. Studies in American English. Austin, Texas: The University of Texas, 1962. p. 165 (YOTSUKURA, 1970 apud KATO, 1974).

<sup>15</sup> No original: *The grammatical name for the word “the” in English, or the words in other languages that have a similar use.*

<sup>16</sup> No original: *An article, as English “the”, that classes as identified or definite the noun it modifies.*

Os determinantes são elementos utilizados para especificar o alcance de referência de um nome, marcando a sua definitude, indefinitude ou indicando a sua quantidade.	<i>A communicative grammar of English</i> (Leech e Svartvik (2002)
Refere-se a um objeto em particular e indica que o referente é conhecido pelo falante e pelo ouvinte.	Livros de ensino de inglês para estrangeiros

Em suma, a informação presente nos livros de ensino de inglês é escassa e o *input* desses materiais não é suficiente para favorecer a aquisição do artigo definido. Tendo em vista a vagueza do material consultado sobre a aquisição do artigo definido, bem como estudos (IONIN, 2003, 2008, 2009) constatarem a dificuldade de aquisição desse item lexical em L2, apresento uma abordagem aquisicional dos artigos definidos em L2.

## 2.2 Abordagem Aquisicional (Ionin e Baldé)

A seguir, caracterizo a abordagem aquisicional em que a investigação se insere.

Conforme estudos de Ionin (2003, 2009) e Baldé (2011), o sistema de línguas com artigo o codificam pela sua definitude ou pela sua especificidade. Se um falante de língua com artigo estiver adquirindo outra língua com artigo, mas essas línguas codificarem esse determinante de formas distintas, uma pela definitude e outra pela especificidade, o falante flutuará entre os valores da L1 e da L2, pois ele transferirá inicialmente os dados contidos em sua L1, até que ele receba *input* rico e suficiente para fazer a marcação adequada. Pode ocorrer de o falante, contudo, não receber *input* suficiente e valorar o artigo da mesma forma de sua L1. Essa flutuação entre os valores da L1 e da L2 é proposta por Ionin (2003) como a Hipótese da Flutuação.

Dessa forma, o meu questionamento não é sobre a presença ou não de acesso e transferência, pois esta pesquisa se enquadra na vertente de que esses dois processos fazem parte de contextos de AL2. O fator crucial para a aquisição de uma segunda língua então não gira em torno desses fatores e nem tanto da idade do falante em si, como já foi amplamente discutido na literatura, mas, segundo Slabakova (2016), o principal fator para a AL2 é o *input* ao qual o aprendiz é exposto. A autora apresenta três fatores que justificam a sua posição:

1) mesmo que uma criança adquiriria duas línguas desde o seu nascimento, uma delas será enfraquecida devido às horas de exposição e uso dessa língua.

2) crianças e adultos percorrem os mesmos caminhos e cometem os mesmos erros de desenvolvimento em aquisição de segunda língua, respeitados certos limites.

3) existe a possibilidade de aquisição máxima em algumas áreas da gramática, mesmo quando esse processo comece em fase adulta.

De acordo com Wartenburger et al. (2003), referenciado também por Slabakova (2016), a idade de aquisição parece influenciar mais nos processos neurais de julgamento gramatical que no nível de proficiência em si. O papel do *input* é essencial para o sucesso na aquisição linguística superando a influência Período Crítico em alguns módulos da gramática e, por isso, ele precisa ser contínuo na comunicação da língua-alvo. Isso parece ser uma inovação nos estudos de AL2.

Devido às influências dos estudos de AL1, o sucesso pleno na aquisição bilíngue de L1 apresenta-se normalmente de forma irrefutável, o que é ainda historicamente corroborado pela visão tradicional de bilinguismo, comumente atribuída a Bloomfield (1933). Da mesma forma, desenvolveu-se uma crença de que a AL2 é sempre incompleta, inferior e inacabada se for após certa idade, conforme estudos sobre o Período Crítico (BIRDSONG, 2009).

Para os fins desta pesquisa, objetiva-se responder aos seguintes questionamentos referentes à aquisição do artigo definido *the* do inglês por falantes nativos adultos do PB:

- a. Quais os erros mais comuns envolvendo a aquisição do artigo definido *the* falantes nativos adultos do PB? Como se caracterizam esses erros?
- b. Quais são as diferenças entre o artigo definido no inglês e no português no que tange a sua aquisição?
- c. Como esses falantes nativos do PB lidam com os traços de definitude e especificidade em relação ao artigo definido quando estão adquirindo o inglês como L2?

De acordo com Ionin (2003), línguas com sistema de artigos os codificam ou pelo seu traço de definitude ou pelo seu traço de especificidade. Desenvolverei a questão dos traços no capítulo 3. Os dados<sup>17</sup> dessas duas línguas nos mostram que elas apresentam marca morfológica para a definitude, representada pelo artigo definido, ainda que Lyons

---

<sup>17</sup> Os exemplos 1a e 2a são de Ionin (2009, p. 338) com suas respectivas formas em PB feitas pela autora desta pesquisa. Os exemplos 2b, 2c e 2d são da própria pesquisadora.

(1999) e Du Boi (1980) apud Vargas (2006) afirmem que existe uma relação de não dependência entre a marcação morfológica e o traço de definitude.

Contexto [+definido, +específico]

- (3) I want to talk to the winner of this race (she's a good friend of mine)  
Eu quero falar com a vencedora da corrida (ela é uma grande amiga minha)

Contexto [+definido, -específico]

- (4a) I want to talk to the winner of this race (whoever that happens to be)  
Eu quero falar com o vencedor o da corrida (seja quem for)
- (4b) Ø Blue is a beautiful color  
azul é uma cor bonita
- (4c) ØAzul é uma cor bonita
- (4d) O azul é uma cor bonita

Essa visão se pauta na justificativa de que a definitude não é uma informação lexical do determinante, mas sim de seu referente.

Em se tratando de especificidade<sup>18</sup>, esses mesmos dados do português e do inglês apontam a presença de tal traço sem uma marca morfológica voltada exclusivamente para saturar a especificidade do referente. Conforme exemplos a seguir<sup>19</sup>, há especificidade em ambas as línguas com a presença do definido, do indefinido, dos demonstrativos e de modificadores como *certain*.

- (5a) Especificidade com a presença do definido

I want to talk to the winner of this race (she's a good friend of mine)  
Eu quero falar com a vencedora da corrida (ela é uma grande amiga minha)

- (5b) Especificidade com a presença do indefinido

Jack wants to train with a famous weight lifter who has won many prizes

---

<sup>18</sup> Ionin (2003) defende que a presença da especificidade com o demonstrativo *this* ocorre somente em inglês coloquial.

<sup>19</sup> O exemplo (3a) é de Ionin (2009, p. 338); os exemplos (3b) e (3c) são de Enç (1991, p. 1-2). As sentenças correspondentes aos exemplos em PB são da autora desta pesquisa.

Jack quer treinar com um levantador de peso que ganhou muitos prêmios

(5c) Especificidade com modificadores

John wants to own a certain piano which used to belong to a famous pianist

João quer ter um certo piano que pertencia a um pianista famoso

Ou seja, a especificidade dessas duas línguas não é dependente de um item lexical, não existe uma marca morfológica destinada exclusivamente a essa função, como ocorre no turco, por exemplo, que marca a especificidade a partir do caso morfológico acusativo representado por *-yu*:

(6a)

Ali	bir	piyano- <b>yu</b> <sup>20</sup>	kiralamak	istiyor
Nome próprio	númeral 1	sing- <b>acc</b>	infinitivo	infinitivo
Ali	um	piano- acc	alugar	quer

*Ali wants to rent a certain piano*

Ali quer alugar um certo piano

Em contrapartida, se não existe marcação de caso acusativo em turco, a interpretação é obrigatoriamente não específica, conforme segue:

(6b)

Ali	bir	piyano	kiralamak	istiyor
Nome próprio	númeral 1	sing	infinitivo	infinitivo
Ali	um	piano	alugar	quer

*Ali wants to rent a certain piano*

Ali quer alugar um certo piano

---

<sup>20</sup> Exemplos retirados de ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. *MIT: Linguistics Inquiry*, v. 22, n. 1, 1991, p. 1-25. Acesso em: 12 out. 2017.

Diante da existência de línguas com e sem sistema de artigos e de sistemas de artigos distintos pela definitude e pela especificidade, Ionin (2003) propõe o Parâmetro da Escolha do Artigo (PEA) e a Hipótese da Flutuação baseada em sua pesquisa com falantes de russo L1, língua sem artigo, adquirindo o inglês como L2. O Parâmetro da Escolha do Artigo prevê:

Línguas com dois artigos os distinguem a partir da definitude ou da especificidade, marcando os seus valores como  $[\pm\text{definido}]$  ou  $[\pm\text{específico}]$  (IONIN, 2003).

Já a Hipótese da Flutuação prevê:

Aprendizes de L2 com dois artigos irão flutuar entre esses dois valores até receberem *input* suficiente para marcá-los adequadamente ou irão transferir o valor da L1 para a L2, conforme explicado neste capítulo e no capítulo 4 (IONIN, 2003<sup>21</sup>).

Em outras palavras, Ionin (2003, 2004, 2008, 2009) prevê duas possibilidades para a aquisição dos artigos nas línguas naturais a partir do espanhol, língua com artigo, e do russo, língua sem artigo:

a. Flutuação sobrepõe a transferência:

Tanto falantes de espanhol L1 quanto de russo L1 irão flutuar entre a valoração dos artigos *the* e *a* em contextos  $[-\text{específico}, +\text{definido}]$ , em um contexto em que não interessa quem seja o vencedor do exemplo a seguir:

I want to talk to the winner of this race (IONIN 2008, p. 559)

Os falantes de russo, L1 sem artigo, adquirindo o inglês como L2 apresentariam o comportamento de flutuação sobre a transferência, segundo Ionin (2008).

b. Transferência sobrepõe a flutuação:

Já os falantes de espanhol, L1 com artigo, adquirindo o inglês como L2 iriam apresentar uso correto do definido *the* e do indefinido *a*, sem demonstrar nenhuma dificuldade com o traço de especificidade.

---

<sup>21</sup> IONIN, Tania. *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Massachusetts, 2003. 318 fls. Tese. Massachusetts Institute of Technology.

De acordo com a Hipótese da Flutuação e com o Parâmetro da Escolha do Artigo (IONIN, 2003), os falantes de língua sem artigo dependem exclusivamente de *input* para conseguirem marcar o valor do artigo de uma L2. Em contrapartida, os falantes de língua com artigo flutuam entre esses dois traços, definitude e especificidade, até que o *input* lhes capacite a realizar tal marcação. Seus dados (IONIN, 2008, 2009) indicam dificuldade na aquisição de artigos em contextos [-definido, +específico], [+definido, -específico].

O estudo de Brown (1973) e Villiers e Villiers (1973) apud Bailey et al. (1974) sugere que possivelmente existe uma sequência de aquisição de determinadas estruturas em L2. Os autores apresentam a ordem de dificuldade de aquisição de certos morfemas em L1 e em L2 da seguinte forma:

**Tabela 4: Ordem de dificuldade de aquisição dos morfemas em L1 e L2**

<b>Aprendizes de L1 (de Brown, 1973)</b>	<b>Aprendizes de L2 (Dulay e Burt, 1973)</b>
Plural (-s)	Plural (-s)
Progressivo (-ing)	Progressivo (-ing)
Passado irregular	Cópula abreviada
<b>Artigos</b>	Auxiliar abreviado
Cópula abreviada	<b>Artigos</b>
Possessivo (‘s)	Passado irregular
Terceira pessoa do singular (-s)	Terceira pessoa do singular (-s)
Auxiliar abreviado	Possessivo (‘s)

(BAILEY et al., 1974, p. 236)

De acordo com o quadro acima, tanto aprendizes de L1 quanto de L2 apontam dificuldade na aquisição de artigos. Contudo, apesar do estudo (VILLIERS e VILLIERS, 1973; e DULAY e BURT, 1973 apud BAILEY et al., 1974) indicar a aquisição dos artigos como sendo mais difícil em L1 que em L2, os aprendizes de L1 adquirem o artigo definido, ao passo que os de L2, dificilmente.

### **2.3 Artigos Definidos na aquisição de L2**



Dado a existência de inúmeros estudos sobre aquisição do artigo definido *the*, pode-se afirmar que existe uma problemática no que tange à aquisição do artigo definido em inglês por falantes nativos de diversas línguas com e sem artigo, inclusive por falantes adultos nativos do PB, língua SVO com sistema de artigos, assim como o inglês. A questão se torna mais complexa ao se constatar que ambas as línguas, PB e inglês, apresentam os dois traços aqui abordados, a saber definitude e especificidade. Minha questão central é o que então dificulta a aquisição desse feixe de traços.

Ao longo de sua pesquisa sobre aquisição de artigos por falantes L1 com e sem artigos, adquirindo o inglês como L2, Ionin (2003, 2004, 2008) nos mostra que falantes do espanhol L1, língua com artigo, transferem a semântica de seus artigos para o inglês L2 e conseguem, portanto, marcá-los adequadamente a partir da definitude. Em contrapartida, falantes do russo L1, língua sem artigo, flutuam entre as valorações de definitude e especificidade, conforme apresentado neste capítulo. Isso corrobora a existência de acesso à GU em se tratando desses traços, uma vez que os russos não têm dados em sua L1 para os transferirem, conseguindo acesso à ambos. De acordo com Ionin (2008), a dificuldade no caso dos russos está relacionada a problemas de generalização de *input* de *triggers*. O que leva a autora a concluir que a transferência da L1, o acesso às semânticas universais via GU e o *input* de *triggers* influenciam a aquisição dos artigos em inglês. Para Ionin (2008), apenas o *input* do inglês L2 sem a ajuda da transferência da L1 e/ ou do acesso à GU não é suficiente para a aquisição do sistema de artigos do inglês.

A análise de seus dados indica que há confusão de valoração quando o indivíduo precisa decidir entre esses dois valores, definitude e especificidade, para o referente que, no caso da especificidade em inglês e em PB, só é morfologicamente marcada na língua coloquial com o uso do demonstrativo. Para a autora, o demonstrativo *this/ esse* e suas variações apresentam a característica do indefinido “a”/ *um* e suas variações de informação nova, primeira menção no discurso, mas também apresenta características de especificidade, pois o falante se refere a algo em particular, como no exemplo<sup>22</sup>:

(7)

Sally broke this beautiful cup... it was her favorite!

Sally quebrou esse belo copo... (ele) era o favorito dela!

---

<sup>22</sup> IONIN et al. (2008, p. 557).

Em (7), o demonstrativo *this* atinge o ápice da especificidade ao se considerar toda a sentença, uma vez que ele é acompanhado por uma informação nova não compartilhada anteriormente. Observe que a especificidade do *this* é reforçada pela informação nova *it was her favorite*. É esse dado novo que confirma a especificidade do *this* em relação ao NP.

Para a autora (IONIN, 2008), definitude e especificidade provavelmente são traços presentes translinguisticamente a partir da escolha do artigo, em que:

A given context in any language may or may not satisfy the conditions on specificity, just as it may or may not satisfy the conditions on definiteness. Where languages differ is in which of these distinctions they mark morphologically<sup>23</sup> (IONIN, 2008, p. 558).

Como já mencionado anteriormente, tanto o inglês quanto o PB apresentam matriz fonológica em seu sistema de artigos para a definitude, ou seja, ambas as línguas marcam [±definido] para o Parâmetro da Escolha do Artigo (PEA), conforme exemplificado:

**Tabela 5: Parâmetro da Escolha do Artigo em PB e em inglês**

	[+definido]	[-definido]
[+específico]	artigo definido	artigo indefinido em
[-específico]	em PB e em inglês	PB e em inglês

Conforme apresentado na tabela 5, o artigo definido codifica os traços [+definido] e [±específico]; e o indefinido, os de [-definido] e [±específico] em PB e em inglês.

Ionin et al (2003, 2009) sugere, baseada em sua análise, que os aprendizes adultos de inglês L2 falantes de russo L1 fazem uso exagerado do artigo definido em contextos [-definido, +específico], em que se esperaria o uso adequado do indefinido. Esse comportamento linguístico é condizente com a aquisição de L1, uma vez que a criança ainda está em um nível de abstração baixo. Em contrapartida, houve uso exagerado do indefinido em contextos [+definido, -específico], comportamento incondizente com a aquisição de L1, segundo Ionin (2003, 2009).

Em (8a), encontramos o emprego exagerado da indefinitude em um contexto definido e não específico. Isto é, os falantes de língua sem artigo optaram por usar o artigo indefinido em detrimento do definido no inglês como L2. Esses falantes optaram

<sup>23</sup> Dado contexto, em qualquer língua, pode ou não satisfazer condições de especificidade, assim como pode ou não satisfazer condições de definitude. As línguas se diferem onde elas marcam morfologicamente essa distinção entre especificidade e definitude.

por construir *He is talking to **a** principal of his* ao invés de *He is talking to **the** principal of his*.

(8a)<sup>24</sup> Contexto [+definido, –específico]: alvo definido *the*

Resultado: uso exagerado do indefinido *a*

Ruby: It's already 4 p.m. Why isn't your little brother home from school?

Angela: He just called and told me that he got in trouble! He is talking to **the** principal of his school! I don't know who that is. I hope my brother comes home soon.

Já em (8b), houve uso exagerado do artigo definido em detrimento do indefinido em um contexto indefinido e específico. Os falantes empregaram *She is having dinner with **the** girl from class* no lugar de *She is having dinner with **a** girl from class*.

(8b) Contexto [–definido, +específico]: alvo indefinido *a*

Resultado: uso exagerado do definido *the*

*Grandfather comes for a visit*

Grandfather: Where is my little granddaughter Beth?

Is she home?

Father: No . . . She is not going to be back till

late. She is having dinner with **a** girl

from class – her name is Angie, and

Beth really likes her.

Diante disso, Ionin (2003) justifica tal comportamento linguístico através de um parâmetro e da hipótese da flutuação:

#### I. Parâmetro da Escolha do Artigo

---

<sup>24</sup> Exemplos (9a) e (9b) de Ionin (2009, p. 340).

Línguas com dois artigos os distinguem a partir da definitude ou da especificidade, marcando os seus valores como  $[\pm\text{definido}]$  ou  $[\pm\text{específico}]$  (IONIN, 2003).

## II. Hipótese da Flutuação prevê:

Aprendizes de L2 com dois artigos irão flutuar entre esses dois valores até receberem *input* suficiente para marcá-los adequadamente ou irão transferir o valor da L1 para a L2, conforme explicado no capítulo 2 (IONIN, 2003).

Em outras palavras, Ionin (2003, 2008) prevê duas possibilidades, já apresentadas no capítulo 2:

### a. Flutuação sobrepõe a transferência:

Tanto falantes de espanhol L1 quanto de russo L1 irão flutuar entre a valoração dos artigos *the* e *a* em contextos  $[-\text{específico}, +\text{definido}]$ , em um contexto em que não interessa quem seja o vencedor, conforme exemplo:

I want to talk to the winner of this race (IONIN 2008, p. 559)

### b. Transferência sobrepõe a flutuação:

- i. Falantes de russo, L1 sem artigo, adquirindo o inglês como L2 apresentariam o comportamento exposto em a.
- ii. Falantes de espanhol, L1 com artigo, adquirindo o inglês como L2 iriam apresentar uso correto do definido *the* e do indefinido *a*, sem demonstrar nenhuma dificuldade com o traço de especificidade.

De acordo com os dados de Ionin (2008), os aprendizes russos confirmaram, em parte, a hipótese em a., enquanto os falantes espanhóis não atenderam totalmente ao contexto b.ii., conforme mostram os quadros abaixo:

**Tabela 6: Emprego do *the* por russos em contexto de L2**

	<b>[+definido]: alvo: <i>the</i></b>	<b>[-definido]: alvo: <i>a</i></b>
<b>[+específico]</b>	<b>93% <i>the</i></b> 5.3% <i>a</i>	23.7% <i>the</i> <b>74.6% <i>a</i></b>

	0% -- 0.9% outro	0% -- 1.8% outro
<b>[-específico]</b>	<b>86% <i>the</i></b> 14% <i>a</i> 0% -- 0% outro	3.5% <i>the</i> <b>95.5% <i>a</i></b> 0% -- 0.9% outro

Ionin (2008, p. 564)

A tabela 6 aponta que mais de 90% dos falantes russos, língua sem artigo, optou pelo emprego do definido em contexto definido e específico e 86% deles usaram o mesmo padrão em contextos definidos e não específicos. Isto é, houve uma queda no emprego do definido em contextos não específicos, podendo ser um indício de flutuação entre a marcação dos traços de definitude e especificidade a partir do artigo definido. Já em contextos indefinidos, esses mesmos falantes foram menos assertivos no uso dos artigos em contexto específico: apenas 74,6% deles empregaram o indefinido adequadamente nesse contexto. Em contrapartida, mais de 95% utilizou o indefinido envolvendo os traços de definitude e não especificidade.

**Tabela 7: Emprego do *the* por espanhóis em contexto de L2**

	<b>[+definido]: alvo: <i>the</i></b>	<b>[-definido]: alvo: <i>a</i></b>
<b>[+específico]</b>	<b>87.5% <i>the</i></b> 0.8% <i>a</i> 8.3% -- 2.5% outro	1.7% <i>the</i> <b>92.5% <i>a</i></b> 0% -- 5% outro
<b>[-específico]</b>	<b>96.5% <i>the</i></b> 0.8% <i>a</i> 1.7% -- 0.8% outro	1.7% <i>the</i> <b>91.7% <i>a</i></b> 0.8% -- 3.3% outro

Ionin (2008, p. 565)

Diante desses dados, Ionin (2008) ressalta que o padrão inesperado do comportamento dos falantes espanhóis L1, em que eles demonstraram melhor performance em contextos [+definido, -específico] que em contextos [+definido, +específico], não se deve ao fato do uso exagerado do indefinido, mas sim da elevada omissão do artigo. A autora pontua que a omissão do artigo por esses falantes se deu especificamente com o NP *house* no singular com a construção *house of Ben's parentes/*

*a casa dos pais do Ben* (IONIN, 2008, p. 565). Para a autora, esse erro é explicado devido à transferência da L1 para a L2 em que o espanhol omite o artigo com esse NP.

Segundo Ionin (2008), o aprendiz de L2 precisa receber *input* suficiente (embora, como já discorrido, apenas o *input* não é suficiente não aquisição dos artigos do inglês) e de qualidade para conseguir marcar adequadamente o parâmetro do artigo da língua-alvo: se os artigos de dada língua marcam a definitude ou a especificidade. Enquanto isso não acontece na mente do falante de L2, ele flutua entre as duas possibilidades. Conforme Ionin (2008), o fato de os falantes de russo L1 de seu estudo terem sido expostos à dados naturais do inglês, ao passo que os espanhóis receberam instruções formais em contexto de sala de aula corrobora a hipótese de acesso à GU, no primeiro caso, e de transferência, no segundo caso.

Em se tratando de PB e do inglês, entendo que a *determiner phrase* (DP) artigo definido marca a definitude em uma relação de dependência com o NP, exercendo a sua função dêitica; ao passo que a especificidade não é um traço morfológico e sim semântico, conforme literatura apresentada ao longo desta pesquisa e exemplos a seguir<sup>25</sup>:

(9)

**Tabela 8: Definitude e especificidade em inglês**

sentença	traços	leitura
a) I want to talk to the winner of this race.	[+definido] [- específico]	Não interessa quem seja o vencedor, por isso, definido e não específico.
	[+definido] [+específico]	Interessa quem seja o vencedor da corrida, pois ele é um grande amigo meu.
b) Professor Robert is meeting with a student from her class	[-definido] [+específico]	Interessa quem é a aluna, pois ela é a minha melhor amiga.

<sup>25</sup> Ionin (2009, p. 338).

Em a), conseguimos considerar dois contextos semânticos [+definido, - específico] e [+definido, +específico]. As duas interpretações relevantes para (10a) é que 1. Não interessa quem seja o vencedor, por isso, definido e não específico e 2. Interessa quem é o vencedor, pois ele é um grande amigo meu, por exemplo. Já em (10b), consideramos um contexto [-definido, +específico], afinal, o referente não é compartilhado entre os interlocutores, mas reside única e exclusivamente na mente do falante, não existe compartilhamento do referente nesse contexto. Essas mesmas interpretações de definitude e especificidade estão disponíveis em PB, conforme (10a) e (10b) em suas versões equivalente em PB:

(10)

**Tabela 9: Definitude e especificidade em PB<sup>26</sup>**

sentença	traços	leitura
a. Eu quero falar com o vencedor desta corrida.	[+definido]	Não interessa quem seja o vencedor, por isso, definido e não específico.
	[-específico]	
b. A professora Robert está em reunião com uma aluna dela.	[+definido]	Interessa quem seja o vencedor da corrida, pois ele é um grande amigo meu.
	[+específico]	
	[-definido]	Interessa quem é a aluna, pois ela é a minha melhor amiga.
	[+específico]	

Considerando o exposto, pretendo descobrir onde é o *locus* da definitude e da especificidade nessas duas línguas em questão, seja nas entradas lexicais, seja na posição sintática, seja em outra explicação ainda não avaliada. Talvez a compreensão do *locus* desses traços nas duas línguas seja um bom começo para se entender o porquê da dificuldade na aquisição do artigo definido no contexto desta pesquisa.

Talvez o problema de aquisição do artigo definido *the* por falantes do PB também resida no conflito entre esses dois traços. Retornarei a essa discussão no capítulo 3. Contudo, o meu *corpus* aponta para outras dificuldades, conforme apresento a seguir.

Em linhas gerais, os problemas de aquisição tardia do artigo definido *the* por falante PB L1, apontados pelos dados de produção, se caracterizam da seguinte maneira:

<sup>26</sup> Não foram encontrados contextos [-definido, - específico] nos dados de produção analisados.

- a. Os falantes de PB L1 apontam necessidade de marcar fonologicamente a definitude, ao passo que o inglês apresenta casos de definitude sem matriz fonológica e o NP assume sozinho esse traço: (As) *peessoas preferem o verão para viajar* / *\*the people prefers \*the summer to travel*;
- b. O emprego do artigo definido é mais livre no PB se comparado ao inglês, permitindo o seu uso facultativo em alguns casos, sem interferir nos traços do determinante e, conseqüentemente, no do NP: (A) *Clarissa chegou tarde* / *\*the Clarissa arrived late*. / (O) *azul é mais bonito que (o) rosa* / *\*the blue os more beautiful than \*the pink*;
- c. O uso do artigo em inglês não é livre e facultativo como ocorre em PB. Essa diferença entre as duas línguas influencia nos traços do artigo definido em relação ao NP: (O) *meu sonho* / *“\*the my dream* / (a) *beleza é passageira* / *\*the beauty is transitory*;
- d. Aparentemente, os falantes nativos de PB se confundem entre o emprego do definido e o BN em inglês, marcando fonologicamente o NP com o artigo definido em casos em que o inglês não exige artigo: nomes próprios / estações do ano / nomes de refeições;
- e. Aparentemente, esses falantes empregam o definido em situações em que se exige o pronome possessivo: *\*even their sexual activity would exist to satisfy **the** husband* / *some courses such as Turism does not offer to the students any specific field to develop **the** work*<sup>27</sup>.

Por isso, na seção seguinte, apresento as principais diferenças de uso do artigo definido em PB e em inglês e, no capítulo 3, eu o apresento a partir de seus traços.

## 2.4 Principais diferenças de uso do Artigo Definido em PB e em inglês

As principais diferenças entre o artigo definido em PB e em inglês residem em:

- a. Traços valorados por esse determinante (DP) em cada uma das línguas: o PB valoriza definitude, genericidade, gênero, número e possessividade; o inglês, apenas definitude e genericidade.

---

<sup>27</sup> Com o significado intencionado de que cada aluno tem seu próprio trabalho a ser desenvolvido, pois o *the* nessa sentença implicaria que o lugar para onde vão se propõe a oferecer um trabalho que é do lugar e eles o executarão lá. Dados de produção retirados do corpus ICLE (International Corpus of Learner English).



- b. Emprego do definido x Bare noun: o emprego ou dispensa do artigo definido em inglês é categórico, ou se emprega ou não; em PB, esse emprego é facultativo em inúmeros casos.
- c. Substituição dos possessivos do inglês no lugar do definido *the*.

A tabela a seguir, que será replicada e analisada detalhadamente na seção 4.2, lista as diferenças de emprego do artigo definido nas duas línguas em questão, de acordo com as gramáticas de língua portuguesa e inglesa:

**Tabela 10: As diferenças de uso do artigo entre PB e inglês**

Ocorrência	PB	Inglês
Nomes próprios	sim	não
Elementos únicos (sol, lua etc.)	sim	sim
Anáfora <sup>28</sup>	não	não
Catáfora	sim	sim
Modificadores que tornem o NP específico	sim	sim
Cores	facultativo	não
Substantivação	sim	restrita
Partitivos	sim	sim
Ordinais em [DP Nump NP]	sim	sim
Modificador “de” em [DP NP de NP]	sim	sim
Referência genérica a uma categoria	sim	sim
“Ser humano”/ “human beings	sim	não
Localizações relacionadas a atividades habituais em que o ouvinte não faz ideia de qual seja a localização, ou seja, o referente. Portanto, presença do traço [+específico]	sim	sim
Destinos familiares	oscila	não

<sup>28</sup> Processo de retomada do sintagma, anteriormente compartilhado, por referênciação.

Alguns nomes que indicam tempo (night, midnight, midday, dusk, noon etc.)	oscila	não
Estações do ano	sim	não
Nomes de refeições	sim	não
Meios de transporte	não	não
Meios de comunicação	não	não
Construções fechadas com por/ by, em/ in, e/ and	oscila	não
Particípio + preposição + nome contável	sim	não
Verbo + objeto + preposição	não	não
Nomes de doenças	facultativo	varia
Partes do corpo	facultativo	varia
Nomes geográficos	varia	varia
Títulos, pronomes de tratamento	oscila	não
Títulos de trabalhos literários e artísticos	sim	não
Possessivos	facultativo	não
Adjetivos que representam grupos de pessoas	oscila	sim
Nomes abstratos	varia	não
Nomes massivos	varia	varia

Dentre os usos do artigo definido em PB e em inglês apresentados na tabela 10, os dados de produção aqui investigados apontaram para um emprego inadequado do artigo definido *the* em relação aos possessivos: os falantes brasileiros de inglês L2 tendem a empregar o definido no lugar do possessivo, como em *even their sexual activity would exist to satisfy **the** husband*. Essa construção é típica do PB, mas proibida em inglês, língua que exige o possessivo e não o definido em exemplos como esse. Esse tipo de erro chamou a atenção na análise do corpus desta pesquisa.

Outro tipo de erro observado a partir das diferenças apresentadas na tabela anterior, dos dados de produção apresentados ao longo deste trabalho, da literatura a

respeito do uso do artigo definido (PB x inglês) é o de que a grande dificuldade de aquisição desse DP reside na dicotomia artigo definido x *bare noun* e não em artigo definido x indefinido. A esse respeito, Negri (1988) é clara ao defender que o antagonista do artigo definido não é o indefinido, mas o próprio *bare noun*. Para a autora, o artigo indefinido realiza uma operação de extração, ele extrai um dado elemento de um conjunto maior; enquanto o artigo definido efetua uma operação de flechagem: ele indica e individualiza um elemento anteriormente isolado de sua classe, conforme respectivos exemplos<sup>29</sup>:

(11)

- a. João viu **um** soldado (extração)
- b. João viu **o** soldado (flechagem)

Os exemplos a seguir apresentam o emprego facultativo do artigo definido no PB e o categórico no inglês:

(12) Emprego facultativo do definido

a. PB

Giovani faz aulas de xadrez

b. PB

O Giovani faz aulas de xadrez

(c) inglês

Giovani takes chess classes

c. inglês

\*The Giovani takes chess classes

Os exemplos (12) e (13) fazem parte dos dados de produção de falantes PB L1 e inglês L2 apresentados no capítulo 4. Neles, temos oscilação entre matriz fonológica e *bare noun* mesmo em se tratando de traço de definitude, uma vez que o falante se refere ao mesmo grupo de crianças ao longo de sua redação. Isto é, o falante faz referência anafórica com e sem o artigo definido, o que culmina equivocadamente no traço de genericidade em inglês e não no de definitude que, neste contexto, é o pretendido.

(13) Definitude x Genericidade

---

<sup>29</sup> Negri, L. *Artigo Definido: sintaxe ou pragmática?* Paraná: Universidade Federal do Paraná, 1988. p.2.

- a. *Kids* were exposed to the open-minded profile
- b. *The kids* are exposed to situations where they have to select an appropriate course of behavior.

Em (13), temos dados de produção do mesmo falante de L2 ao longo de seu texto, em que ele descreve as atividades das crianças sobre as quais ele menciona do começo ao final do texto. Todavia, a sua produção apresenta oscilação entre o BN e a frase nominal (NP) marcado com o artigo definido, conforme (13a) e (13b) em relação à *kids*, respectivamente.

Outro ponto observado nos dados de produção é a substituição do pronome possessivo pelo artigo definido, como em *Clarice asked if Mel knew to change a baby. She said yes and played with her and the friends*<sup>30</sup>, feita pelos brasileiros para marcar a definitude.

Em (14), os dados de produção apontam para a substituição do possessivo pelo definido para marcar a possessividade.

(14) Possessivo pelo definido

- a. Clarice asked if Mel knew to change a baby. She said yes and played with her and *the friends*.

[Clarice perguntou para a Mel se ela sabia trocar um bebê. Ela respondeu que sim e foi brincou com ela e com os amigos (dela).]

- b. So, we helped her asking her friend if she could sit on the pink circle. As *the friend* didn't want to leave, although a little upset, Clarice found another color and sat on it.

[Então, nós a ajudamos perguntando para a amiga dela se ela poderia se sentar no círculo rosa. Como a amiga (dela) não quis sair, apesar de um pouco incomodada, Clarice encontrou outra cor e se sentou nela.)

- c. ... Suamy would also try to find an object in our classroom of the same color, pointing towards it saying *the color*.

[A Suamy também tentaria achar um objeto da mesma cor em nossa sala de aula, apontando para ele e falando a cor (dele).]

---

<sup>30</sup> O exemplo foi retirado do *corpus* desta pesquisa.

Em (14a), observamos o emprego do *the* antecedendo *friends*, o que caracteriza uma construção em PB não em inglês, pois o PB permite o uso do DP para indicar posse, em que o possessivo fica subentendido. O inglês, por sua vez, não permite esse tipo de construção.

Em (14b), ocorre o mesmo emprego inadequado do artigo definido: o artigo definido do inglês não deixa a ideia de posse implícita, como é o caso do PB. A construção da sentença, portanto, está seguindo as regras do PB, embora esteja escrita em inglês.

Construção similar a (14a) e (14b) é vista em (14c): o DP antecede o NP *color* na tentativa de expressar possessividade. Porém, construções desse tipo são permitidas apenas em PB, não em inglês.

Conforme exposto, existe uma problemática na aquisição do artigo definido *the* por falantes adultos do PB L1. A seção seguinte trata sobre a questão dos traços na aquisição do artigo definido em L2.

### 3. TRAÇOS

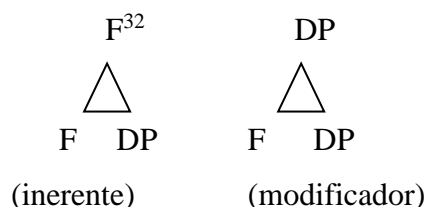
Para apresentar o artigo definido a partir de seus traços, começarei apresentando a definição de traço, do inglês *features*. De acordo com a ótica minimalista (principalmente CHOMSKY, 2001), traços são as informações codificadas em nosso Léxico. Cada item lexical é um conjunto de traços subdivididos em três tipos: semânticos, fonológicos e formais. Esse agrupamento de traços varia de língua para língua e é na seleção dos traços formais que a parametrização atua.

Segundo Carvalho (2017), os traços determinam categorias do mundo real, conforme ocorre na Química e em suas ligações. E a sua descrição estrutural nos orienta a compreender as relações que eles possuem com outros traços, pois tais ligações funcionam e se manifestam de formas diversas entre as línguas.

Como o objeto de estudo desta pesquisa é a relação que os traços de definitude e especificidade exercem sobre o artigo definido em AL2, irei concentrar as explicações nos traços semânticos, que são aqueles que estabelecem relações entre língua e sistema conceitual-intencional. Ou seja, os traços semânticos são aqueles passíveis de interpretação com marca referencial no discurso.

Quando se fala em item lexical, fala-se de conjunto de traços sejam eles semânticos, fonológicos ou formais. O conjunto de traços dos determinantes varia em

conteúdo, distribuição e propriedades de *spell-out* translinguisticamente e se apresenta em dois tipos, integrados aos determinantes ou como modificadores dos determinantes, segundo Wiltschko (2009). Essa variação composicional de traços dos determinantes entre as línguas cria uma espécie de independência entre os DPs e os traços que os compõem. Dito de outra forma, os *d-features*<sup>31</sup> variam de língua para língua e isso precisa ser considerado ao se estudar a aquisição de traços em L2, foco desta pesquisa. Quando um traço é inerente ao DP, ou seja, quando ele funciona como sua parte integrante, a operação de *merge* o estrutura sintaticamente como núcleo, do inglês *head*; em contrapartida, quando esse traço exerce função de modificador, ele se comporta como um adjunto na estrutura sintática, respectivamente conforme árvores a seguir.



Segundo Wiltschko (2009), esses dois tipos de traços são distinguidos a partir de dois caminhos: por um padrão de concordância ou por um determinante não marcado.

#### (1) Padrão de concordância

- a. Traços inerentes ao determinante: por eles serem inerentes aos determinantes, eles precisam ser valorados e, por isso, exigem *concord* obrigatório, como ocorre no alemão e no PB em que o gênero do determinante é especificado pelo gênero do NP, conforme exemplos de Wiltschko (2009, p. 39), em que *Der* é o determinante masculino e *Die*, o feminino.

i. <b>Der</b>	Mann	isst.
Artigo. MASC	homem. MASC , sg	comer. 3sg
The	man	is eating

<sup>31</sup> Traços-D, de determinantes.

<sup>32</sup> A letra F se refere ao traço (do inglês, *feature*).

O	homem	está comendo
ii. <b>Die</b>	Frau	isst.
Artigo. FEM	mulher. FEM, sg	comer. 3sg
The	woman	is eating
A	mulher	está comendo
iii. <b>*Das</b>	Mann	isst.
Artigo NEUTRO	homem. MASC, sg	comer.3sg
iv. <b>*Das</b>	Frau	isst.
Artigo neutro	mulher. FEM, sg	comer. 3sg

b. Traços modificadores: por serem modificadores, eles são adicionados aos determinantes de forma opcional e, por isso, apresentam *concord* também opcional, conforme o traço de gênero em *halkomelem*, de acordo com exemplos de Wiltischko (2009, p. 40), em que *te* é o determinante neutro e *the*, o feminino:

i. <b>*ilhtel</b>	<b>the</b>	swiyeqe
Está + comendo	artigo. FEM	homem. MASC, sg
Presente, 3sg + gerúndio		
Está comendo	a	homem
ii. <b>ilhtel</b>	<b>the</b>	slhali
Está + comendo	artigo. FEM	mulher. FEM, sg
Presente, 3sg + gerúndio		
A mulher está comendo		
iii. <b>ilhtel</b>	<b>te</b>	swiyeqe
Está + comendo	artigo	homem. MASC, sg
Presente, 3sg + gerúndio		
O homem está comendo		
iv. <b>ilhtel</b>	<b>te</b>	slhali
Está + comendo	artigo	mulher. FEM, sg
Presente, 3sg + gerúndio		

A mulher está comendo

(2) Determinante não marcado

a. Traços inerentes: por serem inerentes aos determinantes, é esperado encontrar determinantes marcados para esse tipo de traço, conforme exemplificado em (1a). Por outro lado, isso não elimina a possibilidade de um valor, não de um traço, não expresso para dado traço inerente.

b. Traços modificadores: por não serem parte integrante dos determinantes como os traços inerentes, os traços modificadores podem, mas não precisam estar presentes nos determinantes. Essa ausência acarreta em um determinante não especificado para dado traço, conforme exemplos em (1b).

Em suma, há dois tipos de determinantes não marcados:

- a. Aqueles associados a um valor não marcado para dado traço inerentes;
- b. Aqueles não marcados para dado traço.

Em relação aos determinantes não marcados para dado traço, pode-se assumir dois caminhos, segundo Wiltischko (2009):

I. Primeiro caminho:

- a. Ou o determinante pode ser associado a um valor não marcado para dado traço, como o caso do gênero neutro em alemão com o determinante *das*, conforme exemplos de (2a).
- b. Ou o determinante pode ser não marcado para dado traço, como o gênero no *halkomelem* *te*, conforme exemplos de (2b);

II. Segundo caminho:

- a. Se refere ao modo como os traços são determinados. Em alemão, por exemplo, o traço de gênero é determinado via operação de concordância, do inglês *agree*, ao passo que, em *halkomelem*, a presença de [FEM] é determinada pelo discurso, pelo contexto. O traço de gênero em alemão é puramente formal e no *halkomelem*, interpretável.



Dado o exposto, as operações sintáticas em si, segundo o Programa Minimalista, são essencialmente dirigidas por traços e são eles que estimulam as operações de movimento e concordância, do inglês *movement* e *agreement*, de acordo com Wiltischko (2009).

Os traços interpretáveis fazem parte do cálculo do significado e os não interpretáveis regulam o comportamento sintático. Em outras palavras, toda a informação morfológica, semântica e sintática precisa ser adquirida para que um morfema seja adquirido. O processo de aquisição de todas essas informações, contudo, não acontece ao mesmo tempo e nem mesmo na mesma escala de proficiência, segundo Slabakova (2016).

O conjunto das categorias funcionais é entendido como um submódulo do nosso sistema computacional, o Léxico Funcional. Nele, cada categoria funcional é associada a um item lexical – ou mais – especificado pelos seus traços formais, segundo Slabakova (2016). De acordo com a autora, a marcação paramétrica das línguas é proveniente de um modelo finito de traços, valoração de traços e de propriedades<sup>33</sup>. Essas propriedades regulam se um determinado traço (*strength of features*) pede movimento frasal ou não. Nas palavras de Slabakova (2016), *a lógica de aquisição das categorias funcionais depende disto: se todos os traços formais, incluindo o significado, compõem a categoria funcional, então o conhecimento de pelo menos um tipo de informação seja ela morfológica, sintática ou semântica é capaz de atestar a aquisição da categoria*.<sup>34</sup>

O cerne do questionamento envolve duas abordagens: se esse processo de aquisição ocorre primeiro em nível morfológico e depois em nível sintático, ou o inverso. Em conclusão, adquirir a morfologia funcional em se tratando de segunda língua é crucial, pois é justamente onde as línguas variam.

Embora o artigo definido em PB codifique também os traços de gênero, número e possessividade, ao passo que o inglês não, esta pesquisa foca as valorações de definitude e especificidade sem descartar a possível influência dos traços encontrados no artigo definido do PB. Ao longo desta investigação, exemplifico como o emprego

---

<sup>33</sup> No original: *A language's parametric choices come from a blueprint made up of a finite set of features, features values, and properties* (SLABAKOVA, 2016, p. 184).

<sup>34</sup> No original: *If all of these formal features, including the meaning, construct the functional category, then knowledge of at least one type of information (morphological, syntactic, or semantic) can attest to the successful acquisition of a category*. (SLABAKOVA, 2016, p. 184).

desse DP é mais recorrente em PB quando comparado ao inglês. Uma possível hipótese para isso reside justamente nos traços valorados no PB e no inglês, conforme tabela a seguir.

**Tabela 11: Traços do artigo definido valorados em PB e inglês**

PB	Inglês
Definitude	
Genericidade	Definitude
Gênero	Genericidade
Número	
Possessividade	

Baseada nos dados linguísticos desta pesquisa e em Carvalho (2007), defendo que os traços valorados pelo artigo definido são diferentes em PB e em inglês. O artigo definido em PB valoriza, além da definitude e da possessividade em dados contextos, os traços – *phi* de gênero, número e pessoa, enquanto que o inglês não valoriza os traços – *phi*. A seguir, exemplifico as marcas de número e de possessividade em PB e em inglês e como elas se diferenciam nas duas línguas.

### (3) Marca de número

a. The boys

Os meninos

b. Os menino

The boys

Em (3a), observamos que a marca de plural em inglês se realiza apenas no NP e, em PB, nele e no artigo. Já (3b) demonstra a realização da marca de plural apenas no determinante. Isto é, em PB não se encontra a estrutura sentencial de [Det singular] [NP plural], como no inglês, mas o seu inverso: [Det plural] [NP singular]. Isso pode ser um indício de que o definido, no PB, carrega traços mais fortes.

O fato de o definido, em PB, carregar mais traços que o do inglês pode ser um indício do porquê o PB apresenta mais ocorrências de emprego do definido que o inglês. Afinal, o inglês marca número no NP e o PB marca gênero e número tanto no NP

quanto no DP, com tendência a preferir a marcação desses traços pelo determinante, quando confrontado com o NP.

(4) Marca de possessividade

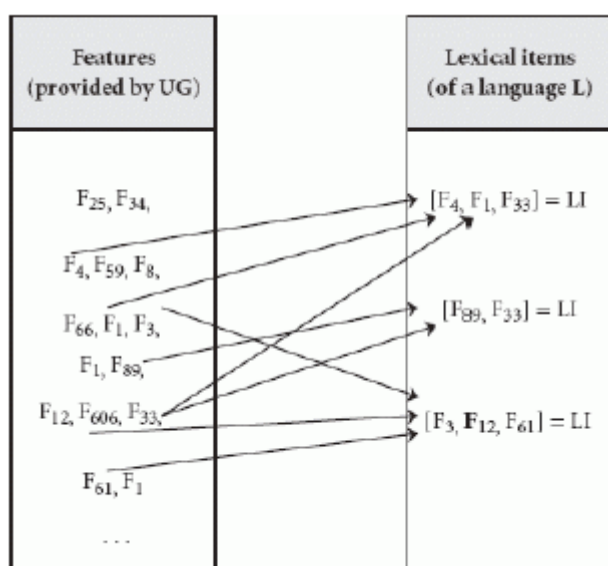
- a. Melka brincou com **os** amigos (dela).
- b. Melka played with **her** friends.
- c. \*Melka played with the friends.

Ao comparar (4a), (4b) e (4c), percebemos a diferença de valoração da possessividade entre as duas línguas: o PB também marca a possessividade via artigo definido; o inglês, somente via possessivo. Aqui reside uma das grandes diferenças entre o definido dessas línguas: nos seus traços.

O aprendiz de inglês L2 precisa de *input* de qualidade para fazer a remarcação dos traços do artigo adequadamente. Gallego (2011) ilustra a sua marcação, conforme figura 6.

**Figura 6: Marcação de traços**

Gallego (2011, p. 17)



De acordo com a figura 6, o falante tem todos os traços disponíveis em sua GU e seleciona, por exemplo, os de genericidade, definitude, possessividade, número e pessoa para formar o item lexical artigo definido do PB. Por sua vez, quando ele está adquirindo o definido do inglês, ele precisa remarcar esses traços para definitude e

genericidade apenas. Contudo, os materiais disponíveis (gramáticas de referência e livros didáticos) não trazem *input* de qualidade para que a remarcação aconteça.

Como os artigos são marcados translinguisticamente ou pela definitude ou pela especificidade, apresento esses traços a seguir.

### 3.1 A Definitude

Em se tratando dos traços semânticos que envolvem a aquisição do artigo definido, apresento o que a literatura a respeito tem disponibilizado sobre a definitude nas línguas naturais.

Gillon (2009) esclarece que a definitude não é um traço universal do determinante e, apesar de constatar que as línguas valoram a definitude de formas distintas, ela defende a ideia de que a definitude não é encontrada em todas elas. De acordo com a abordagem da autora, isso se comprova em seu estudo sobre as diferenças de comportamento dos determinantes (D) entre inglês e *salish*, pois o inglês apresenta definitude em D, enquanto o *salish* não necessariamente, pois essa língua não apresenta singularidade e, para Gillon (2009), a definitude é o resultado da interação entre restrição de domínio (*domain restriction*) e singularidade (*uniqueness*).

Em *salish*<sup>35</sup>, qualquer determinante pode receber uma interpretação definida ou indefinida. O *the*, artigo definido do inglês, apresenta essa interação entre restrição de domínio e singularidade e, por isso, esse determinante está relacionado à traços de definitude. Uma vez que os determinantes estão associados a vários traços que nem sempre estão presentes em todas as línguas, Gillon (2009) defende claramente que D pode variar no que tange ao seu significado entre elas. Gillon (2009) cita Westernstahl (1984), Von Intel (1994), Stanley (2002), Martí (2003) e Giannakidou (2004) para sustentar o seu argumento de que os determinantes apresentam apenas um traço em comum a todas as línguas, restrição de domínio. Gillon (2009) também afirma que a posição D só pode estar associada com a restrição de domínio. De qualquer forma, as línguas abordadas nesta pesquisa, a saber PB e inglês, codificam a definitude em seu sistema de artigos.

---

<sup>35</sup> Para um aprofundamento sobre os dados do *salish*, ver GILLON, Carrie. The semantic core of determiners: evidence from *Skwxwú7mesh*. In: GHOMESHI, Jila; PAUL, Ileana; WILTCHKO, Martina. *Determiners: universals and variation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

Segundo Gillon (2009), a literatura tradicional postula que D se refere a algo que cria um quantificador genérico a partir de um predicador, mas não menciona nada a respeito de sua relação com a sintaxe. Para a autora, é preciso considerar a relação sintático-semântica de D. Enquanto a literatura tradicional conceitua, por exemplo, *more than one*/ mais que um<sup>36</sup> como determinantes, Gillon (2009) discorda, já que eles não ocupam a mesma posição de núcleo<sup>37</sup>. Segundo a autora (Op. Cit.), para que um elemento seja considerado um determinante, ele precisa ocupar a posição de DP. *All*/ todo e variações, por exemplo, não ocupa. Em suas palavras (Gillon, 2009, p. 180):

- a) um item lexical é um determinante se introduzir restrição de domínio<sup>38</sup>;
- b) os determinantes e somente eles ocupam a posição D na estrutura.

A posição apresentada em b) é apontada por Leech e Starvik (2002) como sendo a de determinantes centrais, conforme tabela 2 apresentada no capítulo 2.

Gillon (2009) então se posiciona favorável às seguintes configurações semânticas nucleares dos determinantes (*D-position*):

- a. Determinante = singularidade + restrição de domínio= definitude
- b. Determinante = traços dêiticos + restrição de domínio = não definitude, habilidade de se chegar ao alvo/ referente
- c. Determinante = restrição de domínio = não definitude, obrigatoriedade de um alvo restrito

Ainda não existe um consenso sobre quais traços estão relacionados à definitude em inglês. Segundo Gillon (2009), há os que defendem que a familiaridade é o traço da definitude e ela cita Christophersen (1939), Heim (1988) e Prince (1981) como exemplos; há os que acreditam ser a unicidade o traço associado à definitude e ela menciona Frege (1982), Russell (1905) e Kadmon (1992) como exemplos desse ponto de vista e há outros que se posicionam a favor de que haja outros traços ou, até mesmo, uma combinação de traços relacionados à definitude, de acordo com Gillon (2009) apud Hawkins (1978) e Jong (1987). Gillon (2009) apresenta exemplos para justificar a sua posição a esse respeito. Para a autora, o definido em inglês só pode ser usado, na maioria dos casos, em contextos que apresentem o traço da familiaridade, discordando

---

<sup>36</sup> Exemplos de Gillon (2009).

<sup>37</sup> Head-position.

<sup>38</sup> No original: a) a lexical item is a determiner if it introduces domain restriction. b) determiners and only determiners occupy D (Gillon, 2009, p. 180).

de Lewis (1979), que acredita que a sua (familiaridade) pressuposição já é suficiente para se justificar o uso do definido em inglês, como na passagem “watch out, the dog will bite you”/ cuidado, o cachorro vai te morder<sup>39</sup>, em que o ouvinte consegue presumir a familiaridade do cachorro.

O trabalho de Gillon (2009) sobre os determinantes mostra que a restrição de domínio, em inglês, está associada com a especificidade e a singularidade; enquanto que, em *salish*, essa associação é feita com os traços dêiticos. Segundo Westerstahl (1984) apud Gillon (2009), o *the* é a própria restrição de domínio. Contudo, Gillon (2009) discorda dessa posição, uma vez que a unicidade também exerce o seu papel em inglês. Segundo a autora (Op. Cit.) essa restrição de domínio exige um elemento único que esteja ligado ao NP para que haja um DP.

Ou seja, há outros traços subordinados ao traço de definitude, numa espécie de relação hierárquica, cuja literatura não apresenta um consenso a respeito. Esta pesquisa, assume o conceito de definitude apresentado por Ionin et al (2009, p. 338):

Definitude: um DP de uma estrutura [D NP] carregará o traço [+definido] se o falante e o ouvinte compartilharem do mesmo referente e esse referente é único dentro de um conjunto denotado pelo NP<sup>40</sup>.

Isto é, existe sim uma relação entre o traço de familiaridade, singularidade e de definitude. Apesar de haver singularidade em DPs definidos em inglês, o que, aliado à restrição de domínio, resulta no traço de familiaridade, isso não descarta a possibilidade de haver unicidade sem familiaridade, desde que haja informação suficiente para satisfazer o traço de unicidade:

(5a) *Sasha called the boy she dated last week*

(Sasha ligou para o garoto com quem ela saiu na semana passada)

(5b) *At the zoo: Watch out, the bear is behind you!*<sup>41</sup>

(No zoológico: Cuidado, o urso está atrás de você!)

---

<sup>39</sup> GILLON (2009, p. 182).

<sup>40</sup> If a DP of the form [D NP] is [+definite], then the speaker assumes that the hearer shares the presupposition of the existence of a unique individual in the set denoted by NP (IONIN et al., 2009, p. 338).

<sup>41</sup> LEWIS (1979) apud GILLON (2009).

Tanto em (5a) quanto em (5b), o DP carrega a definitude para o NP a partir do traço de unicidade, sem contudo necessitar de familiaridade, exercendo a sua restrição de domínio sobre os NPs.

Em (5a), o NP *garoto* assume o traço [+definido] devido ao contexto discursivo apresentado posteriormente *com quem ela saiu na semana passada*. É esse contexto que faz com que o NP seja compartilhado entre os interlocutores e não o traço de familiaridade. Afinal, o ouvinte não conhece a pessoa *com quem ela saiu na semana passada*.

Em (5b), o NP *urso* valora a definitude pelo DP devido ao conhecimento de mundo dos interlocutores. Todo zoológico pressupõe a presença de animais. Sendo assim, o *urso* não é familiar ao ouvinte, mas lhe é definido.

Perante os exemplos, compartilho da visão de Gillon (2009) de que a restrição de domínio pode ser determinada pelo próprio discurso, pelo contexto linguístico imediato e/ ou pelo conhecimento de mundo do ouvinte. Além do mais, em se tratando do traço de familiaridade, ele é um resultado da restrição de domínio e da singularidade em inglês. Por isso, segundo a autora (Op.Cit.), é possível que apenas um traço, unicidade ou *restrição de domínio*, seja relevante para outras línguas, como é o caso do *salish*, cujos determinantes estão ligados à *restrição de domínio*, mas não a traços de unicidade.

Gillon (2009) enfatiza que o fato de que o traço de definitude geralmente esteja presente em contextos de familiaridade não é suficiente para dizer que a definitude seja uma das entradas lexicais (traço) de *the*. Ao contrário, a definitude recai sobre o fato de que *the* exerce restrição de domínio sobre o seu NP e é isso o que gera a unicidade para o seu referente. De acordo com Gillon (2009, p. 192), as entradas lexicais para o *the* precisam incluir asserção de singularidade, uma vez que qualquer DP definido se refere à singularidade individual/ máxima de dado conjunto correspondente à descrição denotada pelo NP.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> No original: *the lexical entry for the must include assertion of uniqueness, since any definite DP refers to the unique individual/maximal set matching the description denoted by the NP.*

Em suma, o que se entende por determinantes é problemático, uma vez que a literatura tradicional considera os quantificadores e demonstrativos<sup>43</sup> como D, embora eles não ocupem a mesma posição sintática nem apresentem os mesmos traços semânticos que os determinantes. Para a literatura tradicional, um determinante é o conjunto de elementos, pertencente à categoria funcional, que pode preceder o NP. Segundo Gillon (2009), os quantificadores (Q) proporcionais ocupam uma posição superior à do D e os quantificadores cardinais, uma posição adjectival, do inglês *adjective-position*. Por fim, o traço de definitude não é universal nos determinantes entre as línguas e ele é o resultado de uma restrição de domínio interligado ao traço de unicidade e familiaridade, de acordo com Gillon (2009).

### 3.2 A Especificidade

Segundo Lopes (2006), o Programa Minimalista entende o acionamento paramétrico na aquisição como sendo a seleção de traços no léxico e, portanto, entender a natureza desses traços, bem como os seus tipos, nos auxilia a compreender a problemática que envolve a aquisição do traço de especificidade em L2. Isso não significa defender que tudo, nas línguas naturais, se resume a traços. Entendo que eles são algo mais delicado, linguisticamente falando, que os parâmetros. Os traços se dividem em interpretáveis e não interpretáveis em sua natureza e se subdividem em traços semânticos intrínsecos a itens lexicais e em interpretações semânticas computadas. As interpretações semânticas computadas são computadas de modo composicional alicerçadas em um conjunto de traços da sentença.

Em relação aos traços interpretáveis, os ditos semânticos, eles fazem parte de um léxico universal e não exercem papel no sistema computacional, além de ser elementos autênticos de interpretação do componente sintático, segundo Lopes (2006). Ao passo que os traços não interpretáveis, como a definitude e a especificidade, exercem papel na derivação sintática e na interface do componente fonológico – mas não na interface do componente semântico, pois, conforme a autora (Op. Cit.) eles *não são objetos interpretáveis nessa interface, assim, devem ser retirados (checados, apagados) da computação antes que a derivação atinja a LF*<sup>44</sup>. A seleção dos traços não interpretáveis – que ocorre a partir da GU –, assim como o seu funcionamento, são

---

<sup>43</sup> Para um aprofundamento sobre os quantificadores, ver Gillon (2009).

<sup>44</sup> LOPES (2006, p. 1). LF: *logical form*.



entendidos como o *locus* da parametrização, de acordo com Lopes (2006). Definitude e especificidade são sempre traços não-interpretáveis. Digo isso, porque eles precisarão ser interpretáveis em algum momento, ou nunca se terá a leitura de definido ou indefinido. Eles são não-interpretáveis em D, parece, mas são interpretáveis em N. Assim como os traços *phi*, eles são não-interpretáveis nas categorias funcionais.

A respeito dos traços semânticos intrínsecos ao item lexical, Lopes (2006) exemplifica o traço da animacidade a partir de *menino* como sendo [+ animado]; e exemplifica os traços de especificidade e definitude como interpretações semânticas computadas. Conforme a autora (Op. Cit.), não devem existir problemas de aquisição quando se trata de traços interpretáveis. Por outro lado, o processo de aquisição de um traço não interpretável é problemático e lento, uma vez que eles são mapeados na LF pela sintaxe, devido à ligação entre as informações que precisam ser calculadas. Os traços interpretáveis estão acessíveis em AL2, mas (hipótese) os não interpretáveis não estão por estarem submissos ao Período Crítico, segundo Sánchez (2004); Tsimpli (2004) apud Lopes (2006), entre outros. Lopes (2006, p.3) afirma que *aprendizes adultos de L2 compensam a falta de acesso a traços não interpretáveis atribuindo traços interpretáveis a determinados elementos em sua gramática*. A esse respeito, Tsimpli (2004) apud Lopes (2006, p. 2) diz:

[...] lexical items which bear uninterpretable features in the target language are 're-analysed' morphologically by the assignment of interpretable (semantic) features, which, in turn, regulate the distribution of these items, thus avoiding unconstrained optionality in their use by the adult L2 speaker (TSIMPLI, 2004, p. 2).

Segundo a visão de Lopes (2006), os traços interpretáveis exercem papel na aquisição da linguagem e essa aquisição é local: é *dependente de contextos sintáticos restritos* (LOPES, 2006, p. 3). Dito de outra forma, um dado traço pode indicar diversos padrões aquisitivos a depender de seu contexto sintático. Isto é, a especificidade, por exemplo, é adquirida de forma gradual, fundamentada na sua inter-relação com outros traços.

De acordo com a Hipótese de Reagrupamento de Traços (LARDIERE, 2009a apud SLABAKOVA, 2016), a aquisição de uma segunda língua exige consequentemente a aquisição do conjunto dos traços formais dessa L2. Esses traços formais fonológicos, sintáticos e semânticos são agrupados aos itens lexicais de cada língua e são neles, nos traços formais, onde as línguas se diferem, na morfologia

funcional. Segundo o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), os traços formais ficam armazenados em um repositório universal disponível para a criança juntamente com os processos que a capacita a computar a combinação dos traços com os itens lexicais, a checar esses traços e a apagar os traços não interpretáveis. Conforme Lardiere (2009a, p. 173) apud Slabakova (2016), fazer a remontagem dos itens lexicais de uma segunda língua requer que o aprendiz reconfigure o modo como os traços são representados em sua L1 para as diferentes formas como eles podem ser configurados na L2<sup>45</sup>. Por isso, Slabakova (2016) acredita que reconfigurar o agrupamento dos traços dos itens lexicais da L2 possivelmente é a tarefa mais difícil para o aprendiz.

Slabakova (2016) aponta o porquê adquirir a morfologia funcional de L2 é tarefa complicada para o seu aprendiz. Para a autora, a dificuldade se justifica por:

- a. O significado funcional da L1 poder ser representado em uma categoria lexical diferente da categoria lexical da L2 ou, até mesmo, não ser representado em nenhuma categoria;
- b. Dado significado funcional, a definitude por exemplo, poder se manifestar com morfologia obrigatória própria em uma língua e com emprego facultativo dessa morfologia em outra língua; ou simplesmente não ser expresso;
- c. A forma funcional poder ter expressões variadas dependendo dos contextos fonológicos e morfológicos, ainda que haja constância de significado;
- d. A aquisição em L2 não se limita a adquirir pares de significado e itens de morfologia funcional.

Slabakova (2016) conclui que a dificuldade de aquisição da morfologia funcional pode estar relacionada com as dificuldades de acesso ao léxico, de acordo com a hipótese da Missing Surface Inflection (MSIH)<sup>46</sup>, e com a regulação prosódica na pronúncia, segundo a hipótese de Prosodic Transfer<sup>47</sup>. A autora entende que a aquisição do conjunto completo dos traços de uma L2 não seja um processo linear, e sim um processo extenso e fragmentado influenciado pela composição de traços da L1 e pelo *input* referente aos traços da L2.

---

<sup>45</sup> No original: *[a]ssembling the particular lexical items of a second language requires that the learner reconfigure features from the way these are represented in the first language into new formal configurations on possibly quite different types of lexical items in the L2* (SLABAKOVA, 2016, p. 198).

<sup>46</sup> Para aprofundamento, ver Slabakova (2016) e referências lá citadas.

<sup>47</sup> Para aprofundamento, ver Slabakova (2016) e referências lá citadas.

Conforme Von Heusinger (2002), o traço de especificidade estabelece uma relação referencial com dado objeto presente no discurso. Isto é, o *referente do NP específico é dependente do referente de outra expressão que foi dada em um determinado discurso. Dessa forma, a especificidade está ancorada referencialmente ao discurso*, segundo Minussi (2008, p. 143). Farkas (2013) acrescenta que limitar a variação de valores, ou seja, a estabilidade de um dado valor do referente, caracteriza marca de especificidade, ao passo que a sua instabilidade, a sua variação, indica marca de não especificidade, tais como o *this* do inglês e o *algún* do espanhol, respectivamente.

De acordo com Hellan (1981) e Ioup (1977) apud Enç (1991), o NP só é específico quando o falante tem um indivíduo em mente como sendo o seu referente. A autora entende que especificidade é independente de relações de escopo, assim como o é de relações de verdade, conforme segue<sup>48</sup>:

(6)

a. John talked to a logician about this problem

[O João falou com um lógico sobre esse problema]

b. John talked to a certain logician about this problem (narrow scope)

[O João falou com um certo lógico sobre esse problema]

As duas sentenças apresentam as mesmas condições de verdade e, segundo Enç (1991), os NPs *certain, particular e specific*/ certo, particular e específico se comportam de forma distinta na estrutura. Em inglês, a especificidade só é morfologicamente marcada com adjetivos como esses. Já os NPs com indefinidos como em<sup>49</sup> *a chair, one coat, three men*/ uma cadeira, 1 casaco, três homens podem ser interpretados tanto como específicos quanto como não específicos. Isso significa dizer que os indefinidos não marcam a especificidade.

Baseada em seu estudo (ENÇ, 1991) com o traço de especificidade em turco, língua que marca a especificidade a partir de caso morfológico acusativo, a autora entende que a diferença entre NP [+específico] e NP [-específico] não está nas

---

<sup>48</sup> ENÇ (1991, p. 3).

<sup>49</sup> ENÇ (1991, p. 4).

condições de verdade, mas sim nas propriedades dos NPs que estruturam o domínio do discurso.

### 3.3 Definitude e Especificidade

Embora definitude e especificidade sejam traços distintos, estudos (IONIN, 2003 e IONIN et al., 2004, 2008; ENÇ, 1991; BALDÉ, 2011 dentre outros) mostram a existência de uma relação entre eles no que tange à aquisição do artigo definido em L2.

A diferença entre definitude e indefinitude reside nas condições de familiaridade: anáfora, definitude; e de novidade: catáfora, indefinitude. No caso do turco, segundo Enç (1991), a especificidade do NP exerce seu papel na estrutura do discurso somado ao papel exercido pela definitude do NP. De acordo com Heim (1982) apud Enç (1991):

- a. todo NP carrega um par de índices
- b. o 1º índice representa o referente do NP
- c. esses índices carregam um traço de definitude
- d. o traço do 1º índice determina a definitude do NP
- e. o traço de definitude do 2º índice determina a especificidade do NP, guiando a relação do referente do NP com outros referentes do discurso

Os índices desse par são dependentes entre si e, nas palavras de Enç (1991, p. 7), *um NP é específico se e somente se seu segundo índice for definido*. Enç (1991) nos mostra o seguinte:

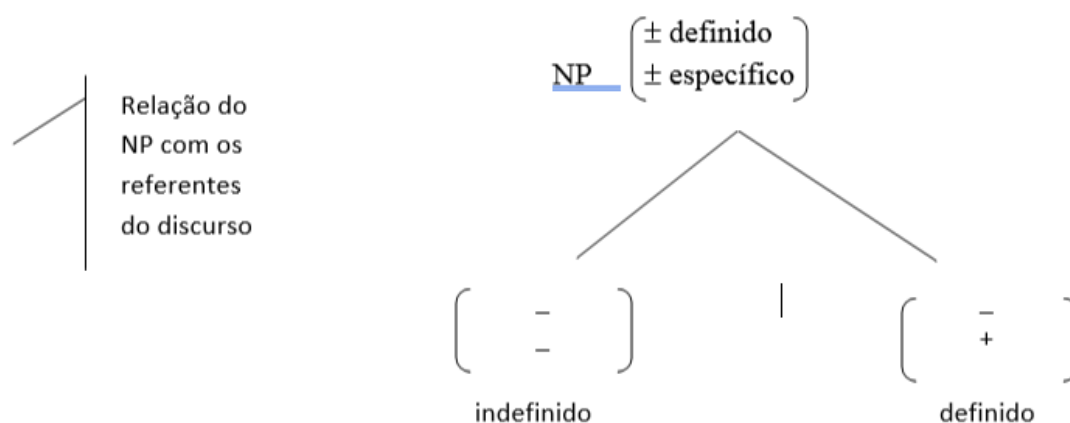
Todo  $[NP\alpha]_{\langle ij \rangle}$  é interpretado como  $\alpha(x_i)$  e

$x_i \subseteq x_j$  se o  $NP_{\langle ij \rangle}$  for plural,

$[x_i] \subseteq x_j$  se o NP for singular.

Se o índice  $j$  for definido, a Condição de Familiaridade irá requerer que o referente do discurso  $x_j$  tenha ocorrido anteriormente no discurso da sentença do NP. Se o índice  $j$  for indefinido, ele se sujeita à Condição de Novidade e a sentença anterior não pode ter um referente  $x_j$ . Um novo referente então é introduzido dentro do discurso e esse referente terá um  $x_j$ , o referente do NP, como sendo o seu subconjunto. Visualmente analisando, temos o seguinte:

**Figura 7: Relação do NP com os referentes do discurso**



Essas condições se aplicam se o índice for definido ou indefinido. Sob essa ótica, [-definido, -específico] estão mais sujeitos à Condição de Novidade se comparado aos [-definido, +específico]. Para Enç (1991), não existe NP [+definido, -específico], porque a relação de inclusão opera com a relação de identidade ou com a própria relação de inclusão. Contudo, Ionin (2009, p. 338) nos apresenta contextos [+definido, -específico], conforme segue.

Em (7a), percebemos uma relação de identidade dentro do conjunto *winner*, uma vez que toda corrida pressupõe um vencedor, valorando assim o traço [+definido]. Já em (7b), temos a inclusão de uma informação nova dentro do conjunto *winner*. (7b) não se refere a qualquer vencedor do conjunto de vencedores, mas a um em específico: à *grande amiga minha*.

(7)

a. Exemplo de definitude (identidade)

I want to talk to the winner of this race (whoever that happens to be)

[Eu quero falar com o vencedor o da corrida (seja quem for)]

b. Exemplo de especificidade (inclusão)

I want to talk to the winner of this race (she's a good friend of mine)

[Eu quero falar com a vencedora da corrida (ela é uma grande amiga minha)]

Definitude e especificidade estão, portanto, relacionadas, o que as distingue é a natureza de suas relações com o discurso: a definitude exerce relação de identidade e a especificidade de inclusão.

Enç (1991) também ignora estruturas [+definido, -específico] encontradas em [NP] [PP] como estas do inglês:

(8)

- a. The girl on the treadmill (A garota está na esteira)
- b. The girl of Spain (A garota da Espanha)
- c. The girl at the corner (A garota da esquina)

Ante o exposto, talvez a dificuldade de aquisição do artigo definido por falantes do PB L1 e de inglês L2 resida na relação entre os traços de definitude. De acordo com Ionin et al. (2009), tanto os traços de definitude quanto o de especificidade são apontados de forma discursiva ou pragmática:

- a. o traço [+definido] indica o compartilhamento do referente por ambos os interlocutores.
- b. o traço [+específico] pressupõe o conhecimento, apenas pelo falante, de referente único denotado pelo NP dentro de um conjunto e que esse referente apresenta uma propriedade notória<sup>50</sup>.

Em suma, entendo que a problemática de aquisição do artigo definido em L2 por falantes nativos do PB ou reside ou não reside na natureza de seus traços de definitude e especificidade. Se reside – como acontece em um contexto de L1 sem artigo adquirindo o definido do inglês como L2 –, essa aquisição deficiente estaria relacionada a um conflito entre esses dois traços ou, até mesmo, à própria falta de traço, pois o falante de L2 não tem de onde partir. Isso significa dizer que definitude e especificidade não ocorrem da mesma forma nas duas línguas e, por isso, haveria problemática na aquisição desse DP. Por outro lado, se não reside, a aquisição do artigo definido não

---

<sup>50</sup> If a DP of the form [D NP] is specific, then the speaker intends to refer to a unique individual in the set denoted by the NP, and considers this individual to possess some noteworthy property.

estaria sujeita ao Período Crítico, mesmo em se tratando de traços não interpretáveis<sup>51</sup>, uma vez que a definitude se realiza da mesma forma nas duas línguas, no que tange à codificação de seus artigos e, ao que tudo indica, a especificidade também. Neste caso, haveria a necessidade de investigar o que, como e onde o artigo definido se diferencia em PB e em inglês.

Em linhas gerais, temos o seguinte:

**Tabela 12: Marca morfológica de gênero e número em PB e em inglês**

<b>Definido em PB</b>	<b>Marca Morfológica de gênero e número</b>	<b>Definido em Inglês</b>	<b>Marca Morfológica de gênero e número</b>
O	sim	THE	não
A	sim	THE	não
OS	sim	THE	não
AS	sim	THE	não

**Tabela 13: Marca morfológica de definitude e especificidade no artigo definido**

<b>Marca Morfológica de Definitude em DP (artigo definido)</b>	<b>Marca Morfológica de Especificidade em DP (artigo definido)</b>
PB: sim Inglês: sim	PB: não Inglês: não

Ou seja, existem:

- traços de definitude e especificidade no inglês e no português.
- marca morfológica (artigo definido) de gênero e número no artigo definido apenas no PB.
- definitude em ambas as línguas com marcação morfológica, ainda que tanto o traço de definitude quanto o de especificidade sejam intrínsecos ao seu referente e

<sup>51</sup> Conforme Lopes (2006), traços não interpretáveis apresentam lentidão em seu processo aquisitivo por estarem sujeitos ao Período Crítico.

d. especificidade em ambas as línguas independente de marcação morfológica exclusiva para esse fim.

Segundo os autores (CHIERCHIA, 1998; GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO, 2009), os determinantes apresentam três características:

- a. a sua categoria exige uma posição no DP na estrutura sintática, ocupando a posição de especificador de DP em subordinação de sua função, a definitude.
- b. a função central do determinante é transformar um predicator em um argumento (HIGGINBOTHAM, 1935; STOWELL, 1989, entre outros, apud GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO, 2009) e, para muitos, essa função está relacionada às propriedades referenciais dos determinantes (CARLSON, 1980; DAYAL, 1999, CHIERCHIA, 2001 apud GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO, 2009) e
- c. a última propriedade levantada pelos autores (CHIERCHIA, 1998; GHOMESHI et al, 2009) é a da relação entre os determinantes e a definitude. Em outras palavras, procura-se entender se a definitude está associada à categoria DP ou com a posição sintática ocupada pelos itens lexicais dessa classe.

Com relação a c) acima, há dois caminhos disponíveis na literatura. O primeiro é o de que, se não existe posição sintática para DP, isso pode ser um indício de que a definitude é inerente às entradas lexicais dos determinantes. Isto é, a definitude faz parte do feixe de traços que compõe os determinantes, no caso os artigos em PB e em inglês. Se este for o caso, isso significa dizer que o inglês e o PB exigem a marca morfológica do artigo definido para marcar a definitude. Ou seja, sem o artigo definido não existe definitude em línguas que codificam os artigos a partir desse traço, como o próprio inglês e o PB, por exemplo. Dito de outra forma, se a definitude é um traço inerente às entradas lexicais dos artigos, determinado NP será [+definido] apenas na presença do artigo definido em línguas que codificam a definitude em seu sistema de artigos. Todavia, apesar de o inglês e o PB codificarem os seus artigos a partir da definitude, eles também conseguem valorá-la sem a matriz fonológica do artigo como, por exemplo, no emprego de nomes próprios:

(9)

- a. Sarah has a pet (inglês)



b. Sarah tem um animal de estimação (PB<sup>52</sup>)

Por outro lado, se tal posição sintática não for associada à palavra, a definitude então pode ser vista como uma função da posição sintática. Ou seja, a indagação reside em obter dados que comprovem o *locus* da definitude, se nas entradas lexicais, se na posição sintática, considerando que, tanto em PB quanto em inglês, a definitude se faz presente em DP e é morfologicamente marcada pelo artigo definido. Ante o apresentado, estendo esse questionamento sobre a definitude ao traço de especificidade, concluindo que, uma vez que há especificidade com e sem a presença de um dado item lexical, o *locus* da especificidade não são as entradas lexicais, mas sim a posição sintática do referente e a sua (referente) relação com o discurso. Suponho então que uma das diferenças entre esses dois traços seja o grau de relação com o discurso, já que a definitude está atrelada ao conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, ao passo que a especificidade se refere ao conhecimento do próprio falante apenas.

Ressalvo que, apesar de (9) se tratar de sentença existencial, ela não descaracteriza a interpretação de definitude em relação aos NPs. Segundo Viotti (2002), a definitude é possível em sentenças existenciais. Para a autora, as sentenças existenciais são mais restritas no emprego do definido em posição pós-verbal em comparação com os indefinidos, todavia, não se trata de agramaticalidade em PB e em outras línguas SVO. Vide exemplo<sup>53</sup>:

(10)

Dez para seis horas, eu estou ouvindo o noticiário da Tupi. Eles dão... E **tem as mães** também, né? [...]

Em (10), temos o definido em posição pós-verbal. Esse tipo de construção com o verbo *ter* ocorre com 21,73% das sentenças existências em PB falado, segundo trabalho de Carlos Franchi (1998).

O emprego do definido em (10) se justifica por duas abordagens<sup>54</sup> diferentes:

- a. pelo conhecimento compartilhado, na explicação de Hawkins (1978); e

---

<sup>52</sup> O PB aceita tanto a forma marcada de definitude pelo artigo definido como pela ausência do definido quando o referente se trata de nomes próprios.

<sup>53</sup> Exemplo de Viotti (2002), retirados de um levantamento de *corpus* parcial do Projeto NURC-SP, 62.

<sup>54</sup> Vide Viotti (2002), Hawkins (1978) e Heim (1982) para aprofundamento.

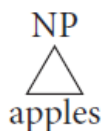
- b. pelo processo de acomodação da informação nova, de acordo com Heim (1982).

No exemplo em (9), a condição de novidade/ familiaridade, uma das funções de sentenças existências, é preservada. O NP *um animal* está em posição pós-verbal, precedido por indefinido. O indefinido é empregado mais comumente que o definido nas sentenças desse tipo a fim de preservar a novidade.

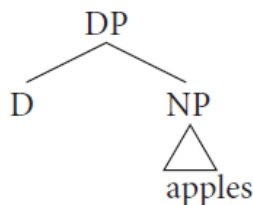
Todavia, interessa-nos o BN Sarah em (9), que não é afetado pela característica existencial da sentença e sim pela sua condição de nome próprio. Para o inglês, o nome próprio valora por si só a definitude, ao passo que em PB isso ainda está passível de oscilação. A questão que permanece então é a respeito do *locus* da definitude e não propriamente na influência do tipo de sentença que, em (9) é o existencial. Isso, pois trabalhos como o de Viotti (2002) nos mostram que a definitude é possível em sentenças existências, ainda que de forma mais tímida quando comparadas com a indefinitude. Ou seja, a definitude é característica possível, mas não comum de sentenças existências, ao passo que a indefinitude sim.

Devido ao NP de (9) ser BN, conseguimos relacioná-lo com o posicionamento de Ghomeshi, Paul e Wiltschko (2009, p. 8). Eles analisam a presença da função argumental mesmo com a ocorrência de *bare nouns* em inglês e nos provam que a função dos determinantes em línguas que os marcam pela definitude também afeta os BN enquanto argumentos, conforme as três abordagens exemplificadas a seguir.

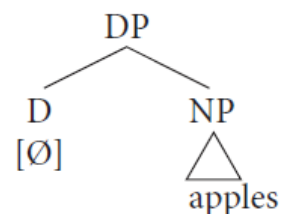
(11a)



(11b)



(11c)



Em (11a), temos o abandono da ideia de que determinantes são necessários para a argumentação e a defesa de que os BNs são apenas BNs e nada mais, segundo os autores Chierchia (1998) Ghomeshi, Paul, Wiltschko (2009). Em (11b), mantemos a posição de que os determinantes são fundamentais para a argumentação e adotamos a

ideia de que os determinantes podem ser fonologicamente nulos, de acordo com Longobardi (1994) apud Ghomeshi et al (2009). Finalmente, (11c) pode ser considerada se assumirmos que a posição sintática D é independente da operação *merge* de um dado determinante, seja esse determinante marcado fonologicamente ou não, de acordo com Progovac (1998); Abraham et al. (2007, 10f.) apud Ghomeshi, Paul, Wiltschko (2009). Segundo esta última visão, os BNs em função argumental devem estar associados com a projeção do DP, mesmo que não haja *merge* de nenhum item lexical na posição de DP.<sup>55</sup>

Em outras palavras, se mantivermos a posição de que os determinantes são essenciais para a argumentação, ficamos com duas situações de acordo com as autoras (CHIERCHIA, 1998; GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO, 2009).

- a. Se D está disponível apenas na presença de um determinante:

Os determinantes não marcados fonologicamente sempre precisam ser admitidos na presença da função argumental de D. Neste caso, os determinantes sem matriz fonológica estão associados a entradas lexicais;

- b. Se D está disponível na ausência de um determinante:

A função argumental não está necessariamente ligada a restrições lexicais.

Ghomeshi et al (2009) mostram, a partir de Vagnaud e Zubizarreta (1992), que o caso dos determinantes expletivos indica a existência de posição sintática independente de um determinante lexical, conforme exemplos<sup>56</sup>:

(12)

- a. It is raining. / Está chovendo
- b. There seems to be a rabbit in my backyard./ Parece que há um Coelho no meu quintal

Conforme visto, não existe consenso sobre a relação dos determinantes e as entradas lexicais, nem sobre os critérios que dado item lexical precisa atender para ser conceituado como determinante.

É possível marcar morfologicamente a definitude não só pelo artigo, mas também por outros elementos. Por exemplo, outros determinantes, tais como os demonstrativos e os possessivos, que também valoram a definitude, conforme exposto em orações como:

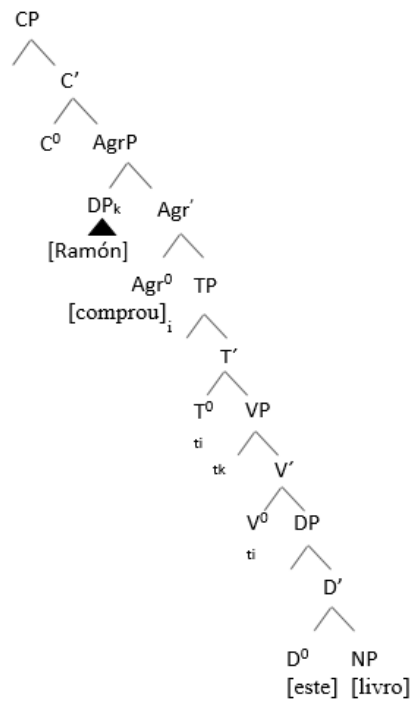
(13)

---

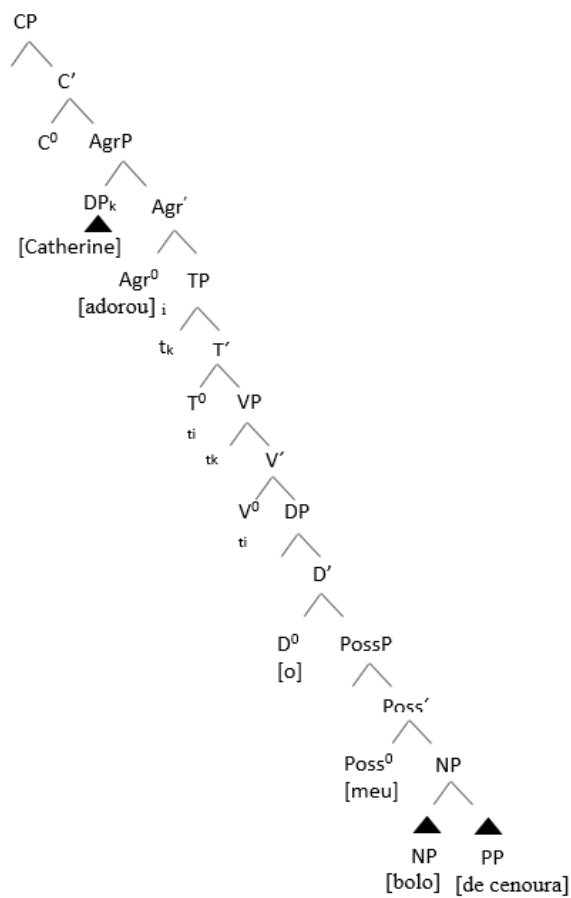
<sup>55</sup>No original: *bare nouns arguments would be associated with the DP projection, even if no lexical item is merged in D.* (PROGOVAC, 1998; ABRAHAM et al., 2007 apud GHOMESHI et al., 2009, p. 8).

<sup>56</sup> GHOMESHI et al. (2009, p. 9).

- a. Ramón comprou este livro (Ramón has bought this book)



- b. Catarine adorou o meu bolo de cenoura (Catarine loved my carrot cake)

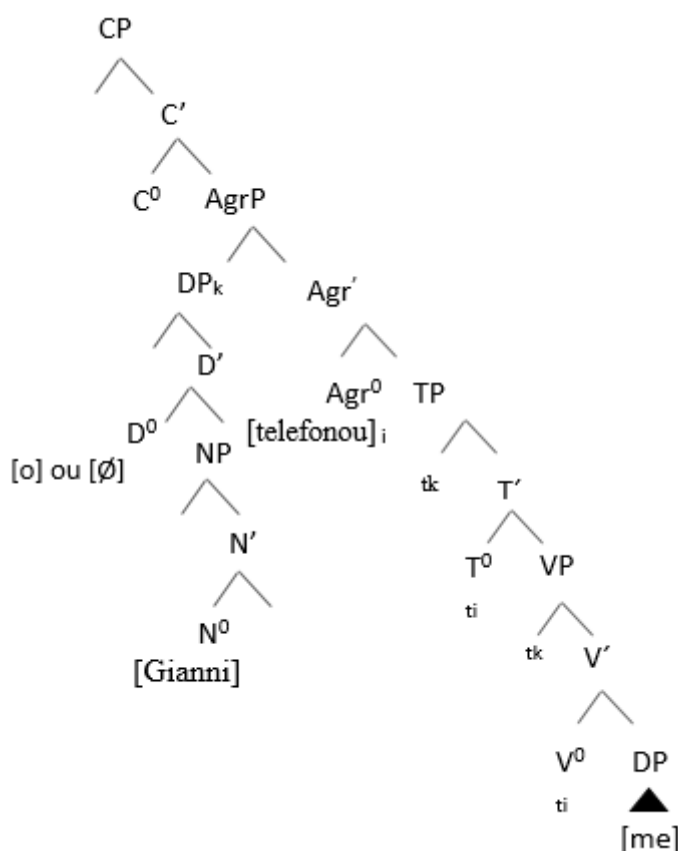


Tanto em (13a) quanto em (13b), os NPs *livro* e *bolo* são de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, respeitando o valor indicativo de dado elemento. Ambos os NPs apresentam o que Negri (1988) chama de flechagem.

Longobardi (1994) nos traz dados do italiano para questionar a posição D em relação aos nomes próprios, comuns e adjetivos em relação aos possessivos. Segundo o autor, se a posição D torna uma expressão nominal em um argumento, os nomes próprios são permitidos em função argumental sem nenhum determinante. Todavia, os nomes próprios não podem ser introduzidos por um D vazio. A literatura difundida a esse respeito defende então que a posição D deve estar sintaticamente presente em uma sentença como a seguinte e que ela não pode estar vazia, ao introduzir um sujeito argumental.

(14)<sup>57</sup>

- a. Gianni mi há telefonato (Gianni me telefonou)
- b. Il Gianni mi há telefonato (O Gianni me telefonou)



<sup>57</sup> Exemplos de Longobardi (1994, p. 15).

Por isso, o único candidato a ocupar a posição D é o nome próprio, segundo Longobardi (1994). A questão central é se o NP *Gianni* (14a) ocupa a mesma estrutura S de (14b). O autor entende que NPs como os nomes próprios, que ocorrem em função argumental sem nenhum determinante marcado, devem subir do N<sup>0</sup> para o D<sup>0</sup>.

Os dados do italiano apresentados por Longobardi (1994) indicam que os adjetivos possessivos e os não possessivos podem ocorrer tanto em posição prenominal entre D e N, quanto em posição pós-nominal, mas nunca antes de D, seja com nomes próprios ou comuns. Em PB, a estrutura do determinante se comporta da mesma forma, ao passo que, em inglês, não. Vide exemplos.

(15)<sup>58</sup>

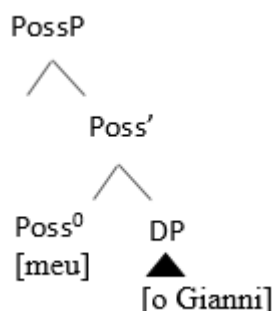
a. Posição pré-nominal

\*Mio il Gianni

\*My the Gianni

\*Meu o Gianni

Neste exemplo, o PossP [meu] está colocado em uma posição hierárquica mais alta, gerando a agramaticalidade:



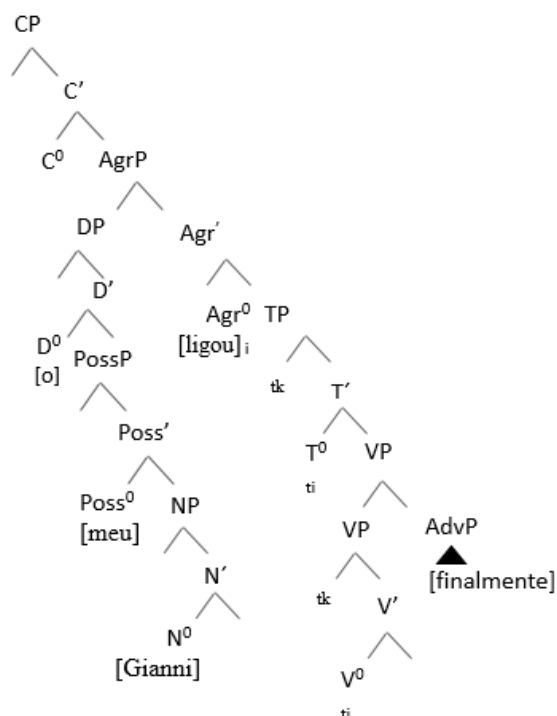
b. Posição pré-nominal entre D e N

I. Il mio Gianni ha finalmente telefonato

\*The my Gianni finally called up

O meu Gianni finalmente ligou

<sup>58</sup> Exemplos de Longobardi (1994, p. 15).



### c. Posição pós-nominal

Il Gianni mio ha finalmente telefonato

\*The Gianni my finnaly called up

\*O Gianni meu finalmente ligou

Em italiano, a possibilidade de adjetivo nome ou nome adjetivo é preservada quando o nome próprio é introduzido por um determinante. Contudo, os adjetivos cardinais ocorrem obrigatoriamente em posição prenominal, salvo com BN, assim como em PB e em inglês.

(16)<sup>59</sup>

a. Napoleone terzo fu l'último Imperatore dei Francesi

Napoleone [the] third was the last Emperor of the French

Napoleão [o] terceiro foi o último imperador dos franceses

b. Il terzo Napoleone/ \*Il Napoleone terzo

\*The third Napoleone/ \*The Napoleone third/ Napoleão the Third

\*O terceiro Napoleão/ \*O Napoleão terceiro/ Napoleão III

<sup>59</sup> Exemplos de Longobardi (1994, p. 17).

Segundo Longobardi (1994), existe uma lacuna em relação ao BN, o que induz à seguinte generalização: a ausência de um determinante força uma ordem inicial com N, fazendo com que os nomes se movam de N<sup>0</sup> para D<sup>0</sup>.

Conforme o autor, preencher o D vazio por alçamento do nome próprio é necessário não só por razões sintáticas, mas também por motivos semânticos, por exemplo, para evitar uma interpretação quantificadora errada. De acordo com Longobardi (1994), se toda esta discussão estiver correta, a obrigatoriedade do N inicial, em exemplos sem artigo, é a consequência de que argumentos nominais precisam ser introduzidos por uma posição D e que essa posição não pode ser deixada vazia na estrutura S, se nós não quisermos derivar a interpretação existencial. O autor mostra evidências em favor de movimento N para D em italiano e defende tal probabilidade para outras línguas românicas.

Conforme já exposto, o objeto deste estudo se centraliza no artigo definido. Na próxima seção, apresentarei a sua manifestação em algumas línguas, bem como a análise dos dados de produção.

#### 4. ARTIGOS DEFINIDOS TRANSLIGUISTICAMENTE

Diante do exposto acima, podemos começar a questionar o que é preciso então para considerar dado item lexical um determinante. Há várias respostas para esse mesmo questionamento. A primeira posição, mais abrangente, é conceituar um elemento como DP se ele se enquadrar na categoria de palavra funcional. Contudo, isso não é suficiente para definir um determinante, posto que, “se frases nominais consistem em várias camadas de estrutura funcional, então como saberíamos identificar uma palavra funcional como sendo um determinante?”<sup>60</sup> Note que a função prioritária de um determinante é transformar um predicador em um argumento e exercer a função de referencialidade, conforme exemplos<sup>61</sup>.

(1)

---

<sup>60</sup> GHOMESHI, PAUL, WILTSCHKO (2009, p. 2): *if nominals phrases do indeed consist of several layers of functional structure, then how do we know that the function word we are looking at is a determiner?*

<sup>61</sup> Exemplos retirados de WILTSCHKO, Martina. What’s a determiner and how did it get there? In: GHOMESHI, Jila; PAUL, Ilana; WILTSCHKO, Martina (Ed.). *Determiners: universals and variation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 26.



Alemão

a. Maria	ist	[Lehrein] NP
NP nome próprio	VP, presente, sg	NP = predicativo. FEM, sg
Maria	é	professora

Maria é professora

*Mary is a teacher.*

b. Maria	sah	[die	Lehrein]
NP nome próprio	VP, passado, sg	Artigo. FEM	NP.FEM, sg
Maria	viu	a	professora

Maria viu a professora.

*Mary saw the teacher.*

Halkomelem<sup>62</sup>

c. [swíeque] NP	te	í: mex
NP homem, MASC. sg	Artigo. MASC, sg	VP. Pres, gerúndio
Homem	o	caminhar

NP = predicativo

É o homem que está caminhando.

*It's the man that is walking.*

d. í: mex	[te	swíeque]
VP. Pres, gerúndio	Artigo. MASC, sg	NP homem, MASC. sg
caminhar	o	homem

DP = argumento

O homem está caminhando.

*The man is walking.*

<sup>62</sup> Dialeto do Salishe Central falado por povos indígenas da Columbia Britânica.

Essas funções, no entanto, não se realizam da mesma forma em todas as línguas. Por isso, há línguas sem artigos sem que haja deficiência nos processos supracitados.

Conforme mencionado, os determinantes não estão presentes em todas as línguas e também variam em sua forma de manifestação. Há línguas sem artigo, por exemplo, como também línguas cujos traços semânticos e sintáticos dos determinantes se apresentam de formas distintas. Em seu estudo Wiltschko (2009, p. 38 e 63) apresenta a variação translinguística de alguns traços dos determinantes, assim como a variação sintática, comparando o alemão, o halkomelem e o blackfoot<sup>63</sup>:

**Tabela 14: Variação de traços em alemão, halkomelem e blackfoot<sup>64</sup>**

	<b>Alemão</b>	<b>Halkomelem</b>	<b>Blackfoot</b>
Gênero	[MASC] [FEM] [NEUT]	[MASC?] [FEM]	[ANIM] [INANIM]
Número	[SG] [PL]	[SG?] [PL]	[SG] [PL]
Caso	[NOM] [DAT] [ACC] [GEN]	[ABS?] [OBL]	X
Localidade	[PROX] [DIST]	[VIS] [INVIS] [REMOTO]	[LOC1] [LOC2] [LOC3]

**Tabela 15: Variação sintática em alemão, halkomelem e blackfoot<sup>65</sup>**

	<b>Alemão</b>	<b>Halkomelem</b>	<b>Blackfoot</b>
Gênero	O núcleo depende de N	O modificador depende do referente do discurso	O núcleo depende de N

<sup>63</sup> Dialeto indígena da família das línguas álgicas.

<sup>64</sup> WILTSCHKO, Martina. What's a determiner and how did it get there? In: GHOMESSHI, Jila; PAUL, Ilena; WILTSCHKO, Martina (Ed.). In.: *Determiners: universals and variation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 38.

<sup>65</sup> WILTSCHKO, Martina. What's a determiner and how did it get there? In: GHOMESSHI, Jila; PAUL, Ilena; WILTSCHKO, Martina (Ed.). In.: *Determiners: universals and variation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 38; 63.

Número	O núcleo depende de NumP <sup>66</sup>	O modificador depende do referente do discurso	O núcleo depende de N
Caso	O núcleo depende da posição sintática	O modificador depende da posição sintática	-
Localidade	O modificador depende do referente do discurso	O núcleo depende do referente do discurso	O núcleo depende do referente do discurso

Wiltiskcho (2009, p. 38).

O turco, exemplo de língua sujeito – objeto – verbo (SOV) sem artigo, marca a definitude e a especificidade com caso morfológico e não a partir do determinante, por exemplo. Enç (1991, p.4) nos mostra como esse processo ocorre para a especificidade nessa língua.

(2)

a. Especificidade a partir do acusativo

Ali	bir	piyano-	<b>yu</b> <sup>67</sup>
NP nome próprio	NumP, MASC, sg	NP. MASC, sg	<b>Acc</b>
	um	piano	
kiralamak	istiyor		
VP	VP		
alugar: infinitivo	quer: infinitivo		

(O) Alie quer alugar um certo piano. / *Alie wants to rent a certain piano.*

b. Não especificidade com a ausência do acusativo

<sup>66</sup> NumP: sintagma numeral.

<sup>67</sup> Marca morfológica de especificidade em turco. Exemplos retirados de ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. MIT: Linguistics Inquiry. 1991. v. 22. n. 1. p. 1-25.

Ali	bir	piyano-
NP nome próprio	NumP. MASC, sg	NP. MASC, sg
	um	piano
 kiralamak	 istiyor	
VP	VP	
alugar: infinitivo	quer: infinitivo	

(O) Alie quer alugar um piano.

*Alie wants to rent a piano.*

E Ionin (2004, p. 10)<sup>68</sup> nos apresenta a marcação dos artigos em samoano pela especificidade:

c. [- definido, +específico]

‘O le	ulugali’i	I =	a la
<b>PRES ART</b>	casal dar nascimento	<b>ART =</b>	Poss3.du.

Tama

NP criança. FEM, sg

‘o le	Teine	‘o	Sina
PRES ART	NP garota. FEM, sg	PRES	Sina NP nome próprio

Havia um casal que tinha uma garota chamada Sina.

*There was a couple who had a girl call Sina.*

d. [+definido, +específico]

Masani	‘o	le	tamaloa
NP. MASC, sg		PRES <b>ART</b> . sg	NP. MASC, sg
Costume	o		homem

<sup>68</sup> Mosel e Hovdhaugen (1992, p. 259) apud Ionin (2004, ex. 6.37 e ex. 6.38).

e usua'i				=ina lava ia...
VP infinitivo acordar cedo				ES EMPH 3sg
'ae	nonofo	'o	le	fafine
AP	VP presente, sg	PRES	<b>ART</b>	mulher NP
enquanto	permanecer			
ma	I=	a=na		tama i
e	<b>ART=</b>	POSS=3 <sup>a</sup> sg.		NP criança.sg
le	fale.			
<b>ART</b>	NP casa			

Era o costume do homem acordar cedo... enquanto a mulher ficava em casa com sua criança.

*It was the man's practice to get up early and . . . while the woman stayed at home with her child.*

Em línguas sem artigo<sup>69</sup>, o falante precisa recorrer a outras operações como a ordem das palavras, entoação frásica, marcação de número, marcação casual e variação aspectual, segundo estudos (LAMBRECHT, 2000; LYONS, 1999; PADUCHEVA, 1998; RODINOVA, 2001 apud BALDÉ, 2011). Baldé (2011, p. 20-21), citando autores como Lambrecht (2000); Lyons (1999); Paducheva (1998); Rodinova (2001) etc., nos traz exemplos do russo, conforme segue:

(3)

a.				
<i>Kníga</i>	legít	na	stolé.	
NP Livro	VP estar PRES IND	em cima da (locativo)	NP mesa. sg	

*O livro está em cima da mesa.*

<sup>69</sup> Para aprofundamento sobre as marcas de especificidade em russo, ver Baldé (2011) e referências lá citadas.

Em (3a), a ordem SVO indica que o argumento externo equivale à informação dada. Em PB, fazemos isso com a utilização do artigo definido.

b.

Na	stolé	legít
(locativo) em cima da	NP mesa. sg	VP estar PRES. IND.

kníga.

NP livro. sg

*Um* livro está em cima da mesa.

(3b) não segue a ordem canônica SVO e o NP *kníga* (livro) é tido como informação nova. Em PB e em inglês, indicamos essa referência pelo artigo indefinido.

c.

<i>Kníga</i>	legít	na	stolé.
Livro	estar PRES. IND. VP	em cima da (locativo)	mesa

*O /Um* livro está em cima da mesa.

i. Interpretação definida

Locutor: Onde está o livro, que compramos ontem?

Ouvinte: *O* livro está na mesa.

ii. Interpretação indefinida

Locutor: Onde está o livro, que comprei ontem?

Ouvinte: Qual livro? Está um livro na mesa. Será que é esse?

Diferentemente do que ocorre com o traço de especificidade em russo, em que a ordem das palavras influencia em sua valoração; a ordem de suas palavras não afeta as interpretações de [ $\pm$ definido], conforme (3c), em que o contexto precisa ser considerado a fim de marcar a sentença como [ $\pm$ definida].

Já em línguas como o PB e o inglês (SVO), os artigos codificam a definitude. Vide exemplo<sup>70</sup>:

(4) I want to talk to the winner of this race (whoever he is)

Eu quero falar com o vencedor dessa corrida (seja lá quem for)

Conforme exposto, apesar de o artigo definido em si não ser um item lexical presente em todas as línguas, tais línguas não carecem dos traços de definitude e/ ou especificidade. Matthewson (1998) apud Ghomeshi, Paul, Wiltschko (2009) afirma que, em se tratando de definitude, os artigos não a codificam de modo universal. Isto é, há línguas em que a definitude é marcada morfologicamente por algum determinante, ao passo que, em outras, não, conforme exemplos acima. Podemos, como vimos nos exemplos, estender esse posicionamento para outros traços, como o da especificidade. Assim como aponta Chierchia (1998) apud Ghomeshi, Paul, Wiltschko (2009), não são todas as línguas que exigem determinantes como argumento e Matthewson (1998) apud Ghomeshi et al (2009) conclui que a definitude requer o acesso ao campo comum. Portanto, em línguas que não permitem esse acesso, a definitude não exerce nenhum papel. Vejo como problemática essa ideia de haver línguas em que a definitude não exerce nenhum papel. Línguas como o turco nos mostram a marcação de traços via caso morfológico acusativo, conforme já exemplificado ao longo desta pesquisa. Em outras palavras, pode-se confirmar diferentes formas de representação dos traços, sejam eles de definitude ou especificidade. As formas de manifestação variam de língua para língua, não os traços em si.

O que nos resta até então, embora não seja suficiente, é considerar o papel exercido pelos determinantes para a argumentação e para a definitude, bem como para a referencialidade em se tratando dos artigos do PB e inglês, uma vez que há línguas que os codificam a partir do traço de especificidade (samoano, turco, salishe etc) e outras que os codificam pela definitude (inglês e PB, por exemplo). Contudo, apesar de o inglês e o PB codificarem os seus sistemas de artigos a partir da definitude, bem como utilizá-los como ferramenta para a referencialidade e a argumentação, falantes de PB L1 com aquisição consecutiva de inglês L2 apresentam dificuldades na aquisição do artigo definido.

---

<sup>70</sup> Ionin (2009, p. 338) com a respectiva equivalência em PB transcrita pela autora desta pesquisa.

Se existe, portanto, independência da posição sintática, seja D ou SpecNP, essa independência está associada à necessidade de marcação fonológica em algumas línguas, como é o caso do Princípio da Projeção Extendida (EPP) (Chomsky, 1981). O que as autoras (GHOMESHI et al, 2009) sugerem com isso é que os determinantes são obrigatórios, em algumas línguas, exercendo função expletiva como ocorre com *it* e *there* no inglês. As autoras (Op. Cit.) exemplificam a possível função expletiva dos determinantes, comparando dados do russo com dados do inglês, conforme segue.

(5a)<sup>71</sup>

*(Der)	Hans	hat
det. masc	Hans NP nome próprio	ter VP, presente, 3ª sg

den	Hasen	gesehen.
det. masc	coelho NP	viu VP passado, 3ª sg

*Hans has seen the rabbit.* / O Hans viu o coelho

Se compararmos dados do PB com dados do inglês, constataremos que o PB admite as duas ocorrências:

(5b)

‘Hans saw the rabbit’

Hans viu o coelho

O Hans viu o coelho

Esses dados, em (5b), nos mostram que a presença ou a ausência do determinante em PB corroboram a ideia de que há determinantes expletivos que não interferem na interpretação.

Já no exemplo que se segue, o NP é o argumento, mas ele não é definido e também não apresenta função referencial. Isso posto, Ghomeshi et al. (2009) defendem que então, se o determinante é expletivo em construções como estas, a função argumental é algo proveniente da posição sintática independente de presença ou não de determinante:

---

<sup>71</sup> GHOMESHI et al. (2009, p. 10).



(5c)<sup>72</sup>

Every first year intern was mistreated by the hospital administrator.

[Todos os anos, o estagiário era mal tratado pelo administrador do hospital]

Diante do exposto, se considerarmos que a função dos determinantes é a de criar argumentos, consequentemente, assumimos a necessidade de haver um argumento para cada ocorrência de determinante. Neste caso, os determinantes são obrigatórios. Em contrapartida, as autoras apresentam dados que corroboram a perspectiva de que os determinantes são opcionais no que tange à criação de argumentos, conforme exemplos do alemão, em que a presença do determinante é opcional com NPs massivos, ocorrendo de forma anafórica:

(5d)<sup>73</sup>

Gestern	habe	ich	(das) Bier
yesterday	ter VP presente	eu NP 1ª sg	(det) cerveja NP, sg

getrunken.

drunk VP (particípio)

*Yesterday I drank (the) beer.*

Ontem, eu bebi (a) cerveja.

De acordo com Ghomseshi et al. (2009), se os determinantes forem tidos como opcionais na criação de argumentos, eles não podem ser expletivos. O que se conclui, segundo as autoras (Op. Cit.), é que os determinantes não são interpretados quando eles são obrigatórios e são interpretados quando eles são opcionais, conforme (5d) em que o determinante é opcional e, por isso, é interpretado:

Interpretação 1: [+genérico]

Ontem, eu bebi cerveja

Interpretação 2: [+definido]

Ontem, eu bebi a cerveja

---

<sup>72</sup> GHOMESHI et al., (2009, p. 10) adaptado de WILLIAMS (1997, p. 590, 34a).

<sup>73</sup> GHOMESHI et al. (2009, p. 10).

Abney (1987), por sua vez, entende que a propriedade primária dos elementos funcionais é a de selecionar um elemento único, que não é nem um argumento, nem um adjunto do elemento funcional. Para o autor, a relação entre o elemento funcional, o determinante, no caso, e seu complemento é de seleção funcional.

#### 4.1 A realização do Artigo Definido em português e em inglês

Os artigos, que são determinantes nucleares, se subdividem em definido e indefinido, embora um não seja o oposto do outro, segundo Negri (1988), conforme as gramáticas tradicionais os apresentam. Eles possuem matriz fonética em PB e em inglês da seguinte forma:

**Tabela 16: Os artigos em PB e em inglês**

<b>Definido em PB</b>	<b>Definido em Inglês</b>	<b>Indefinido em PB</b>	<b>Indefinido em inglês</b>
o	the	um	a/ an
a	the	uma	a/ an
os	the	uns	some
as	the	umas	some

As diferenças de realização do artigo definido em PB e em inglês se apresentam na distribuição complementar dos determinantes. Ainda que o PB e o inglês possuam o artigo definido, a distribuição deles não ocorre da mesma forma nas duas línguas. Meu ponto aqui não se trata de sua presença ou ausência, mas de sua distribuição em si nessas línguas. A seguir, apresento os casos em que o emprego do artigo definido é permitido em PB e não em inglês e/ ou vice-versa de acordo com os determinantes que os acompanham.

**Tabela 17: Diferenças na distribuição complementar do artigo definido em PB e em inglês**

<b>PB</b>	<b>Inglês</b>
-----------	---------------

<p>*Carro dela O carro dela</p> <p>O carro da Suamy *Carro da Suamy</p> <p>Sua bolsa é linda! A sua bolsa é linda!</p> <p>Achei o meu pen drive Achei meu pen drive</p>	<p>Her car *The her car</p> <p>*The Suamy's car Suamy's car</p> <p>Your bag is beautiful! *The your bag is beautiful!</p> <p>*I founded the my pen drive I founded my pen drive</p>
---	---

Os exemplos da tabela 17 mostram que a distribuição do artigo definido reside na posição anterior ao do NP e funciona de formas distintas, no PB e no inglês, quando há ocorrência de outros determinantes. Conforme visto, os determinantes possessivos são os que se comportam de modo distinto em relação à distribuição do definido. Em outras palavras, adquirir o artigo definido como inglês L2 exige a aquisição dos outros determinantes e, também, dos NPs, conforme exemplificado na tabela 10. Vale observar que nem o PB, nem o inglês licenciam a co-ocorrência do definido com os demonstrativos, o que ressalta a função dêitica e demonstrativa do artigo definido. Podemos justificar tal função de forma diacrônica, já que o artigo definido é descendente do demonstrativo latino *illu, illa*.

Conforme exemplos da tabela anterior e os apresentados a seguir, existe uma relação entre o emprego do artigo definido e a possessividade.

(6)

a. I was inside the bus

Eu estava dentro do ônibus

b. I was driving my car

Eu estava dirigindo meu carro

c. \*I was driving the car

Eu estava dirigindo o carro

Existe uma relação de (não) possessividade em (6a), (6b) e em (6c) que permite ou não o emprego do definido no inglês, ao passo que, em PB, é permitido tanto o uso do possessivo, quanto do definido. Em (6a), a ausência de possessividade exige o emprego do definido em ambas as línguas, valorando o traço de genericidade. Em (6b) e em (6bc), é nítida a prevaência da possessividade no inglês sobre o definido, quando comparada ao PB. Diferentemente do PB, o inglês não admite a co-ocorrência da marca morfológica da definitude com a da possessividade.

O artigo definido e o possessivo estão em distribuição complementar no PB, por isso, eles co-ocorrem. Em contrapartida, o possessivo ocupa o lugar do definido em inglês, proibindo a co-ocorrência desses itens, conforme representado a seguir.

(7)

a. PB

Audrey Hepburn fez muito sucesso tanto com **as suas** atitudes quanto com **os** filmes.

b. Inglês

Audrey Hepburn was as successful in BOTH **her** attitudes AND **her** movies.

Os dados de produção analisados apontam justamente para esse caminho de emprego do artigo no lugar do possessivo, conforme segue.

(8)

**Tabela 18: Emprego do artigo no lugar do possessivo**

a. Clarice asked if Mel knew to change a baby. She said yes and played with her and <i>the friends</i> .
b. So, we helped her asking her friend if she could sit on the pink circle. As <b>the friend</b> didn't want to leave, although a little upset, Clarice found another color and sat on it.
c. ... Suamy would also try to find an object in our classroom of the same color, pointing towards it saying <b>the color</b> .
d. Very few women would have their lives apart from a man's financial support, either <b>the fathers</b> or <b>the husbands</b> .

e. Even their sexual activity would exist to satisfy <b>the</b> husband.
f. However, it is undoubtful that many feminists have had a very radical attitude towards their ideals and have gone to extremes which showed that they did not see men as the ones who could possibly be allies but as the opposite sex that will always be <b>the</b> enemies.
g. Some courses such, as Tourism does not offer to the students any specific field to develop <b>the</b> work.
h. at the same that the human society has experimented the benefits of the technological development, this same society has felt the negative changes in the planet and shall make <b>the</b> descendants testify even worse destructions.
i. Since the seventies, many private undergraduate courses were inaugurated and research was not <b>the</b> primary objective.
j. The world has changed since those times, but <b>the</b> essences remain.
k. Another great advantage of the credit card is <b>the</b> safety.
l. (Filipe) ... playing nicely and not complaining of or leaving <b>the</b> friend alone.

Voltando à questão dos traços, há de se afirmar que as línguas objeto de estudo desta pesquisa codificam a definitude em seu sistema de artigos. Isto é, segundo o Parâmetro da Escolha do Artigo e a Hipótese da Flutuação de Ionin (2003), isso significa dizer que esses dois sistemas não codificam a especificidade em seus artigos. Outro fator que corrobora tal afirmação é o de que a especificidade se faz presente mesmo em sentenças não marcadas morfologicamente. Dito de outra forma, diferentemente de outras línguas, a especificidade não apresenta um item lexical destinado exclusivamente para representá-la em PB e em inglês, como é o caso do samoano, por exemplo, em que a partícula *le* valoriza a especificidade em contextos definidos e em indefinidos:

(9a) Uso do *le* em [+específico, -definido]

‘O <b>le</b>	ulugali’i	<b>I</b> =	a la
<b>PRES ART</b>	casal dar nascimento	<b>ART</b> =	Poss3.du.

Tama

NP criança. FEM, sg

'o le	Teine	'o	Sina
PRES ART	NP garota. FEM, sg	PRES	Sina NP nome próprio

Havia um casal que tinha uma garota chamada Sina.

*There was a couple who had a girl call Sina.*

(9b) Uso do *le* em [+específico, +definido]

Masani	'o	le	tamaloa
NP. MASC, sg		PRES ART. sg	NP. MASC, sg
Costume	o		homem

e usua'i	=ina lava ia...
VP infinitivo acordar cedo	ES EMPH 3sg

'ae	nonofo	'o	le	fafine
AP	VP presente, sg	PRES	ART	mulher NP
enquanto	permanecer			

ma	I=	a=na	tama i
e	ART=	POSS=3 <sup>a</sup> sg.	NP criança.sg

le	fale.
ART	NP casa

Era o costume do homem acordar cedo... enquanto a mulher ficava em casa com sua criança.

*It was the man's practice to get up early and . . . while the woman stayed at home with her child.*

Em suma, é possível observar que a ocorrência dos traços de definitude e especificidade não acontecem da mesma forma em samoano e em inglês: existe matriz fonológica para a especificidade e não para a definitude em samoano, diferentemente do que ocorre em PB e em inglês. Por outro lado, dizer que o artigo definido marca a definitude em PB e em inglês não é suficiente para afirmar que esse traço reside na entrada lexical e não na posição sintática, conforme foi exposto anteriormente com dados do próprio inglês, alemão e PB relativo aos nomes próprios, assim como o caso dos expletivos, acarretando as duas situações já apresentadas: se a definitude está presente apenas com a ocorrência de determinante ou se ela é admitida também em sua ausência.

Já em se tratando da especificidade, esse traço consegue se fazer presente com marcação morfológica, que é o caso do demonstrativo em PB e em inglês coloquial, mas também se realiza sem tal exigência, conforme exemplos anteriores. Ou seja, seria possível sugerir que a especificidade não está na entrada lexical, mas sim na posição sintática e em sua relação com o conhecimento compartilhado dentro do discurso como nos seguintes exemplos<sup>74</sup> em que (13a) nos mostra um contexto [-definido, +específico] e aponta a especificidade a partir do contexto de fala *her name is Angie, and Beth really likes her*. Ao passo que (13b) apresenta um contexto [+definido, +específico] e também indica a especificidade pela informação a mais dada pelo discurso *he is a very nice man*. *He is talking to my mother about my brother's grades*.

(10a) [-definido, +específico]

(O avô vem para uma visita)

Avô: Where is my little granddaughter Beth? Is she home?

Pai: No... She is not going to be back till late. She is having dinner with a girl from class—her name is Angie, and Beth really likes her.

Avô: Onde está minha pequena neta Beth? Ela está em casa?

Pai: Não... Ela não vai voltar para casa tão cedo. Ela está jantando com *uma* amiga da sala – o nome dela é Angie e a Beth realmente gosta dela.

(10b) [+definido, +específico]

Louise: Where's your mother?

---

<sup>74</sup> IONIN (2008, p. 562).

Julie: She is meeting *the* principal of my brother's elementary school.

He is a very nice man. He is talking to my mother about my brother's grades.

Louise: Onde está sua mãe?

Julie: Ela está em reunião com *o* diretor da escola do meu irmão. Ele é um homem muito bom. Ele está conversando com minha mãe sobre as notas do meu irmão.

É preciso, portanto, descobrir como esses dois traços se realizam nessas línguas ou, ao menos, descartar algumas hipóteses.

Ao voltar a atenção para a ocorrência do artigo definido em PB e em inglês, é preciso considerar a sua relação com o NP, pois o DP exerce uma função dêitica para com o NP, nessas duas línguas, de modo similar, mas não idêntico. A questão então é saber o que regula o NP para que ele exija ou não a presença do definido. A resposta para essa indagação não é única, muito menos consensual.

A minha hipótese é a de que a ocorrência ou não do definido pode ser justificada tanto pelas entradas lexicais do próprio artigo definido, pelas entradas lexicais do NP ao qual ele se refere ou, até mesmo, pelo seu predador, pelo seu papel temático ou pela sua posição sintática na estrutura. Para tanto, importa visualizarmos a classificação dos nomes em PB e em Inglês.

A categoria substantivo, nas duas línguas, é dividida em próprios e comuns. Os comuns, podem ser contáveis ou não, concretos ou abstratos. Os abstratos ainda podem ser massivos como *queijo* e *café*, por exemplo. Contudo, em se tratando dos contáveis e não contáveis, as pesquisas esbarram naquilo que é contável para uma língua e não o é para outra, como ocorre entre PB e inglês com NPs como *sorvete* e *chocolate*. Além do mais, se estamos falando de item lexical, estamos tratando de conjunto de traços. As línguas codificam o seu sistema de artigos ou pela definitude ou pela especificidade, de acordo com estudos de Ionin et al. (2003, 2004, 2008) e de Gillon (2009). Por isso, imprescindível considerar esses dois traços ao estudar a aquisição do artigo definido. A saber, baseada nas gramáticas de Bechara (2006), Cintra & Cunha (2007) e Frodesen e Eyring (2000), esboço o uso do artigo definido em PB e em inglês.

**Tabela 19: Uso do artigo definido em PB e em inglês**

Ocorrência	PB	Inglês	Exemplo
------------	----	--------	---------



Nomes próprios	facultativo	não	Diogo joga Guitar Hero toda noite O Diogo joga Guitar Hero toda noite Diogo plays Guitar Hero every night *The Diogo plays Guitar Hero every night
Elementos únicos (sol, lua etc.)	sim	sim	O sol está brilhando The sun is shining
Anáfora <sup>75</sup>	sim	sim	(A)Sasha esqueceu um livro na cama dela, então ela não conseguiu ler o livro no parque. Sasha forgot a book on her bed, so she could not read the book at the park.
Catáfora	sim	sim	Aqui está a decisão final: você não pode fazer a prova de novo Here's the bottom line: you don't get to take the exam again <sup>76</sup>
Modificadores que tornem o NP específico	sim	sim	O começo <b>do</b> filme foi assustador The beginning <b>of the</b> movie was frightening <sup>77</sup>
Cores	facultativo	não	Azul é mais bonito que rosa O azul é mais bonito que o rosa Blue is more beautiful than pink *The blue is more beautiful than *the pink
Substantivação	sim	restrita	O caminhar é tão bom quanto o caminho Walking is as good as its path
			Minha caneca está na mesa

<sup>75</sup> Processo de retomada do sintagma, anteriormente compartilhado, por referênciação.

<sup>76</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>77</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

Possessivos	facultativo	não	A minha caneca está na mesa My mug is on the table *The my mug is on the table
Partitivos	sim	sim	Cada um dos experimentos foi um sucesso Each of the experiments was successful <sup>78</sup>
Ordinais em [DP Nump NP]	sim	sim	O terceiro componente estava faltando The third componente was missing <sup>79</sup>
Modificador “de” em [DP NP de NP]	sim	sim	O efeito de um terremoto pode ser sentido a milhas The effect of an earthquake can be felt for miles <sup>80</sup>
Referência genérica a uma categoria	varia	sim	Um grande problema urbano está sendo resolvido para os pobres. A major urban problem is caring for the poor. <sup>81</sup>
“Ser humano”/ “human beings	sim	não	O ser humano é mortal Human beings are mortal
Localizações relacionadas a atividades habituais em que o ouvinte não faz ideia de qual seja a localização, ou seja, o referente. Portanto, presença do traço [+específico]	sim	sim	Ele precisa pegar algumas coisas na loja: admite somente a leitura [+definida] She needs to pick up a few things at the store: admite somente a leitura [+específica] <sup>82</sup>

<sup>78</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>79</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>80</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>81</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>82</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

Destinos familiares	oscila	não	<p>As crianças foram direto para <b>casa</b></p> <p>As crianças foram pra <b>escola</b></p> <p>Eles foram para <b>o centro da cidade</b> depois de fazer compras</p> <p>Minha vó caminhava até a <b>escola</b> todo dia</p> <p>The children ran directly <b>home</b></p> <p>They went <b>downtown</b> after <b>supper</b></p> <p>My grandmother walked to <b>school</b> every day<sup>83</sup></p>
Alguns nomes que indicam tempo (night, midnight, midday, dusk, noon etc.)	oscila	não	<p>Ele trabalhou até meia-noite</p> <p>Ele trabalhou até a meia-noite</p> <p>He worked until midnight</p> <p>*He worked until the midnight</p>
Estações do ano	sim	não	<p>A primavera é uma estação do ano maravilhosa</p> <p>Spring is a wonderful time of the year</p>
Nomes de refeições	sim	não	<p>O jantar está pronto</p> <p>Dinner is ready</p>
Meios de transporte precedido por by/ on	não	não	<p>O grupo chegou de carro</p> <p>The group arrived by car<sup>84</sup></p> <p>Eles vieram à pé da reunião</p> <p>They came on foot from the meeting<sup>85</sup></p>

<sup>83</sup> Exemplos de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>84</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>85</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

Meios de comunicação precedido por by	não	não	Nós fomos informados por e-mail... We were informed by e-mail... <sup>86</sup>
Construções fechadas com por/ by, em/ in, e/ and	oscila	não	O dia a dia é complicado *Dia a dia é complicado Day by day is complicated *The day by day is complicated Ela treina dia após dia sem desistir She trains day by day without giving up Ele colocou o coração e a alma no projeto He puts his heart and soul into the project <sup>87</sup>
Particípio + preposição + nome contável	sim	não	O navio estava perdido <b>no</b> mar The ship was lost <b>at</b> sea <sup>88</sup>
Verbo + objeto + preposição	não	não	Alessandro takes pride in Diogo's talent
Nomes de doenças	facultativo	varia	A pneumonia precisa ser tratada no início Pneumonia precisa ser tratada no início Pneumonia needs to be treated at the begining *The pneumonia needs to be treated at the begining A AIDS ainda afeta muita gente AIDS ainda afeta muita gente AIDS has still affected many people *The AIDS has still affected many people

<sup>86</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>87</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>88</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

Partes do corpo	varia	varia	<p>(O) coração pode ser transplantado</p> <p>The heart can be transplanted<sup>89</sup></p> <p>Câncer de bexiga tem sido relacionado com o fumo de cigarro.</p> <p>Cancer of the bladder has been linked with to cigarette smoking<sup>90</sup></p> <p>O sangue carrega nutrientes para os tecidos do corpo</p> <p>(The) blood carries nutrientes to body tissues<sup>91</sup></p> <p>(The) skin is sensitive to ultra-violet rays <sup>92</sup></p>
Nomes geográficos	varia	varia	<p>PB - com artigo: países, oceanos, ilhas, rios, montanhas, cidades formadas por substantivos (o Porto, a Bahia, o Atlântico etc)</p> <p>PB - sem artigo: se o NP for precedido por nome próprio ou adjetivo (São Paulo, Belo Horizonte etc)</p> <p>Inglês – com artigo: se o NP for plural ou coletivo. Está relacionado à traços geográficos. (the United Kingdom, the Philippines, The U.S.A, the Bahamas, etc)</p> <p>Inglês – sem artigo: se o NP for singular (Canada, South Africa, Staten Island, avenue, Union Square etc)</p>
			O professor, o doutor, o historiador etc

<sup>89</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>90</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>91</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

<sup>92</sup> Exemplo de Frodesen e Eyring (2000).

Títulos, pronomes de tratamento	oscila	não	<p>O (a) senhor (a) é gentil</p> <p>Vossa, frei, dom, são, soror</p> <p>Inglês: sempre sem o artigo, mesmo em contexto [+específico], como em</p> <p>Doctor Paul is excellent. He is also a good friend of mine.</p>
Títulos de trabalhos literários e artísticos	sim	não	<p>Eu gostei do Dom Casmurro</p> <p>I liked Dom Casmurro</p>
Adjetivos que representam grupos de pessoas	oscila	sim	<p>Os jovens são todos iguais</p> <p>Jovem é tudo igual</p> <p>The young are the same</p> <p>*Young is the same</p>
Nomes abstratos	varia	não	<p>Nós amamos a <b>vida</b></p> <p>A <b>beleza</b> é passageira</p> <p><b>Beleza</b> é passageira</p> <p><b>Life</b> is beautiful</p> <p>We love <b>life</b></p> <p><b>Beauty</b> is transitory</p>
Nomes massivos	varia	varia	<p>Eu gosto de queijo</p> <p>Me passe o queijo</p> <p>Eu comi o queijo</p> <p>Eu comi queijo</p> <p>I like cheese</p> <p>Pass me the sal, please</p>

			I ate the cheese
			I ate cheese

**Tabela 20: Referência específica**

	<b>PB</b>	<b>Inglês</b>
Referência Específica	Ocorre sem matriz fonológica, mas também na presença do definido, indefinido, demonstrativo e modificadores como <i>principal, único e determinado</i>	Ocorre sem matriz fonológica, mas também na presença do definido, indefinido, demonstrativo e modificadores como <i>main, only e certain</i>

Ao observar as tabelas acima, entendo que o artigo no PB se manifesta de forma mais instável, quando comparado com o do inglês. Essa instabilidade, em parte, ocorre pelo seu uso facultativo em contextos que envolve o traço [+genérico], uma vez que o PB licencia a genericidade tanto com a matriz fonética do artigo definido [+plural], quanto com o uso de *bare noun* (BN)<sup>93</sup> no plural e no singular:

(11a) BN [+plural, +genérico] em PB

Tigres são perigosos

(11b) BN [- plural, +genérico] em PB

Jovem é tudo igual

(11c) Artigo definido, NP [+plural, +genérico] em PB

Os jovens são todos iguais

<sup>93</sup> *Bare nouns*: NPs sem DPs.

Contudo, talvez a leitura genérica com artigo em PB tenha uma relação com o NP que o acompanha e também com o tipo de oração, como temos em *os jovens são todos iguais*. O contexto parece ser mais forte que a própria interpretação de definitude, o que talvez seja um indício de determinante expletivo.

Já no inglês, essa marca de genericidade se realiza apenas com o BN no plural<sup>94</sup>, segundo Ionin et al (2011):

(12) BN [+plural, +genérico] em inglês

Tigers are dangerous

Ou seja, em PB o traço de genericidade se faz presente tanto com matriz fonológica quanto sem e em inglês, apenas sem a matriz fonológica. Um fenômeno similar ocorre com o traço de especificidade: em ambas as línguas, o traço [ $\pm$ específico] não apresenta matriz fonética única e exclusiva para esse fim. Em outras palavras, a especificidade em PB e em inglês pode ocorrer sem marcação fonológica específica, seja ela o artigo definido, o indefinido ou até mesmo adjetivos como *principal*, *único* e *particular*, conforme Enç (1991). Vide exemplos.<sup>95</sup>

(13a) Eu preciso falar com o diretor. Ele é um grande amigo meu.

I want to talk to the president. He is a great friend of mine.

(13b) Jack quer treinar com um famoso levantador de peso que ganhou muitos prêmios.

Jack wants to train with a famous weight lifter who has won many prizes.

(13c) (O) João quer ter um piano em particular que pertencia a um famoso pianista.

John wants to own a certain piano which used to belong to a famous pianist.

Ademais, Ionin et al. (2009) afirma poder haver contextos [+definido,  $\pm$  específico] com a presença do definido:

(14)

*I want to talk to the winner of this race*

---

<sup>94</sup> Note que, em se tratando de nomes massivos, eles não admitem o traço [+plural] como, por exemplo, em *I ate cheese*.

<sup>95</sup> (16b) e (16c) são de Enç (1991, p. 2).



Eu quero falar com o vencedor da corrida

Isso posto, é fato que essas duas línguas em análise nos mostram que:

- a. sua matriz fonética para a definitude é a mesma, o artigo definido;
- b. pode ocorrer definitude sem a presença do definido, como é o caso dos nomes próprios em inglês e em PB para algumas regiões do Brasil, o que pode ser indício de que o *locus* da definitude esteja na posição sintática ou mesmo no seu NP;
- c. a presença do traço [+específico] independe das entradas lexicais, embora isso não seja afirmar que a especificidade estabeleça alguma relação com a posição sintática do NP, mas favorece o posicionamento de que especificidade e informação dada pelo discurso estejam intimamente relacionadas;
- d. a genericidade não se dá necessariamente da mesma forma em PB e em inglês.
- e. O PB marca a possessividade com artigo definido e/ ou com pronome possessivo. O inglês, somente com os possessivos.

De forma sucinta, o feixe de traços que compõe o artigo definido em PB e em inglês se realiza da seguinte forma:

**Tabela 21: Feixe de traços do artigo definido em PB e em inglês**

PB	inglês
[±definido], [±genérico] [±plural], [± feminino] [± possessivo]	[±definido], [±genérico]

**Tabela 22: Genericidade, definitude e especificidade em PB e em inglês**

Leitura	PB	inglês
Genérica	<p>Com artigo definido e NP no singular ou plural;</p> <p>Sem artigo e NP no singular.</p>	Sem artigo com NP no plural
Definida	<p>Fortemente marcada pelo artigo definido;</p> <p>Admite, de forma mais restrita, construções com BN (nomes próprios, NP <i>casa</i>, por exemplo).</p>	<p>Com artigo definido</p> <p>Com BN de forma mais livre, se comparado ao PB</p> <p>(nomes próprios; nome de refeições; estações do ano; nomes abstratos; cores; destinos familiares como <i>escola</i>, <i>centro da cidade</i>; possessivos; nomes que indicam tempo; nomes geográficos se o NP for singular; em construções de participio + preposição + nome contável.</p>
Específica	A partir de informação a mais no discurso que seja de domínio apenas do falante	A partir de informação a mais no discurso que seja de domínio apenas do falante

Em suma, a especificidade em inglês e em PB não é marcada pelos seus sistemas de artigos e consegue ser valorada independentemente de matriz fonológica. Por outro lado, a definitude é codificada nos artigos dessas duas línguas em questão. Contudo, o uso de BN [+plural] sempre valoriza a genericidade no inglês, enquanto que, no PB, a genericidade pode ser valorada tanto com BN quanto com o artigo definido. Replico aqui os exemplos (11) e (12) por praticidade.

(11a) BN [+plural, +genérico] em PB

Tigres são perigosos

(11b) BN [- plural, +genérico] em PB

Jovem é tudo igual

(11c) Artigo definido, NP [+plural, +genérico] em PB

Os jovens são todos iguais

(12) BN [+plural, +genérico] em inglês

Tigers are dangerous

#### **4.2 A aquisição do Artigo Definido no inglês como L2**

Uma vez que existe matriz fonética exclusiva para a definitude, mas não para a especificidade em PB e em inglês, posso afirmar que existe um estado de certa independência lexical para a realização do traço [+específico]. Essa independência é, até certo modo, das entradas lexicais, pois existem três tipos de DPs em que existe a especificidade (definido, indefinido, alguns adjetivos), sendo que, em se tratando do definido e do indefinido, essa especificidade não é exigência da entrada lexical, e sim de algo presente na estrutura do discurso. Isto é, os artigos definido e indefinido não

carregam o traço [ $\pm$ específico]. Diferentemente do que ocorre com o traço [ $\pm$  definido] em relação ao artigo definido.

Quando se observa, por exemplo, os NPs apresentados anteriormente, em que há uma distinção de uso do artigo definido entre PB e inglês, a começar pelos nomes próprios, o PB ainda precisa do artigo definido, em algumas regiões do Brasil, para marcá-los; já a língua inglesa entende que a definitude presente no NP já é suficiente, não a marcando a partir do definido por exemplo em nenhuma situação. Ao seguir para o caso das cores, em que o PB admite a presença do definido, assim como a sua forma BN, e o inglês só admite o BN, significa dizer que as cores em inglês apresentam um traço [+definido] tão marcado, que elas não precisam confirmar a sua definitude com o artigo definido; ao passo que em PB elas podem ou não apresentar matriz fonológica de definitude. O interessante é que, partindo do conceito de definitude apresentado anteriormente, o caso das flores, em que o referente é compartilhado por ambos os interlocutores do discurso, existe referente comum partilhado entre os interlocutores, mas que, por sua vez, não exige marca morfológica em PB e não a admite em inglês. Esse processo ocorre da mesma forma com os nomes próprios nessas línguas. Processo similar ocorre para a definitude quando se trata dos NPs: nome de refeições, nomes abstratos, estações do ano, nomes que indicam tempo, destinos familiares como *escola*, *centro da cidade*, possessivos, em construções de particípio + preposição + nome contável e nomes geográficos se o NP for singular em que o inglês não admite a presença do artigo definido, embora se trate de valor [+definido]; ao passo que o PB só admite, mas não obriga, a sua omissão nessas condições com nomes próprios e com o NP *casa*, e obriga a sua omissão NPs referentes à matérias de estudo se acompanhadas de frases verbais (do inglês, VPs) aprender, estudar, cursar, ensinar e sinônimos, conforme ilustrado<sup>96</sup>:

(15)

- a. Aprender inglês
- b. Estudar latim

---

<sup>96</sup> Exemplos de Cunha e Cintra (2007, p. 250).

Contudo, quando se trata de substantivação, o PB a permite de forma livre com o uso de DP definido, indefinido ou de demonstrativo como, por exemplo, a substantivação de VPs:

(16)

- a. O amanhecer em Florianópolis é lindo
- b. Um amanhecer é sempre uma nova chance de aproveitar a vida
- c. Esse olhar é cativante

Enquanto o PB comporta a substantivação de forma livre, conseguindo transformar qualquer categoria em NP a partir de um DP, o inglês é mais restritivo neste aspecto. A língua inglesa não consegue transformar qualquer VP em NP a partir de um DP. Para isso, ela se vale do *-ing* que é a sua forma própria de substantivação:

(17)

- a. Transformação de VP em NP em PB

*O caminhar é tão bom quanto o caminho.*

- b. Transformação de VP em NP em inglês

*Walking is as good as its path.*

O caminhar é tão bom quanto o caminho

Já no quesito de uso do artigo definido para se referir a localizações relacionadas a atividades habituais, tanto o PB quanto o inglês exigem o DP, porém, com uma sutil e importante diferença: no PB, esse determinante marca o traço [+definido] admitindo leitura [±específica], ao passo que, no inglês, a única leitura possível é a de [-definida, + específica], uma vez que o uso do artigo neste contexto é voltado para situações em que o ouvinte não faz ideia de qual seja o referente, a localização, segundo Frodesen & Eyring (2000).

Exemplos:

(18)

- a. Eu preciso pegar algumas coisas na loja
- b. I need to pick a few things up at the store

Em (18a), *a loja* apresenta um traço [+definido], já que falante e ouvinte compartilham desse referente dentro do discurso. Já em (18b), a única interpretação possível é a de que o ouvinte não compartilha do referente *the store*, ele não faz ideia de qual seja a loja, caracterizando, portanto, um traço [+específico]. Ao passo que em (18c), por exemplo, é possível haver interpretação [+definido, +específico], pois o conjunto “banco” é de conhecimento de todos e porque “o banco onde o gerente do falante trabalha” é uma informação não compartilhada entre os interlocutores, caracterizando atributo de especificidade para este NP:

(18c) Eu preciso ir até o banco conversar com o meu gerente.

No que tange ao NP destinos familiares, como *home*, *downtown* e *school*/ casa, centro da cidade e escola, o inglês mais uma vez é categórico: não há artigo definido antes, enquanto o PB mantém a sua instabilidade de matriz fonológica e BN, conforme exposto na tabela anterior. Em contrapartida, o que seria realmente dizer que um destino é familiar ou não? As gramáticas analisadas não respondem a essa questão. Porém, até que ponto *parque* não seria um destino familiar<sup>97</sup>, embora ele seja um NP que exija artigo definido no inglês? O próprio inglês apresenta variação com o NP *hospital*, por exemplo: enquanto o inglês americano usa a forma *go to the hospital*/ ir ao hospital, o inglês britânico emprega a forma *go to hospital*.

O que se vê é a não necessidade de o inglês marcar a definitude em vários contextos quando comparado com o PB. O PB necessita marcar fonologicamente a definitude em mais situações que o inglês, conforme exposto nos exemplos anteriores. Já o comportamento do NP *human beings*/ ser humano, usado no plural em sua forma BN no inglês; e, no PB, no plural e no singular com e sem a matriz fonológica do artigo definido não está atrelado à traços de definitude, mas de genericidade. Processo inverso, presença do artigo, acontece no inglês no que tange à genericidade para designar grupos de pessoas a partir de adjetivos: o inglês pede a construção *the + NP plural*, enquanto o PB mantém o seu padrão instável de genericidade, conforme exemplos replicados a seguir por praticidade.

---

<sup>97</sup> O termo familiar é usado dentro do conceito de definitude adotado nesta pesquisa.

(19) Maior necessidade de marcação da definitude em PB, se comparado ao inglês.

**Tabela 23: Comparativo de marcação da definitude em PB e em inglês**

PB	Inglês
a. Nós amamos a vida	We love life
b. (A) beleza não conquista tudo	Beauty does not conquer everything
c. (A) Minha caneca está na mesa	My mug is on the table
c. Jovem é tudo igual	The young are all the same
d. Os jovens são todos iguais	-----

Em se tratando de construções fechadas ligadas por *by*, *in* e *e*, o PB licencia o uso do artigo definido por substantivação, ao passo que o inglês não licencia em nenhuma hipótese.

(20)

O dia a dia... / \*the day by day

No que tange aos NPs relativos a nomes de doenças, o uso do artigo no PB é facultativo e no inglês varia tanto no uso do definido, quanto do indefinido e do BN, conforme quadro de Frodesen & Eyring (2000, p. 95):

**Tabela 24: Uso do artigo em inglês - doenças 1**

the + NP	a/an + NP		(the) + NP + plural
the flu	a cold	an ulcer	(the) bends
the gout	a hernia	a stroke	(the) mumps
the plague	a headache	an earache	(the) measles
	a heart attack	a sore throat	(the) hiccups

**Tabela 25: Uso do artigo em inglês - doenças 2**

Ø+ NP não contável		Ø+ NP terminado em -s
influenza	leukemia	diabetes

pneumonia	diarrhea	rabies
malaria	mononucleosis	herpes
arthrits	cardiovascular disease	AIDS
cancer	tuberculosis	

Contudo, note que o conceito de contável e incontável é passível de discussão, pois varia de cultura para cultura, o que pode dificultar a aquisição do artigo se o aprendiz partir desse pressuposto de contável e incontável apresentado em livros didáticos de língua inglesa. Podemos assumir o mesmo raciocínio em relação aos NPs massivos e abstratos, em que o aprendiz de L2 novamente precisa considerar os traços dos NPs e não apenas dos artigos para saber empregar o artigo definido em inglês que, neste caso, pede o uso do BN. Processo similar ocorre com os nomes geográficos, pois ambas as línguas fundamentam a presença do artigo definido ou do BN nos traços dos NPs.

Em se tratando de títulos de profissão e de obras literárias, novamente o PB é inconsistente, admitindo BN e artigo definido e o inglês é categórico: licencia apenas o BN.

Em suma, o que se observa sobre a valoração de definitude em PB e em inglês é que aquela apresenta grande necessidade de marcar fonologicamente a definitude com o artigo definido, salvo casos muito específicos, até porque, o português brasileiro também valora os traços de gênero e número em seus artigos, ao contrário do inglês que os valora apenas em seus NPs. Dessa mesma forma, o inglês também licencia o emprego de BN de forma bem mais aberta e livre, se comparado ao PB, responsabilizando o NP para a definitude.

#### 4.3 Análise de dados

O meu uso de dados é para diagnosticar onde está o problema a partir de dados de produção de falantes brasileiros adultos com alto nível de proficiência em inglês L2. Os exemplos de (21) a (24) foram retirados de dados de produção de professores de língua inglesa com experiência em escola bilíngue da região metropolitana de São Paulo.



Esses dados apontaram oscilação entre a presença e a ausência do artigo definido com os NPs *kids*, *children* e *students*, conforme segue:

(21)

**Tabela 26: Dados de produção em inglês L2 por falantes do PB L1**

Produção	Caso	Papel temático	Traço
a. ... farm pictures that <i>the children</i> brought from home.	nominativo	agente	[+definido]
b. *We <i>proposed kids</i> a tour around the school <sup>98</sup>	acusativo (ing) dativo (PB)	experienciador	[+genérico]
c. <i>Kids</i> were exposed to the open-minded profile	nominativo	experienciador	[+genérico]
d. <i>The kids</i> are exposed to situations they have to select an appropriate course of behavior	nominativo	experienciador	[+definido]
e. We have exposed <i>the kids</i> to the inquirer profile	acusativo	experienciador	[+definido]
f. We <i>showed kids</i> the different containers with tempera	acusativo (ing) dativo (PB)	experienciador	[+genérico]
g. <i>Students</i> had the opportunity to observe pictures of very different houses	nominativo	experienciador	[+genérico]
h. <i>The students</i> researched different kinds of dwellings	nominativo	agente	[+definido]
i. <i>Kids</i> were able to communicate information and ideas	nominativo	experienciador	[+genérico]

<sup>98</sup> Não tratarei de erros de produção que não sejam o foco deste trabalho, o artigo definido.

j. <i>Kids</i> gathered information about our school	nominativo	experienciador ou agente	[+genérico]
k. We ask <i>the kids</i> how they feel	nominativo (ing) dativo (PB)	tema	[+definido]
l. When <i>kids</i> have to choose a place to sit...	nominativo	experienciador	[+genérico]

Como exposto na tabela acima, a oscilação entre matriz fonológica *the* e BN com os NPs *kids*, *children* e *students* ocorre com caso nominativo e acusativo em inglês e em PB em suas equivalências; ao passo que o dativo ocorreu apenas nas sentenças equivalentes em PB, como em (21b), (21f) e (21k).

(21b) \*We *proposed kids* a tour around the school

Nós propusemos às crianças um passeio pela escola

(21f) We *showed kids* the different containers with tempera

Nós mostramos às crianças os diferentes recipientes com tempera

(21k) We ask *the kids* how they feel

Nós perguntamos às crianças como elas se sentem

Em relação aos papéis temáticos e aos traços, note que a oscilação acontece tanto com agente, quanto com experienciador e tema; além de haver confusão entre genericidade e definitude. (21a), por exemplo, é marcado fonologicamente com [+definido], mas (21b) não, embora a referência aos NPs *children* e *kids* seja [+definida], uma vez que o falante está fazendo menção ao mesmo grupo de crianças ao longo de toda a sua escrita. Em outras palavras, o falante se refere a um grupo definido

seja a partir do NP *children* ou *kids*, mas oscila entre marcar e não marcar a definitude do grupo. Isso faz com que XB valore o traço [+genérico] em contexto [+definido], já que BN + NP [+plural] é a marca canônica de genericidade em inglês. O mesmo ocorre em (21c) e (21d) conforme seguem novamente para fins de praticidade:

(21c) *Kids* were exposed to the open-minded profile

(21d) *The kids* are exposed to situations they have to select an appropriate course of behavior

Essas duas sentenças se referem ao mesmo grupo de alunos, apresentam o mesmo NP, *kids*, e o mesmo predicator, *to be exposed to*, e foi produzida pelo mesmo falante em linguagem escrita ao longo da mesma produção. Ou seja, ambas carregam o caso nominativo e o papel temático de experienciador. Contudo, (21c) é BN e (21d) não, o que resulta em traço [-definido, +genérico] em (21c) e [+definido, -genérico] em (21d). Processo similar ocorre em (21e) e (21f); e em (21g), (21h), (21k), (21l), conforme exposto na tabela anterior.

Esse comportamento pode ser um indício de que a dificuldade do brasileiro reside na valoração entre os traços de definitude e genericidade e não na de definitude e especificidade como ocorre com falantes de línguas sem artigo adquirindo língua cujo sistema de artigos marca a definitude. Digo isso pelos dados expostos ao longo desta pesquisa e pelos dados de produção dos brasileiros aqui apresentados. Se essa previsão estiver correta, a dificuldade de valoração pode estar justamente na diferença de marcação de definitude do PB e do inglês, mesmo que as duas línguas codifiquem a definitude em seus sistemas de artigos. Isso, porque a língua inglesa, ao mesmo tempo em que marca a genericidade com BN [+plural], não marca número em *the* e marca a definitude também com BN em vários casos, conforme apresentado neste capítulo. Talvez, a dificuldade de aquisição consecutiva do artigo definido por falantes de PB L1 se justifique pelo fato de que o inglês proíbe o uso do artigo em casos específicos mesmo em se tratando de traço [+definido]; ao passo que o PB admite tanto o BN quanto o artigo definido. Um exemplo disso é o caso dos nomes próprios nessas duas línguas. O PB é fortemente marcado pelo uso facultativo do artigo definido, enquanto o inglês é pontual a esse respeito, o que pode causar construções de NPs [+genérico], quando o NP deveria ser [+definido] devido ao BN, no inglês, conseguir marcar tanto a

definitude, quanto a genericidade. Essa inconsistência aparentemente justifica a Hipótese da Flutuação, em que o falante de L2 oscila entre a marcação de acordo com a sua L1 e a de acordo com a língua-alvo. Contudo, ele também está sujeito a algum tipo de fossilização, caso não receba *input* adequado para valorar os traços da L2.

Os dados de produção do exemplo 21 demonstram justamente a Hipótese da Flutuação entre BN e DP fonologicamente marcado, conforme replicados na tabela 27.

**Tabela 27: Bare nouns em inglês - definitude e genericidade**

Sentença	Artigo	Traço
(21c) <i>Kids</i> were exposed to the open-minded profile	BN	[+ genérico, - definido]
(21d) <i>The kids</i> are exposed to situations they have to select an appropriate course of behavior	artigo definido	[- genérico, + definido]
(21m) <sup>99</sup> <i>Suamy</i> read “Alice in Wonderland” last vacation.	nome próprio	[- genérico, + definido]

Note a diferença entre definitude e genericidade em PB e em inglês:

**Tabela 28: Definitude e genericidade em PB e em inglês**

Leitura	PB	inglês
<b>Genérica</b>	Com artigo definido e NP no singular ou plural; Sem artigo e NP no singular.	Sem artigo com NP no plural

<sup>99</sup> Exemplo da própria pesquisadora.

<b>Definida</b>	<p>Fortemente marcada pelo artigo definido.</p> <p>Admite, de forma mais restrita, construções com BN (nomes próprios, NP <i>casa</i>, por exemplo).</p>	<p>Com artigo definido;</p> <p>Com BN de forma mais livre, se comparado ao PB (nomes próprios; nome de refeições; estações do ano; nomes abstratos; cores; destinos familiares como <i>escola</i>, <i>centro da cidade</i>; possessivos; nomes que indicam tempo; nomes geográficos se o NP for singular; em construções de particípio + NP + PP.</p>
-----------------	--	---

A tabela a seguir apresenta erros de produção de falantes adultos brasileiros com inglês L2 quanto ao emprego do artigo definido no lugar do possessivo.

(22)

**Tabela 29: Erros de produção - substituição do possessivo pelo artigo definido**

Sentença	Caso	Papel Temático	Traço
a. Clarice asked if Mel knew to change a baby. She said yes and played with her and <i>the friends</i> .	dativo	tema	[+definido]
b. So, we helped her asking her friend if she could sit on the pink circle. As <i>the friend</i> didn't want to leave, although a little upset, Clarice found another color and sat on it.	nominativo	experienciador	[+definido]
c. ... Suamy would also try to find an object in our classroom of the same color, pointing towards it saying <i>the color</i> .	acusativo	tema	[+definido]

Como se pode observar em (22a), (22b) e em (22c), o artigo foi empregado equivocadamente no lugar do possessivo *her*; *its* e *its*, respectivamente.

Os dados de produção a seguir mostram construções [+genéricas] em contextos que pedem valores [+definidos] por referência anafórica.

(23)

**Tabela 30: Erros de produção - construções genéricas em contextos anafóricos**

Sentença	Caso	Papel Temático	Traço
a. Students were able to plan and carry out activities effectively.	acusativo	tema	[+genérico]
b. In the beginning, she liked to stay closer to Davi, as she did not know *very well some of the other kids. Now, she plays well with others and by herself, too.	ablativo	tema	[+genérico]

Em (23a), como o NP está no plural em sua forma BN, isso caracteriza a genericidade em inglês. Contudo, ao longo da produção inteira do falante, ele menciona quais foram as atividades realizadas. Então, respeitando a função anafórica do artigo definido, (23a) deveria marcar a anáfora com o artigo definido. (23b) apresenta o mesmo problema de referência anafórica com BN.

Na tabela que segue, temos o inverso: construções [+definidas] com a marca do artigo em contextos [+genéricos]:

(24)

**Tabela 31: Erros de produção - construções definidas em contextos genéricos**

Sentença	Caso	Papel Temático	Traço	Sentença correta [+genérico]
a. At the same time, we can recognize in Giovanni great	ablativo	tema	[+definido]	At the same time, we can recognize in Giovanni great

sympathy for <i>the animals</i> . He regularly observes and takes them to a better place so they won't get hurt.				sympathy for <i>animals</i> . He regularly observes and takes them to a better place so they won't get hurt.
b. We have also been asking the kids to trash their banana peels after snack, getting <i>the water</i> and putting snack utensils back on the tray by themselves.	acusativo	tema	[+definido]	We have also been asking the kids to trash their banana peels after snack, getting <i>water</i> and putting snack utensils back on the tray by themselves.
c. They... and have <i>the independence of spirit</i> to explore new roles, ideas and strategies.	acusativo	tema	[+definido]	They... and have <i>independence of spirit</i> to explore new roles, ideas and strategies.
d. Confidence: feeling confident in their ability as learners, having <i>the courage</i> to take risks.	acusativo	tema	[+definido]	Confidence: feeling confident in their ability as learners, having <i>courage</i> to take risks.
e. She observed and identified color around her <i>in the nature</i> .	ablativo	locativo	[+definido]	She observed and identified color around her <i>in nature</i> .
f. ... they can do anything to <i>help the nature/ animals</i> .	acusativo	tema	[+definido]	... they can do anything to <i>help nature/ animals</i> .
g. Students were asked to research about small and big things, such as <i>the nature</i> .	ablativo	tema	[+definido]	Students were asked to research about small and big things, such as <i>nature</i> .

Em suma, os pontos principais expostos até aqui se baseiam (i) no conceito de definitude e especificidade propostos por Ionin (2003, 2009); (ii) nos exemplos de realização de definitude e de especificidade em diversas línguas; (iii) nas formas de realização de definitude e especificidade em inglês e em PB; e (iii) nos dados de produção aqui apresentados, bem como na tentativa de responder as perguntas de pesquisa, a saber:

- a. Quais os erros mais comuns envolvendo a aquisição do artigo definido *the* por falantes nativos adultos do PB? Como se caracterizam esses erros?
- b. Quais são as diferenças gramaticais entre o artigo definido no inglês e no português?
- c. Como esses falantes nativos do PB lidam gramaticalmente com os traços de definitude e especificidade em relação ao artigo definido quando estão adquirindo o inglês como L2?

Assim, suponho que a dificuldade de aquisição tardia do artigo definido *the* por falantes de PB L1 reside (i) entre a presença de matriz fonológica e BN na valoração do traço [+definido] e (ii) na diferença de valoração do traço de possessividade entre PB e inglês.

Isto é, a definitude não depende das entradas lexicais dos determinantes em PB e em inglês, embora os seus artigos codifiquem a definitude, mas sim de sua posição sintática e da relação do NP com o discurso. Assim como ocorre com a especificidade no que se refere ao discurso, e não à matriz fonológica. Contudo, essa permissão para valorar o traço de definitude sem a presença do definido não ocorre da mesma forma em PB e em inglês, conforme o exemplo de produção a seguir:

(25)

- a. \*Since I was a little kid, I always admired *the teacher's work*.
- b. Desde que eu era pequena, eu sempre admirei o trabalho do professor.



A construção em (25a) só é permitida em inglês em sua forma BN, diferentemente do PB, conforme (25b).

O artigo definido é uma das manifestações possíveis para a marcação dos traços de definitude e especificidade translinguisticamente: não necessariamente a única. Conforme exemplificado ao longo desta pesquisa, há línguas que marcam a definitude a partir do artigo, outras que marcam a especificidade e ainda outras que se valem da marcação de caso morfológico acusativo para representar esses traços.

O grande impasse da aquisição do artigo definido *the* pelos falantes de PB L1 é o de que ambas as línguas dispõem desse item lexical, o que faz com que os indivíduos usem um pelo outro num estado de equivalência. Contudo, não existe tal equivalência. Um não vale pelo outro. Os traços codificados no definido são diferentes no PB e no inglês, conforme exposto anteriormente. Existe uma diferença de manifestação do definido entre as duas línguas e o falante super generaliza o uso do artigo.

O fato de os artigos dessas duas línguas:

- a. não serem equivalentes, mas serem apresentados, em certa medida, como equivalentes pelos livros didáticos e gramáticas ~~tradiconais~~ tradicionais;
- b. serem codificados a partir do traço de definitude e não no de especificidade;
- c. valorarem traços diferentes: o definido do inglês não marca número, gênero e possessividade, como o do PB;
- d. manifestarem-se de formas distintas.

Reforça a Hipótese da Flutuação e o Parâmetro da Escolha do Artigo, propostos por Ionin (2003). Além do mais, esses fatores influenciam a fossilização do uso do artigo no inglês como L2 por parte dos falantes de PB L1.

Na transposição da proposição semântica para a manifestação sintática de dada ideia, você tem diferenças grandes entre a L1 e a L2. Você tem uma certa proposição quando passa para a estrutura sintática na L1, respeitando as características estruturais da L1, e o definido vai constar no PB como traço morfológico de definitude, número, gênero; genericidade e possessividade. Consequentemente, o falante de PB L1 julga que o uso do artigo *the* na L2 é o mesmo do da L1: ele acha que é só fazer a mesma coisa, mas não é. Na passagem da estrutura semântica para a estrutura sintática, na L2, o falante precisa identificar que às vezes a marcação do traço que ele precisa não está no artigo, mas no elemento possessivo, por exemplo.

A marcação morfológica de possessividade será somente com o possessivo no inglês; e com artigo ou com artigo e o possessivo no PB. Isto é, mesmo embora você

esteja tratando de duas línguas que têm o artigo definido e indefinido, isso não garante necessariamente que basta transferir um para o outro, como o inglês e o português estão mostrando. O brasileiro está assumindo que o artigo funciona da mesma forma no inglês e no português e vimos que não é: a distribuição é diferente, assim como os seus traços.

Segundo Leech e Svartvik (2002)<sup>100</sup>, tanto o definido quanto o possessivo são determinantes centrais. Contudo, a distribuição desses dois determinantes se comporta de maneira distinta em PB e em inglês: diferentemente do PB, eles não co-ocorrem em inglês.

(26)

a. Their	eyes	are
Deles POSS. masc. pl	olhos NP. MASC. pl	são VP 3 <sup>a</sup> pl. presente

beautiful.

lindos AP. plural

b. Os	olhos	dele	são
DP. masc. pl	NP. masc. pl	POSS. masc. sg	VP3 <sup>a</sup> pl. presente

lindos.

AP. masc. pl.

Os dados de produção mostraram que os falantes se valem do artigo definido *the* para marcar possessividade. Contudo, isso é característica do PB e não do inglês, conforme apresentado. Replico aqui alguns dados de produção, por praticidade para justificar a minha hipótese.

(27)

**Tabela 32: Dados de produção - substituição do possessivo pelo artigo: construções proibidas em inglês**

a. Clarice asked if Mel knew to change a baby. She said yes and played with her and **the friends**.

b. So, we helped her asking her friend if she could sit on the pink circle. As **the friend** didn't want to leave, although a little upset, Clarice found another color and sat on it.

<sup>100</sup> Vide tabela 2, no capítulo 2.

- c. ... Suamy would also try to find an object in our classroom of the same color, pointing towards it saying **the** color.
- d. Very few women would have their lives apart from a man's financial support, either **the** fathers or **the** husbands.
- e. Even their sexual activity would exist to satisfy **the** husband.
- f. However, it is undoubtful that many feminists have had a very radical attitude towards their ideals and have gone to extremes which showed that they did not see men as the ones who could possibly be allies but as the opposite sex that will always be **the** enemies.
- g. Some courses such, as Tourism does not offer to the students any specific field to develop **the** work.
- h. at the same that the human society has experimented the benefits of the technological development, this same society has felt the negative changes in the planet and shall make **the** descendants testify even worse destructions.
- i. Since the seventies, many private undergraduate courses were inaugurated and research was not **the** primary objective.
- j. The world has changed since those times, but **the** essences remain.
- k. Another great advantage of the credit card is **the** safety.
- l. (Filipe) ... playing nicely and not complaining of or leaving **the** friend alone.
- m. She checks her diary more often than in the first months, but sometimes **the** homework is late.
- n. ... when the customer does this, they can lose **the** control.
- o. So, there are these two facts: the dependence people have of technology and **the** fragile relationships.
- p. Now that women insist that they must work outside **the** home to prove something, their children are being raised by strangers.
- q. The worst thing is that the prisoner turns into a danger when he gets **the** freedom.
- r. In the beginning, it should be hard to cope this type of situation, but after **the** birth, these women will have an enormous affection for **the** children and **the** kids will bring

much happiness for them.
s. Kosovar women are raped during a civil war by Serbs and they do not receive any government support. Many times these women can not give a good life to <b>the</b> baby.
t. It is now standard practice for mothers to keep <b>the</b> children quiet by putting them in the living-room and turning on the set.

Esses dados de produção apontados na tabela 32, bem como os que apresento a seguir ajudam a sustentar a minha hipótese de que a marca de possessividade pelo artigo definido é característica estrutural do PB e não do inglês.

(28)

**Tabela 33: Possessividade no artigo definido do PB**

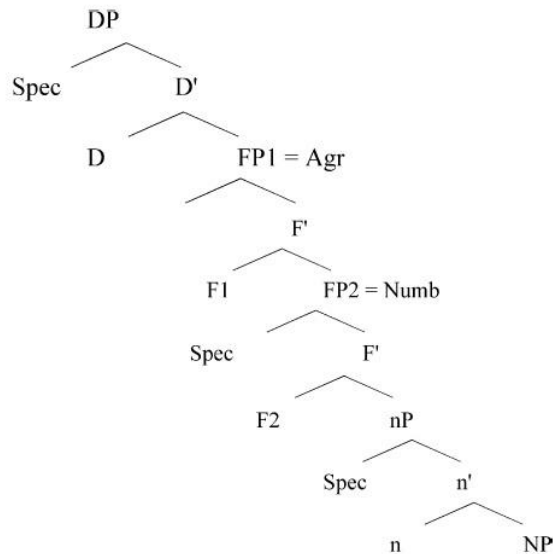
a. Afonso aconselha Romero a dizer a Ulisses que ama <b>o</b> filho (dele).
b. Delano entrega a carta de Catarina a Augusto e avisa que <b>a</b> filha (dela) está à beira da morte.
c. Catarina é forçada por Otávio a anunciar <b>o</b> casamento (dela).
d. Catarina diz à Lucíola que <b>o</b> noivado (dela) se tornou seu maior trunfo para conquistar Afonso.

A constatação de que o artigo do PB, contrariamente ao do inglês, carrega o traço de possessividade dificulta a aquisição do artigo *the* por falantes de PB L1: eles não são expostos a *input* suficiente e de qualidade para conseguirem remarcar adequadamente os parâmetros da L2. Os livros didáticos também não fazem nenhuma diferença substancial entre os artigos das duas línguas. Como resultado, temos a Hipótese da Flutuação neste cenário, de forma que a transferência se sobressai em relação à flutuação e não o inverso, pois os falantes entendem que esses artigos são equivalentes, provocando então a fossilização.

Segundo Alexiadou (2004), os possessivos são basicamente gerados em Spec, nP<sup>101</sup> e movidos para Spec, DP via AgrP, onde eles são licenciados.

<sup>101</sup> nP introduz o possessivo.

Carstens (2000), Radford (2000), Alexiadou (2003) apud Alexiadou (2004) ilustram a estrutura dos DPs possessivos conforme segue:



Em outras palavras, a autora afirma que a definitude é marcada via possessivo em inglês como resultado de sua posição estrutural, e não por sua marcação de caso. Para ela, o fato de os possessivos do inglês terem perdido a sua flexão historicamente resultou em:

- a. eles só aparecem em posição prenominal:

<i>their</i>	<b>songs</b>	are	the
deles POSS. 3pl.	músicas NP. pl	são VP. 3pl.	as DP. fem. pl.

best

melhores AP. pl.

- b. eles não co-ocorrem com determinantes:

*the	their	songs	are
DP	deles POSS.3pl.	músicas NP. pl	são VP. 3pl.

the

as DP. fem. pl.

best

melhores AP. pl.

As músicas deles são as melhores

Replico aqui a tabela 4 do capítulo 2 por praticidade de referência.

**Tabela 4: Ordem de dificuldade de aquisição dos morfemas em L1 e L2<sup>102</sup>**

<b>Aprendizes de L1 (Brown, 1973)</b>	<b>Aprendizes de L2 (Dulay e Burt, 1973)</b>
Plural (-s)	Plural (-s)
Progressivo (-ing)	Progressivo (-ing)
Passado irregular	Cópula abreviada
<b>Artigos</b>	Auxiliar abreviado
Cópula abreviada	<b>Artigos</b>
<b>Possessivo (’s)</b>	Passado irregular
Terceira pessoa do singular (-s)	Terceira pessoa do singular (-s)
Auxiliar abreviado	<b>Possessivo (’s)</b>

(BAILEY et al., 1974, p. 236)

De acordo com a tabela 4, o possessivo é mais difícil de ser adquirido pelo falante de L1 e de L2 que os artigos. Mais do que isso, o traço [ $\pm$ possessivo] é o mais difícil para o aprendiz de L2 adquirir, segundo estudos de (Dulay e Burt, 1973) apud (BAILEY et al., 1974, p. 236). Essa dificuldade pode tornar a tarefa de aquisição do artigo definido *this* ainda mais complexa para os brasileiros, já que o definido do PB valoriza a possessividade e o do inglês não: o falante de L2 deste estudo precisa lidar com dois cenários complexos em AL2: o traço de possessividade e a reconfiguração paramétrica.

Enfim, podemos fazer uma comparação com o resultado dos dados de Ionin (2003) e com os dados de produção de falantes adultos de PB L1 aqui apresentados.

O estudo de Ionin (2003) aponta que (i) se a flutuação sobrepõe a transferência, os falantes de russo L1, língua sem artigo, oscilam entre os artigos *the* e *a* em contextos [-específico, + definido] e (ii) se a transferência sobrepõe a flutuação, os falantes de espanhol L1, língua com artigo, não erram o emprego do definido e do indefinido, não demonstrando dificuldade com o traço de especificidade.

<sup>102</sup> O estudo original sobre a ordem de aquisição dos morfemas em L1 foi feito por Roger Brown (1973) com apenas três crianças.

Já o diagnóstico da análise dos dados de produção aqui apresentados aponta para além da relação entre definitude e especificidade: a maior ocorrência de erros cometidos por esses falantes envolve (i) a marcação fonológica de definitude x *bare noun*, o que por vezes envolve o traço de genericidade de forma não proposital e não o de especificidade e (ii) o emprego do definido *this* no lugar dos possessivos. Em linhas gerais, a grande dificuldade do brasileiro, na aquisição do definido *this*, é julgar os artigos do PB como equivalentes ao do inglês: o artigo definido dessas línguas não valora os mesmos traços. Em conclusão, a aquisição do artigo definido *this* por falantes adultos nativos do PB envolve um complexo processo de remarcação paramétrica, uma das tarefas mais complexas para o falante de L2, segundo Slabakova (2016), e aparentemente somente possível em níveis de alta proficiência, conforme sugere Marcelino (2017).

Diante de todas essas diferenças entre o feixe de traços do artigo definido no PB e no inglês, uma vez que as duas línguas disponibilizam sistema de artigos e o codificam a partir da definitude, as gramáticas de referências e os livros didáticos não parecem guiar o aprendiz para as conclusões corretas, tornando ainda mais complexa a tarefa de remarcação paramétrica.

As gramáticas de língua inglesa pontuam quando se usa e quando não se usa os artigos definidos para marcar a definitude. Não existe oscilação de uso do artigo definido em inglês. Por outro lado, o PB admite o uso facultativo dos artigos definidos para valorar a definitude. Além de o PB ter maior necessidade de marcar a definitude dos NPs com matriz fonológica quando comparado ao inglês. Essa diferença de emprego do artigo definido pode ser um indício de dificuldade para o adulto PB L1 em adquirir o artigo definido em inglês. Isso, porque, se esse aprendiz decide não usar o artigo definido com a mesma liberdade encontrada em PB, esse falante pode valorar o traço de genericidade equivocadamente. Se, contudo, o falante de PB L1 decidir marcar a definitude de um NP em inglês que não pede matriz fonológica para isso, esse falante também irá errar o emprego do artigo. Outro ponto observado ao longo dos dados de produção em PB e em inglês aqui apresentados é a valoração da definitude pela substituição dos pronomes possessivos pelo artigo definido, o que pode ser outro fator interveniente na aquisição tardia do definido *the*. Em suma, a dificuldade de aquisição tardia do *the* por falantes de PB L1 reside aparentemente na matriz fonológica do traço de definitude e possessividade e não nos traços em si, bem como na remarcação paramétrica e os livros didáticos não parecem fornecer *input* suficiente para que o

falante ultrapasse o estágio de flutuação, remarque os parâmetros adequadamente e não fossilize o seu uso.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou a aquisição do artigo definido no inglês como L2 e procurou responder às seguintes perguntas:

- a. Quais os erros mais comuns envolvendo a aquisição do artigo definido *the* por falantes nativos adultos do PB? Como se caracterizam esses erros?
- b. Quais são as diferenças gramaticais entre o artigo definido no inglês e no português?
- c. Como esses falantes nativos do PB lidam gramaticalmente com os traços de definitude e especificidade em relação ao artigo definido quando estão adquirindo o inglês como L2?

Os erros mais comuns diagnosticados, a partir do meu *corpus*, foram o emprego do definido em contextos de *bare nouns* e, mais enfaticamente, o uso do artigo definido no lugar dos possessivos. Essa constatação direcionou às principais diferenças gramaticais do artigo definido entre essas duas línguas: os seus traços. O definido em PB codifica os traços de definitude, gênero, número, genericidade e possessividade. Já em inglês, ele valora apenas os traços de definitude e genericidade. Os dados aparentemente sugerem que a dificuldade do público-alvo, em relação ao problema identificado, não reside no possível conflito entre definitude e especificidade, como apontam estudos (IONIN et al. 2004) sobre outras línguas, mas no traço de possessividade. Essa dificuldade é reforçada pelas gramáticas de referência e pelos livros didáticos, que induzem o aprendiz a pensar que os artigos de ambas as línguas são equivalentes entre si. Isso, além de não ser *input* suficiente para que o falante de inglês L2 perceba as reais diferenças dos artigos entre PB e inglês, pode ser um fator que dificulta a sua aquisição. A grande diferença encontrada, ao longo desta pesquisa, e apontada nos dados de produção é que os artigos do PB e do inglês valoram traços diferentes e isso não é apresentado aos falantes de L2 em nenhum material didático. Esse contexto provoca uma super generalização de uso do artigo, culminando em fossilização. Os dados de produção apresentados nesta pesquisa demonstraram, em maior destaque, que os falantes de PB L1 e inglês L2 transferem o traço de



possessividade do artigo da L1 para a L2, possivelmente devido à falta de *input* adequado.

Esta pesquisa procurou trazer luz aos estudos de aquisição de L2, focando o artigo definido e um de seus erros cometidos pelos falantes de PB L1: o uso equivalente do definido no lugar do possessivo. Importante ressaltar que este estudo não teve a pretensão de ser exaustivo, mas se pautou nos problemas trazidos pelo corpus. Os diferentes usos do artigo definido *the* podem vir a apresentar outras possibilidades de análises diferentes, com o problema residindo em outros traços, o que apenas reforçaria a dificuldade de aquisição desse item lexical. Por ora, isso permanece como uma limitação deste estudo, ou como sugestão para futuras pesquisas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNEY, Paul Steven. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Tese de doutoramento. M.I.T. 1987.

ALENCAR, Patrícia Vargas. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. 2006. Dissertação (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

ALEXIADOU, Artemis. *Possessors and (in) definiteness*. *Língua*, v. 115, march, 2004.

BALDÉ, Nailia Rafikovna. *A aquisição do artigo definido em português L2 por falantes de L1 russo*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

BAILEY, N.; MADDEN, C.; KRASHEN, S. Is there a ‘natural sequence’ in adult second language learning? *Language Learning*, n. 24, 1974.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BIRDSONG, David (Ed.). *Second language acquisition and the critical hypothesis*. Taylor & Francis e-Library: 2009.

BROWN, R. *A first language: the early stages*. Harvard University Press, 1973.

CAMACHO, J. The null subject parameter revisited: the evolution from null subject Spanish and Portuguese to Dominican Spanish and Brazilian Portuguese. In: KATO, A. M.; ORDOÑEZ, F. (org.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CARVALHO, Daniel da Silva de (org.). *Traços-phi: contribuições para a compreensão da gramática do português*. Salvador: EDUFBA, 2017.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language. Its nature, origin, and use*. New York: Prager Publishers, 1986.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.

\_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Beyond Explanatory Adequacy*. MITOPL, 2001.

CORREA, P. *A expressão da mudança de estado na interlíngua de aprendizes brasileiros de espanhol*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: EdUNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro. (Tese de Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 1995.

ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. *MIT: Linguistics Inquiry*, v. 22, n. 1, 1991.

FARKAS, Donka F.; BRAȘOVEANU, Adrian. A typology of specificity. *RRL, LVIII*, București, n. 4, 2013.

FIGUEIREDO SILVA, M. *A posição sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas: EdUNICAMP, 1996.

FRANCHI, C.; NEGRAO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Delta*. Retrieved February 15, 2009. 1998.

GALLEGO, Á. J. Parameters. In: C. Boeckx. (Org.). *The Oxford handbook of linguistic minimalism*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

GEIST, Ljudmila. Specificity as Referential Anchoring: evidence from Russian. In: GRØNN, Atle (ed). SuB12, Oslo: ILOS 2008. *Proceedings...* [S.n.t.].

GHOMESSHI, Jila; PAUL, Ilena; WILTSCHKO, Martina (Ed.). *Determiners: universals and variation*. Amsterdan; Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GILLON, Carrie. *The semantic core of determiners: Evidence from Skwxwú7mesh*. In: *Linguistik Aktuell/ Linguistics Today* 147.

GHOMESSHI, Jila; PAUL, Ilena; WILTSCHKO, Martina (Ed.). *Determiners: universals and variation*. Amsterdan; Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GRÉDIS, Rosi Ana. A importância dos estudos sobre a gramática universal nas pesquisas em aquisição de segunda língua. In: *Estudos Linguísticos*. Salvador: Universidade Feevale, 2016. n. 44.

\_\_\_\_\_; ZUBIZARRETA, Maria Luiza; MALDONADO, Salvador Bautista. *Sources of linguistic knowledge in the second language acquisition of English articles*. *Lingua*. v. 118. 2008. n. 4

HAWKINS, J.A. *Definiteness and Indefiniteness. A study in reference and grammatical prediction*. London: Croom Helm, 1978.

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. [Tese de Doutorado]. University of Massachusetts: Amherst, 1982.

LIGHTFOOT, David. *How to set parameters: arguments for language chance*. MIT Press, 1991.

Negri, L. *Artigo Definido: sintaxe ou pragmática?* Paraná: Universidade Federal do Paraná, 1988.

KATO, Mary. *A Contribuição Chomskyana para a compreensão da aprendizagem de L2*. Campinas: Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.). *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005.

\_\_\_\_\_; NEGÃO, E. (Eds.) “Brazilian Portuguese and the null subject parameter”. Madrid: Iberoamericana, 2000.

\_\_\_\_\_. *A semântica gerativa e o artigo definido*. São Paulo: Ática, 1974.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M. E. L. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. In: PILATI, E.; SALLES, H. L.; NAVES, R. (Org.). *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LONGOBARDI, Giuseppe. *Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form*. Università di Venezia. Seminario di Linguistica, 1994.

LOPES, Ruth Vasconcelos E. *Traços semânticos na aquisição da linguagem*. v. 41. n. 1. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2006.

MARCELINO, Marcello. Aquisição de segunda língua e bilinguismo. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 38-67, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.

\_\_\_\_\_. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. The compounding parameter and L2 acquisition. In: BELLAMY, K.; CHILD, M.; GONZÁLEZ, P; MUNTENDAM, A.; COUTO, M. C. P. (Org.). *Multidisciplinary approaches to bilingualism in the hispanic and lusophone world* 13. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. n. 13.

MARINÑAS, Laura Torrado. Definite article use in the il of Spanish speakers: a multi-dimensional problem. *A Journal of English and American Studies*. 2011. n. 43.

MINUSSI, Rafael. *A relação entre caso e definitude no hebraico: o construct state e a marcação diferencial de objeto*. Tese (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008

RODIONOVA, Elena. *Word order and information structure in Russian Syntax*. Tese (Dissertação de Mestrado) – University of North Dakota. 2001.

ROEPER, T. Universal bilingualism. *Bilingualism: language and cognition*, 1999.

SAAB, Andrés. *On the notion of partial (non-) pro-drop in Romance*. In: KATO, A. M.; ORDOÑEZ, F. (org.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*. 1972. n. 10. v. 3.

SCHWARTZ, B. D.; SPROUSE, R. A. Generative approaches and the poverty of the stimulus. In: HERSCHENSOHN, J.; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Ed.). *The Cambridge handbook of second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

SLABAKOVA, Roumyana. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SNYDER, W. *Language acquisition and language variation: the role of morphology*. 1995. Doctoral dissertation – The Massachusetts Institute of Technology. Cambridge, MA, 1995.

SWAN, Michael; WALTER, Catherine. *How English works: a grammar book with answer*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

VAINIKKA, Anne; YOUNG-SCHOLTEN, Martha. Direct access to X'-theory: evidence from Korean and turkish adults learning german. In: HOEKESTRA, Teun; SCHWARTZ, Bonnie D. (Ed.). *Language aquisition studies in generative grammar*. Amsterdan; Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 1994.

\_\_\_\_\_; YOUNG-SCHOLTEN, Martha. *Gradual development of L2 phrase structure*. Second Language Research, 1996. v. 12. n. 1.

VIOTTI, Evani. *Sobre o efeito da definitude em sentenças existenciais*. Revista do GEL, 2002.

PINTO, Veirano Marcia. *O uso de things, thing, anything, something e everything em corpora de aprendiz*. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: PUC, 2008. Disponível em: <[https://www.academia.edu/6106147/O\\_uso\\_de\\_thing\\_things\\_anything\\_something\\_and\\_everything\\_em\\_corpora\\_de\\_aprendiz](https://www.academia.edu/6106147/O_uso_de_thing_things_anything_something_and_everything_em_corpora_de_aprendiz)>. Acesso em: 14 maio 2018.

VON HEUSINGER, Klaus. Specificity and definiteness in sentence and discourse structure. *Journal of Semantics*, Oxford University Press, 2002. n. 19.

WARTENGER, Isabell; HEEKEREN, Hauke R.; ABUTALEBI, Jubin; CAPPA, Stefano F.; VILLRINGER, Arno; PERANI, Daniela. *Early setting of grammatical processing in the bilingual brain*. Neuron, 2003. v. 37.

WHITE, Lydia. Second language acquisition: from initial to final state. Disponível em: <<http://blogs.umass.edu/moiry/files/2015/08/white2000.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language learning*, 1985. n. 35.

WILTSCHKO, Martina. What's a determiner and how did it get there? In: GHOMESSHI, Jila; PAUL, Ilena; WILTSCHKO, Martina (Ed.). *Determiners: universals and variation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

## **TANIA IONIN**

IONIN, Tania. *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Tese. Massachusetts Institute of Technology. Massachusetts, 2003.

\_\_\_\_\_; ZUBIZARRETA, María Luiza; MALDONADO, Salvador Bautista. *Sources of linguistic knowledge in the second acquisition of English articles*. *Lingua*: 2008.

\_\_\_\_\_; ZUBIZARRETA, María Luiza; HILIPPOV, Vadim. Acquisition of article semantics by child and adult L2-English learner's. *Bilingualism: Language and Cognition*, 2009. v. 12. n. 3.

\_\_\_\_\_; MONTRUL, Silvina; SANTOS, Hélade. *An experimental investigation of the expression of genericity in English, Spanish and Brazilian Portuguese*. New York: Elsevier, 2011.

\_\_\_\_\_; KO, Heejeong; WEXLER, Kenneth. Article semantics in L2 acquisition: the role of specificity. *Language Acquisition*, 2004. v. 12. n. 1.

## **DICIONÁRIOS E LIVROS DIDÁTICOS**

AURÉLIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/artigo/>>. Acesso em: 28 out. 2017.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.



CAMBRIDGE. Disponível em:  
[https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/definite-  
article?fallbackFrom=british-grammar](https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/definite-article?fallbackFrom=british-grammar)>. Acesso em: 28 out. 17.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DIXTON, Robert J. *Graded exercises in English*. 2. ed. Barueri: Disal, 2007.

FRODESEN, Jan; EYRING, Janet. *Grammar dimensions: form, meaning and use*. 4th ed. Boston: Heinle & Heinle Publisher, 2000.

LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. *A communicative grammar of English*. 3rd ed. New York: Taylor & Francis, 2002.

MURPHY, Raymond. *English grammar in use*. 3rd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

THESAURUS. Disponível em: <[http://www.dictionary.com/browse/definite-  
article?s=t](http://www.dictionary.com/browse/definite-article?s=t)>. Acesso em: 28 out. 2017.